

BNIB Conjuntura Econômica

Periódico elaborado pelo Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE

78

Jan/Mar 2024



OBRA PUBLICADA PELO



PRESIDENTE

Paulo Henrique Saraiva Câmara

DIRETORES

Ana Teresa Barbosa de Carvalho,
José Aldemir Freire,
Leonardo Victor dantas da Cruz,
Luiz Abel Amorim de Andrade,
Thiago Alves Nogueira e
Wanger Antônio de Alencar Rocha

**ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS
ECONÔMICOS DO NORDESTE – ETENE**

Tibério Rômulo Romão Bernardo
Gerente de Ambiente

Allisson David de Oliveira Martins
**Gerente Executivo – Célula de Estudos e Pesquisas
Macroeconômicas**

CORPO EDITORIAL

Editor-Científico
Luiz Alberto Esteves

Editor-Chefe
Tibério Rômulo Romão Bernardo

Editor-Executivo
Allisson David de Oliveira Martins

EQUIPE TÉCNICA

Nível de Atividade Econômica
Allisson David de Oliveira Martins
Adriano Sarquis Bezerra de Menezes

Produção Agropecuária
Hellen Cristina Rodrigues Saraiva Leão

Produção Industrial
Liliane Cordeiro Barroso

Intermediação Financeira
Allisson David de Oliveira Martins

Serviços e Comércio
Wellington Santos Damasceno

Comércio Varejista e Turismo
Laura Lúcia Ramos Freire

Mercado de Trabalho
Hellen Cristina Rodrigues Saraiva Leão

Comércio Exterior
Laura Lúcia Ramos Freire

Finanças Públicas e Índice de Preços
Antônio Ricardo de Norões Vidal

Estagiário
José Wilker

Jovem Aprendiz
Pedro Ivo Borges de Souza

Revisão
Hermano José Pinho

Diagramação
Gustavo Bezerra Carvalho

Banco do Nordeste do Brasil S/A
**Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste -
ETENE**
Av. Dr. Silas Munguba, 5.700 - Bloco A2 - Térreo Passaré -
60743-902 - Fortaleza (CE) - BRASIL
Telefone: (85) 3251-7177
Cliente Consulta: 0800 728 3030

Os conceitos e opiniões emitidos nesse documento não refletem necessariamente o ponto de vista do BNB.
É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte.

Dados internacionais de catalogação na publicação.

BNB Conjuntura Econômica, n.1, 2004- Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2004-

n.

Quadrimestral

Periodicidade anterior: 2004-2005 bimestral; 2006-2013 quadrimestral; 2014 semestral.

ISSN 18078834

1.Economia- Brasil – Nordeste – Periódicos. 2. Desenvolvimento econômico – Brasil – Nordeste
– Periódicos. I Banco do Nordeste do Brasil.

CDD:330.05

CDU: 33 (812/814) (05)

Sumário

1 Atividade Econômica	4
2 Produção Agropecuária.....	9
3 Atividade Industrial	17
4 Serviços.....	22
5 Varejo	25
6 Turismo	28
8 Comércio Exterior	39
9 Finanças Públicas	47
10 Intermediação Financeira	52
11 Índices de Preços	57
12 Cesta Básica	60

1 Atividade Econômica

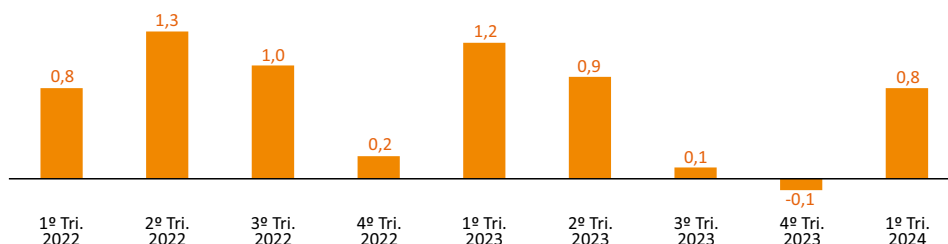
Brasil

1.1 Produto Interno Bruto

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Produto Interno Bruto do Brasil avançou 0,8% no primeiro trimestre de 2024, relativamente ao mesmo período de 2023, sinalizando, à primeira vista, uma trajetória mais favorável de expansão da economia neste ano, alimentada pela perspectiva de um contexto macroeconômico estável, com queda das taxas de juros e estabilidade de preços. No entanto, na comparação interanual, o PIB do primeiro trimestre de 2024, acumulado nos últimos 12 meses, ficou em 2,5%, sendo o mais baixo do período de 2021 a 2024, significando a 3ª desaceleração trimestral consecutiva no acumulado de 4 trimestres seguidos.

A tendência é de novas restrições ao crescimento da economia, repercutindo a calamidade do Rio Grande do Sul, cujos impactos serão contabilizados a partir do segundo trimestre. Aliado a isso, tem ainda as restrições fiscais, que poderão comprometer o desempenho orçamentário do Governo Federal, limitando sua capacidade de investir em setores estratégicos para impulsionar o crescimento econômico. Por conta disso, a expectativa do mercado para este ano é que o crescimento do PIB seja em torno de 2%, menor do que os 2,9% de 2023.

Gráfico 1 – Produto Interno Bruto - PIB - Brasil - % em relação ao trimestre anterior - 2022 a 2024*

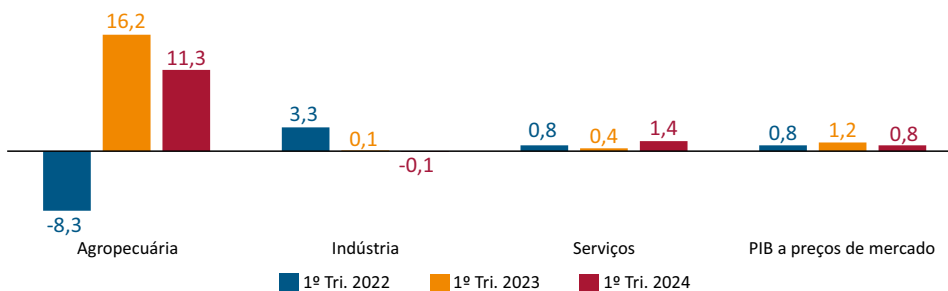


Fonte: IBGE(2024). Elaboração: Etene (2024)

(*) Com ajuste sazonal.

O bom resultado do primeiro trimestre de 2024 foi influenciado pelo desempenho da agropecuária, com crescimento de 11,3% na comparação com o quarto trimestre de 2023, influenciado pelo aumento do abate de bovinos e a sazonalidade da colheita da soja, que ainda permanece elevada. Outro setor que impulsionou a economia nesse período foi o setor de serviços, que avançou 1,4% nesses meses iniciais, com destaque para as atividades de comércio (+3%), informação e comunicação (+2,1%), outras atividades de serviços (+1,6%) e atividades imobiliárias (1%). A atividade industrial caiu 0,1% no primeiro trimestre em relação ao 4º trimestre de 2023, sendo essa queda explicada pelo fraco desempenho dos setores de eletricidade e gás, água, esgoto e atividades de gestão de resíduos (-1,6%), construção (-0,5%) e indústrias extrativas (-0,4%). A exceção foi a indústria de transformação, que registrou expansão de 0,7%, impulsionada pelo crescimento da produção de bens de capital e de bens de consumo duráveis.

Gráfico 2 – Produto Interno Bruto - PIB - Brasil - Oferta - % em relação ao trimestre imediatamente anterior - 2022 a 2024*



Fonte: IBGE(2024). Elaboração: ETENE (2024)

*Sem ajuste sazonal

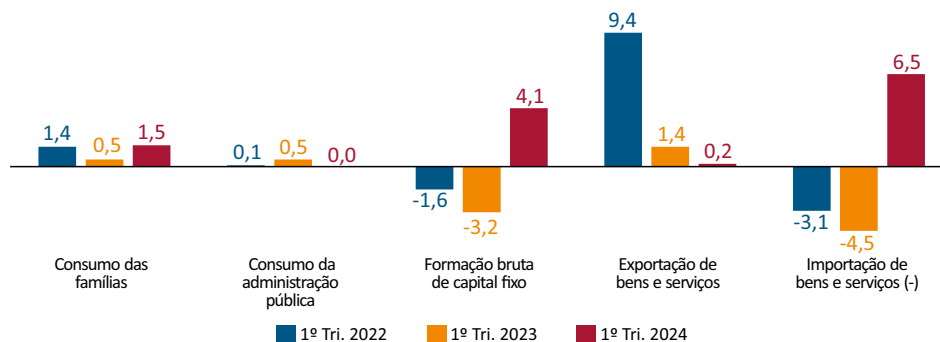
A análise do desempenho do PIB, pela ótica da despesa, também revela a influência de alguns de seus componentes sobre a expansão da atividade econômica no primeiro trimestre, quando comparada com os últimos três meses do ano passado. Esse comportamento é justificado pela melhora do mercado de trabalho e pelas taxas de juros e inflação mais baixas. Além disso, a continuidade dos programas de auxílio às famílias também é vista como um dos fatores condicionantes desse desempenho. São esses fatores que explicam a importância das despesas de Consumo das Famílias, que avançou 1,5% no primeiro trimestre de 2024, recuperando-se do recuo de 0,3% no quarto trimestre do ano passado. Já o consumo do Governo desacelerou, passando de alta de 0,9% no último trimestre de 2023 para uma variação nula nos primeiros três meses de 2024.

Os investimentos também foram destaque pelo lado da demanda agregada, tendo em vista o crescimento de 4,1% registrado no primeiro trimestre de 2024, impulsionado pelo crescimento das importações de bens de capital, no desempenho positivo da construção e o aumento do desenvolvimento de sistemas, os quais, conjuntamente suplantaram a queda na produção interna de bens de capital. No entanto, vale ressaltar que na comparação interanual, os gastos com formação de capital fixo no País apresentaram variação negativa (-2,7%). Convém observar que a recuperação do investimento é um indicador fundamental do potencial de crescimento estrutural da economia brasileira nos próximos anos.

A taxa de investimento no primeiro trimestre de 2024 foi de 16,9% do PIB, abaixo dos 17,1% registrados no primeiro trimestre de 2023, enquanto a taxa de poupança caiu para 16,2%, menor do que a registrada no mesmo trimestre de 2023 (17,5%). A justificativa para essa queda na poupança está relacionada com o crescimento bem acima do PIB do Consumo das Famílias.

No setor externo, as exportações cresceram 0,2% no primeiro trimestre deste ano, enquanto as importações evoluíram em ritmo superior, com expansão de 6,5% nesse período, contribuindo, portanto, de forma negativa para o desempenho do PIB, diferentemente do ocorrido no mesmo período de 2022 e 2023. Dentre os fatores que vêm impactando nesse comportamento do setor externo, cabe mencionar o fato de que o mundo vem atravessando um momento de grande instabilidade e de profundas transformações, tanto no âmbito econômico quanto nas esferas social, tecnológica, ambiental e geopolítica, com implicações relevantes no ritmo de expansão do comércio mundial.

Gráfico 3 – Produto Interno Bruto - PIB - Brasil - Demanda - % do 1º Trimestre em relação ao trimestre imediatamente anterior - 2022 a 2024*



Fonte: IBGE(2024). Elaboração: Etene (2024)
*Sem ajuste sazonal

Esse desempenho da atividade econômica ocorreu em um cenário no qual ainda predominam algumas incertezas, principalmente relacionadas com o compromisso do Governo Federal em equilibrar as contas públicas, a partir do controle de gastos. Dentre os obstáculos que se projetam para o desempenho futuro da economia destacam-se o déficit primário, da ordem de 2,3% do PIB, e o lento processo de flexibilização monetária. Diante disso, a meta de zerar o déficit primário foi adiada para 2025, devendo ocorrer superávit fiscal somente a partir de 2026.

1.2 Inflação, Juros e Câmbio

As políticas adotadas pelos países para combater os efeitos econômicos negativos decorrentes da pandemia do Covid-19, em 2020, cuja estratégia principal foi a adoção de política monetária mais flexível, tiveram como um dos principais desdobramentos a elevação dos níveis inflacionários em âmbito mundial. Com o fim da pandemia, os governos de países desenvolvidos e em desenvolvimento tiveram que mudar a estratégia de política macroeconômica, passando a adotar uma política monetária mais restritiva, visando eliminar os focos de pressão inflacionária. Essa estratégia tem sido exitosa e, conforme revelam os dados do World Economic Outlook, do Fundo Monetário Internacional (FMI), todas as economias que vêm seguindo essa estratégia já estão experimentando um processo de desinflação, iniciado em meados de 2022, mas que vem se consolidando até os dias atuais. As expectativas são de que até 2025 a inflação convirja para a meta na maioria dos países.

Apesar desse cenário, as expectativas atuais ainda são marcadas por um comportamento de muita cautela dos Bancos Centrais dos países emergentes, particularmente no Brasil, tendo em vista a incerteza quanto à flexibilização da política monetária nos Estados Unidos e à velocidade com que se observará a queda da inflação de forma sustentada em diversos países. No cenário futuro, despontam fatores como o aquecimento do mercado de trabalho e o aumento dos salários reais nos países desenvolvidos, principalmente nos Estados Unidos, que poderão limitar a queda mais intensa da inflação ao longo de 2024.

No Brasil, o Bacen tem mantido certa prudência nesses meses iniciais de 2024, por conta dessa volatilidade do ambiente externo, de forma a assegurar o seu compromisso em promover a convergência das taxas de inflação para as metas estabelecidas. O ambiente econômico doméstico vem se beneficiando da redução de choques exógenos de preços internacionais, exercendo pressão para baixo sobre a inflação interna. Além disso, a tendência de desinflação tende a ser reforçada, ainda, pela menor taxa de câmbio no primeiro trimestre de 2024, como pode ser constatado pela trajetória de queda da inflação medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), cuja variação acumulada em doze meses vem registrando sucessivas quedas nas comparações mensais com os mesmos períodos do ano anterior.

A inflação acumulada em doze meses, até março, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), recuou para 3,93%, ficando abaixo do cenário previsto pelo Copom, mas a inflação cheia e a média dos núcleos de inflação aumentaram para patamares que superam a meta de inflação. O IPCA apresentou variação 0,4 p.p. acima do cenário de referência apresentado pelo Bacen, o que se deveu aos segmentos de preços administrados, notadamente gasolina, e alimentação no domicílio, com destaque para os segmentos de alimentos in natura, no agregado de arroz e feijão e em leites e derivados. Apesar da inflação de curto prazo mais elevada, as expectativas de inflação para 2024 mantiveram-se estáveis, no patamar de 3,75%, segundo a mediana apurada pela pesquisa Focus.

Tabela 01 – Inflação Medida pelo IPCA 2024 (Variação %)

	Janeiro	Fevereiro	Março	No trim. até março	12 meses até março
Cenário COPOM	0,26	0,52	0,24	1,02	4,01
IPCA observado	0,42	0,83	0,16	1,42	3,93
Diferença	0,16	0,31	-0,08	0,4	-0,08

Fonte: IBGE e BC

Tendo em vista essa melhora no quadro inflacionário, o Copom manteve a estratégia de flexibilização da política monetária, reduzindo a taxa Selic para 10,75% ao ano, pela sexta vez consecutiva. Entretanto, a ata dessa reunião que aprovou a redução, revela a possibilidade de suspensão da trajetória de queda a partir da próxima reunião, tendo em vista os fatores de risco associados com a lentidão da desinflação e reancoragem apenas parcial das expectativas inflacionárias. Assim, é possível que ocorra nova redução de 0,5 p.p. na Selic apenas até a nova reunião do Copom.

Em relação ao câmbio, observa-se que a formação da taxa de câmbio tem sido dominada pelo comportamento da moeda americana no exterior, que vem registrando um fortalecimento global. Isso se deve ao fato de que a economia americana está crescendo mais e tem taxa de juros atrativa,

provocando esse movimento de valorização do dólar nesses meses iniciais de 2024. Analistas atribuem esse fortalecimento global do dólar no primeiro trimestre ao rearranjo das apostas em torno do corte inicial de juros nos EUA e da magnitude de alívio monetário esperado para este ano.

Até março de 2024 houve uma desvalorização de 1,69%, com a taxa real/dólar passando de 4,90 em dezembro do ano passado para 4,98 em março de 2024, considerando as médias mensais. A desvalorização do real em 2024 contrasta com a tendência de queda do preço do dólar que se vinha observando, aproximadamente, desde 2021. As expectativas do relatório Focus apontam para um câmbio de R\$ 5,00/US\$ ao final de 2023 e de R\$ 5,02/US\$ em dez./2024. Mas o cenário ainda contempla muitas incertezas por conta do contexto internacional e das incertezas internas que podem trazer volatilidades adicionais na cotação da moeda.

Nordeste

A economia nordestina, medida pelo índice de atividade IBCR-NE do Banco Central, avançou 3,2% no 1º trimestre de 2024, quando comparado com o mesmo período do ano anterior, superando a performance em nível nacional, que foi de crescimento de 1,0%. Com esse resultado, a Região Nordeste foi a que mais cresceu no nível de atividade econômica no Brasil em 2024, seguida por Norte e Sudeste, que cresceram 3,1%.

Entre os estados do Nordeste divulgados pelo Bacen, o Ceará, segundo o Banco Central, foi o que apresentou o maior crescimento no índice de atividade econômica, 4,4% no primeiro trimestre de 2024, quando comparado com o mesmo período de 2023. O crescimento da economia cearense, decorre, em grande medida, dos avanços do volume de vendas do comércio varejista (9,1%); além do crescimento da produção física industrial, representa pela indústria de transformação, que cresceu 6,0% nos três primeiros meses do ano.

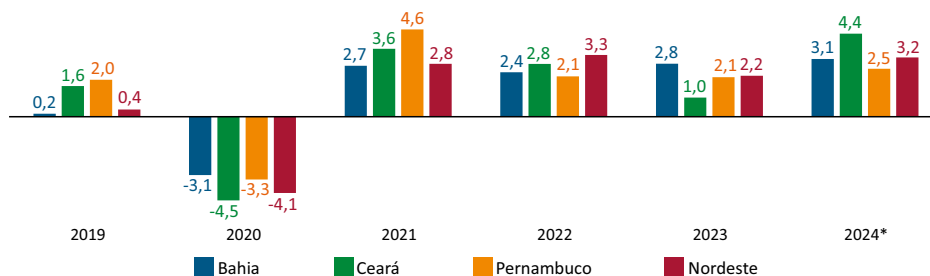
O Estado da Bahia, que detém o maior peso econômico relativo do Nordeste, apresentou elevação de 3,1% no índice de atividade estadual no 1º trimestre de 2024, na comparação com o mesmo período do ano anterior. A conjuntura econômica da Bahia em 2024, no 1º trimestre, tem como destaque também o avanço do volume de vendas do comércio varejista, em função do crescimento de 11,4%, quando comparado ao mesmo período de 2023, com destaque para a performance das vendas em Hipermercados e Supermercados (+18,3%), Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (+14,0%) e Outros artigos de uso pessoal e doméstico (+13,9%).

A economia pernambucana, pela ótica do índice de atividade econômica do Banco Central, apresentou crescimento de 2,5% no 1º trimestre de 2024, quando comparado com o mesmo trimestre de 2023. O destaque, em Pernambuco, foi a performance do volume de vendas do comércio varejista ampliado, que anotou crescimento de 8,0%, sobretudo pela expansão de 19,0% das vendas de Veículos, motocicletas, partes e peças.

O Estado de Minas Gerais, que é contemplado, em parte, como área de abrangência do Banco do Nordeste, também apresentou crescimento nos três primeiros meses de 2024, com performance positiva de 2,5%. No mesmo sentido, o Estado do Espírito Santo, que tem parte da região do Estado atendida pelo Banco do Nordeste, registrou avanço de 2,4% no índice de atividade econômica estadual, no período de janeiro a março de 2024, em comparação com janeiro a março de 2023.

De forma geral, a atividade econômica do Nordeste em 2024 foi favorecida pelo avanço dos serviços e comércio, da melhora do mercado de trabalho, da elevação do rendimento médio real e do processo de desinflação, apesar do aperto das condições financeiras, com juros e nível de endividamento das famílias ainda elevados.

Gráfico 4 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central do Brasil – Nordeste, Bahia, Ceará e Pernambuco - % em relação ao ano anterior - 2019 a 2024*



Fonte: Banco Central do Brasil, 2024. Elaboração: BNB/Etene (2024).

*2024 refere-se ao 1º trimestre de 2024, quando comparado com o mesmo trimestre do ano anterior.

Tabela 2 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central do Brasil – Brasil, Nordeste, Sudeste, Bahia, Ceará, Pernambuco, Espírito Santo e Minas Gerais - % Crescimento no ano - 2019 a 2024*

	2019	2020	2021	2022	2023	2024*
Brasil	1,0	-4,2	4,6	2,8	2,4	1,7
Nordeste	0,4	-4,1	2,8	3,3	2,2	2,5
Bahia	0,2	-3,1	2,7	2,4	2,8	3,4
Ceará	1,6	-4,5	3,6	2,8	1,0	1,6
Pernambuco	2,0	-3,3	4,6	2,1	2,1	2,6
Sudeste	1,7	-3,2	4,1	3,0	2,7	2,9
Espírito Santo	-3,7	-6,0	6,7	-1,6	4,4	5,2
Minas Gerais	-0,2	-1,9	5,2	3,3	4,3	3,7

Fonte: Banco Central do Brasil, 2024. Elaboração: BNB/Etene (2024).

* 2024 refere-se ao acumulado dos últimos doze meses

2 Produção Agropecuária

2.1 Agricultura

Segundo dados do IBGE, a expectativa para a Safra de grãos no País para 2024 deverá alcançar 298,3 milhões de toneladas de grãos, quebra na produção em -5,4% frente à Safra passada, segundo o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola do IBGE (Tabela 1).

Entre as principais causas da perda na produção de grãos estão as condições climáticas, com clima seco e quente na Região do Centro-Oeste, uma das maiores regiões produtoras de soja e milho do País, o desenvolvimento dos ciclos das lavouras vem sendo prejudicados, principalmente nas culturas de soja, algodão e milho e, devido às condições climáticas que vêm impactando negativamente o desenvolvimento de algumas culturas.

A área plantada com grãos, no País, foi estimada em 78,5 milhões de hectares em 2024, aumento de +0,5% frente à safra anterior, diante das expectativas da melhoria dos preços praticados no mercado das principais culturas, como aumento do preço médio da pluma do algodão, soja e seus derivados. Desta forma, as culturas de algodão e soja obtiveram significativos avanços na área plantada, crescimento de +12,5% e +3,5%, frente à safra passada, respectivamente.

Considerando a proporção de área plantada para as principais culturas, verifica-se que soja e milho representam com 58,2% e 26,9% sobre a área plantada total destinada ao plantio de grãos, nesta ordem, ou seja, cerca de 85,1% da área plantada das lavouras no País.

Tabela 1 – Brasil, Nordeste e Estados selecionados: Safra de grãos (em toneladas) - 2023 e 2024

Brasil e Grandes Regiões	Safra 2023		Safra 2024		Variação entre as Safras 2024 e 2023	
	Produção (t)	Part. (%)	Produção (t)	Part. (%)	Absoluta	Relativa (%)
Norte	16.824.740	5,33	17.106.407	5,73	281.667	1,7%
Nordeste	26.961.133	8,55	25.828.923	8,66	-1.132.210	-4,2%
Maranhão	6.537.881	2,07	6.496.407	2,18	-41.474	-0,6%
Piauí	6.442.898	2,04	5.886.438	1,97	-556.460	-8,6%
Ceará	475.580	0,15	561.658	0,19	86.078	18,1%
Rio Grande do Norte	37.873	0,01	44.145	0,01	6.272	16,6%
Paraíba	61.839	0,02	162.455	0,05	100.616	162,7%
Pernambuco	96.527	0,03	193.783	0,06	97.256	100,8%
Alagoas	131.923	0,04	191.654	0,06	59.731	45,3%
Sergipe	1.028.554	0,33	956.513	0,32	-72.041	-7,0%
Bahia	12.148.058	3,85	11.335.870	3,80	-812.188	-6,7%
Sudeste	30.669.768	9,72	27.974.923	9,38	-2.694.845	-8,8%
Sul	79.862.018	25,32	87.251.735	29,25	7.389.717	9,3%
Centro-Oeste	161.068.641	51,07	140.167.779	46,98	-20.900.862	-13,0%
Brasil	315.386.300	100,00	298.329.767	100,00	-17.056.533	-5,4%

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2024).

Nota (1): Participação das regiões e estados em relação ao País.

Regionalmente, a produção de grãos deverá obter acréscimos nas Regiões Sul (+9,4%) e Norte (+5,7%) do País, para 2024. No entanto, devido às condições climáticas desfavoráveis, com tempo quente e seco, principalmente na Região Centro-Oeste, a produção de grãos deverá ser afetada. Centro-Oeste (-13,0%), Sudeste (-8,8%) e Nordeste (-4,2%) deverão puxar a média nacional para quebra na produção de grãos, com redução de 5,4% frente à safra passada.

Em termos de participação, o Centro-Oeste deverá permanecer como maior produtor nacional de grãos, atingindo 140,1 milhões de toneladas de grãos, cerca de 47,0% do total do País. Na sequência, o Sul, com produção de 87,2 milhões de toneladas, participa com 29,2% da produção nacional em 2024; o Sudeste deverá atingir produção de 27,9 milhões de toneladas (9,4%); o Nordeste registrou 25,8 milhões de toneladas (8,7% do total) e o Norte, com produção de 17,1 milhões de toneladas de grãos, participa com 5,7% do total de grãos produzidos no País.

Quanto à produção de grãos no País, os resultados para a Safra 2023 foram bastante promissores. Destacam-se em crescimento as produções de trigo (+28,3%), feijão (+11,1%), algodão (+8,0%), amendoim (+4,3%) e arroz (+1,7%), conforme dados da Tabela 2. Enquanto, as produções de sorgo (-12,6%), milho (-11,4%), mamona (-7,9%) e soja (-3,3%) apresentaram declínio, diante dos efeitos adversos das condições climáticas na safra de 2024.

Considerando os principais produtos agrícolas, as estimativas de resultados para a Safra de 2024 deverão ser prejudicadas para algumas lavouras de verão. No País, destacam-se em crescimento de produção das culturas de castanha-de-caju (+13,6%), tomate (+5,8%), café (+5,6%), cacau (+2,3%) e banana (+1,0%), conforme dados da Tabela 2.

Tabela 2 – Principais produtos da Safra no Brasil e Nordeste (Em mil toneladas) – 2023 e 2024

Principais Lavouras	Brasil			Nordeste			Part. (%) NE / BR 2022
	Safra 2023	Safra 2024	Var. (%)	Safra 2023	Safra 2024	Var. (%)	
Cereais, leguminosas...	315.386.300	298.329.767	-5,4	26.961.133	25.828.923	-4,2	8,7
Algodão	7.733.764	8.352.888	8,0	1.937.501	1.999.141	3,2	23,9
Amendoim	862.821	900.068	4,3	11.004	11.693	6,3	1,3
Arroz	10.282.517	10.456.632	1,7	351.877	338.424	-3,8	3,2
Feijão	2.951.728	3.278.588	11,1	470.960	608.665	29,2	18,6
Mamona	33.556	30.893	-7,9	33.268	29.843	-10,3	96,6
Milho	131.085.011	116.122.535	-11,4	9.863.382	8.256.925	-16,3	7,1
Soja	151.963.045	146.910.727	-3,3	14.756.410	15.090.035	2,3	10,3
Sorgo	4.307.118	3.765.649	-12,6	257.244	239.044	-7,1	6,3
Trigo	7.753.911	9.947.106	28,3	35.112	34.818	-0,8	0,4
Banana	6.862.774	6.930.826	1,0	2.404.532	2.467.581	2,6	35,6
Batata - inglesa	4.248.474	4.175.442	-1,7	331.764	334.587	0,9	8,0
Cacau	290.630	297.376	2,3	120.045	123.303	2,7	41,5
Café	3.418.554	3.610.347	5,6	247.349	270.713	9,4	7,5
Cana-de-açúcar	713.293.700	709.168.039	-0,6	56.864.670	55.335.012	-2,7	7,8
Castanha-de-caju	116.829	132.702	13,6	116.014	131.903	13,7	99,4
Fumo	694.895	627.201	-9,7	25.455	27.687	8,8	4,4
Laranja	15.482.662	15.338.649	-0,9	1.131.685	1.095.276	-3,2	7,1
Mandioca	19.133.751	18.665.613	-2,4	4.174.843	4.118.614	-1,3	22,1
Tomate	3.915.209	4.140.758	5,8	492.788	462.368	-6,2	11,2
Uva	1.719.630	1.454.037	-15,4	513.048	463.548	-9,6	31,9

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2024).

Nota: (1) Estão incluídos algodão herbáceo, amendoim, arroz, aveia, centeio, cevada, feijão, mamona, milho, soja, girassol, sorgo, trigo e triticale.

Segundo informações da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab, 2023), a distribuição das chuvas na Região Nordeste não ocorreu de forma uniforme. Os acumulados de chuva concentrados em áreas do MATOPIBA e sul da Bahia, não contribuíram para o armazenamento da água no solo, assim, os plantios foram finalizados fora do calendário agrícola.

Em relação aos demais produtos agrícolas na Região Nordeste, excetuando grãos, em 2024, castanha-de-caju (+13,7%), café (+9,4%), fumo (+8,8%), cacau (+2,7%), banana (+2,6%) e batata-inglesa (+0,9%)

apresentaram crescimento em suas respectivas produções, frente à safra anterior. Enquanto, registrou quebra de safra nos cultivos de uva (-9,6%), tomate (-6,2%), laranja (-3,2%), cana-de-açúcar (-2,7%) e mandioca (-1,3%).

Especificamente na produção de grãos no Nordeste, deverão se destacar em crescimento a soja com acréscimo de +333,6 mil toneladas, cuja variação será +2,3%, superior à média nacional, que possivelmente deverá apresentar quebra de safra em 2024 (Tabela 2). Na sequência, feijão (aumento em 137,7 mil toneladas; crescimento relativo de +29,2%), algodão (acréscimo de 61,6 mil toneladas; +3,2%) e amendoim (+689 toneladas; +6,3%).

Desta forma, o ranking regional de produção de grãos na Safra 2024 deverá despontar com a produção de soja, alcançando 15,0 milhões de toneladas do grão, seguido por milho (8,2 milhões de toneladas, mesmo diante de quebra de safra de -16,3%), algodão (1,9 milhão de toneladas) e feijão (610,0 mil toneladas).

Produção de grãos estadual

Quanto aos estados da Região Nordeste, cinco estados devem apresentar ganhos na produção de grãos na Safra 2024. Em relação ao período anterior, os destaques das variações absolutas das estimativas da produção de grãos serão nos Estados da Paraíba (+100,6 mil t), Pernambuco (+97,2 mil t) e Ceará (+86,0 mil t). Também agregaram no incremento na produção regional de grãos: Alagoas (+59,7 mil t) e Rio Grande do Norte (+6,2 mil t), vide Tabela 1.

Quanto ao crescimento na produção de grãos frente à safra passada, Paraíba deverá apresentar maior progresso, aumento em +162,7%, frente à Safra passada, seguido por Pernambuco (+100,8%), Alagoas (+45,3%), Ceará (+18,1%) e Rio Grande do Norte (+16,6%). Salienta-se que as estimativas irão se adequando à medida que novas informações de área plantada vão sendo registradas nos próximos levantamentos agrícolas.

Dentre os grandes produtores de grãos do Nordeste, Bahia lidera como o maior produtor regional de grãos, com participação em 43,9% da produção de grãos na Região. Na sequência, Maranhão (25,2%), Piauí (22,8%), que, somados os três estados representam cerca de 91,8% do total da produção regional de grãos na Safra de 2024.

Soja

Nacionalmente, a estimativa será quebra de safra na produção de soja, em média deverá reduzir a produção de soja em -3,3%, frente a safra passada. Neste período, entre os produtores com expectativa de crescimento estarão Rio Grande do Sul, que deverá crescer 9,0 milhões de toneladas, aumento em +71,2%, seguido por Pará (+446,0 mil toneladas; +14,3%), Piauí (+392,9 mil toneladas; +11,6%) e Maranhão (+157,8 mil toneladas; +4,2%).

A soja, principal produto cultivado no Nordeste, deverá crescer +2,3% frente à safra passada, aumento de +333,6 mil toneladas. Este resultado é atribuído às estimativas de produções de soja nos estados do Piauí e do Maranhão, que foram beneficiados tanto pela semeadura mais tardia, assim, aproveitando as precipitações que têm favorecido o desenvolvimento do plantio da soja nessas áreas produtoras, quanto pelo aumento significativo de área cultivada com soja nesses dois estados (crescimento da área plantada de +15,1% no Piauí e de 8,1% no Maranhão), fundamentada pela abertura de novas áreas e pelo deslocamento de áreas cultivadas com milho na safra anterior.

Tabela 3 – Brasil e Regiões: Produção de soja (toneladas) e Participação (%) - 2023 e 2024

Brasil e Grandes Regiões	Safr 2023		Safr 2024		Variação das Safras 2024 e 2023	
	Produção (t)	Part. (%)	Produção (t)	Part. (%)	Absoluta	Relativa (%)
Norte	10.054.968	6,6	10.259.107	7,0	204.139	2,0%
Rondônia	2.131.535	1,4	2.137.752	1,5	6.217	0,3%
Acre	45.732	0,0	60.585	0,0	14.853	32,5%
Roraima	453.600	0,3	276.696	0,2	-176.904	-39,0%
Pará	3.115.907	2,1	3.561.941	2,4	446.034	14,3%
Amapá	19.536	0,0	21.100	0,0	1.564	8,0%
Tocantins	4.288.658	2,8	4.201.033	2,9	-87.625	-2,0%
Nordeste	14.756.410	9,7	15.090.035	10,3	333.625	2,3%
Maranhão	3.765.180	2,5	3.922.986	2,7	157.806	4,2%
Piauí	3.387.609	2,2	3.780.544	2,6	392.935	11,6%
Ceará	19.113	0,0	15.886	0,0	-3.227	-16,9%
Alagoas	18.568	0,0	17.619	0,0	-949	-5,1%
Bahia	7.565.940	5,0	7.353.000	5,0	-212.940	-2,8%
Sudeste	13.370.561	8,8	12.417.636	8,5	-952.925	-7,1%
Minas Gerais	8.459.161	5,6	7.709.059	5,2	-750.102	-8,9%
Rio de Janeiro	-	-	3.377	0,0	-	-
São Paulo	4.911.400	3,2	4.705.200	3,2	-206.200	-4,2%
Sul	38.120.756	25,1	43.063.851	29,3	4.943.095	13,0%
Paraná	22.455.000	14,8	18.449.100	12,6	-4.005.900	-17,8%
Santa Catarina	2.972.269	2,0	2.885.251	2,0	-87.018	-2,9%
Rio Grande do Sul	12.693.487	8,4	21.729.500	14,8	9.036.013	71,2%
Centro-Oeste	75.660.350	49,8	66.080.098	45,0	-9.580.252	-12,7%
Mato Grosso do Sul	14.193.250	9,3	12.795.458	8,7	-1.397.792	-9,8%
Mato Grosso	44.462.908	29,3	37.943.187	25,8	-6.519.721	-14,7%
Goiás	16.749.192	11,0	15.050.753	10,2	-1.698.439	-10,1%
Distrito Federal	255.000	0,2	290.700	0,2	35.700	14,0%
Brasil	151.963.045	100,0	146.910.727	100,0	-5.052.318	-3,3%

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2024). Nota (1): Participação em relação ao País.

2.2 Pecuária

As informações para o setor agropecuário seguiram tendência de crescimento no primeiro trimestre de 2024. A estimativa de crescimento para a Pecuária foi influenciada principalmente pela produção de bovinos e leite, com peso significativo que foram determinantes no Valor Adicionado Bruto da Agropecuária, que obteve crescimento de 11,3%, frente ao trimestre imediatamente anterior, segundo dados do IBGE (2024).

O cenário interno positivo tem contribuído para que o País continue como um dos principais produtores do setor no mercado internacional. Tanto os alimentos quanto os insumos agrícolas empreendem progressivamente como instrumentos geopolíticos de poder nas relações entre os países. Nessa conjunção, após a instabilidade geopolítica internacional devido o conflito entre Rússia e Ucrânia no início de 2022, os mercados voltaram a equilibrar.

No mercado brasileiro, os insumos agropecuários e alguns dos principais itens da produção da pecuária sinalizaram recuperação em seus volumes tanto no País, quanto na Região Nordeste.

No entanto, a conjuntura do setor da pecuária nacional vem sendo impulsionada diante de fatores externos. A estimativa de crescimento da demanda nacional e externa pela carne bovina brasileira se dá tanto na via da queda da oferta de carne bovina dos concorrentes, como Argentina e Uruguai, quanto pela expectativa de aumento de consumo da carne bovina pela China. Assim, concomitantemente, como a carne bovina e de frango são bens substitutos, o aumento das exportações da carne bovina poderá também pressionar a produção da carne de frango no País.

As atividades pesquisadas são do IBGE em seus levantamentos de abate de animais e produções de leite e ovos de galinha (Tabela 4).

Tabela 4 – Número de animais abatidos e peso das carcaças de bovinos, suínos e frangos e produção de ovos de galinha - Brasil – 2023 e 2024

Abate de Animais, Aquisição de Leite, Aquisição de Couro Cru e Produção de Ovos de Galinha	1º trimestre de 2023			1º trimestre de 2024			Variação (%) 1º trimestre 2024 / 2023	
	Brasil	Nordeste	% NE/Br	Brasil	Nordeste	% NE/Br	Brasil	Nordeste
Número de animais abatidos (Mil cabeças ou carcaças)								
Bovinos	7.466.521	635.228	8,5	9.302.351	740.994	8,0	24,6	16,7
Suínos	14.175.821	151.038	1,1	13.946.015	155.441	1,1	-1,6	2,9
Frangos	1.611.899.761	59.286.147	3,7	1.592.745.686	63.910.976	4,0	-1,2	7,8
Peso das carcaças (Toneladas)								
Bovinos	1.933.161	166.654	8,6	2.398.288	189.471	7,9	24,1	13,7
Suínos	1.292.250	12.195	0,9	1.280.797	12.917	1,0	-0,9	5,9
Frangos	3.455.317	126.217	3,7	3.366.050	130.275	3,9	-2,6	3,2
Leite (Mil litros)								
Adquirido	6.006.785	527.931	8,8	6.205.687	546.146	8,8	3,3	3,5
Industrializado	5.987.508	526.429	8,8	6.200.188	546.078	8,8	3,6	3,7
Ovos (Mil dúzias)								
Produção	1.035.837	178.353	17,2	1.098.653	191.955	17,5	6,1	7,6

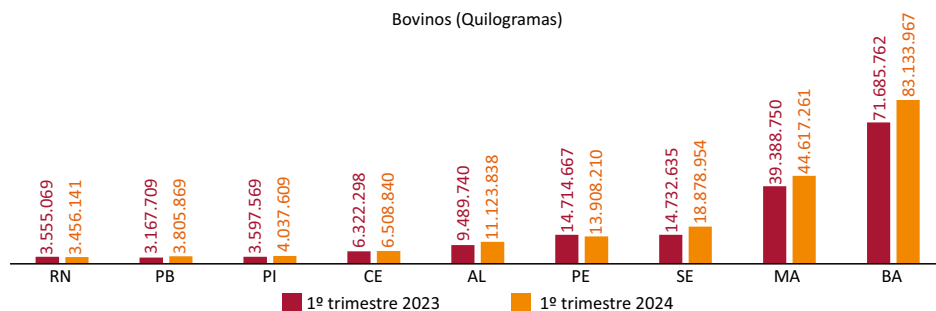
Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2024). Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Agropecuária, Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, Pesquisa Trimestral do Leite, Pesquisa Trimestral do Couro e Produção de Ovos de Galinha.

Bovinos

No País, a quantidade de bovinos abatidos no 1º trimestre de 2024 cresceu 24,6%, frente ao mesmo trimestre do ano anterior, conforme dados da Tabela 1 (IBGE). Foram abatidos, em média, 9,3 milhões de cabeças de bovinas no País, recorde de acordo com a série histórica iniciada em 1997. Para este período, o aumento da quantidade de bovinos abatidos foi induzido principalmente pela aquecida demanda internacional pela carne brasileira, que elevaram os investimentos. Segundo a Secretaria de Comércio Exterior, com 598.639 toneladas exportadas no 1º trimestre de 2024, o volume das exportações de carne bovina in natura bateu recorde com crescimento de 25,9%. A receita total ficou em USD 2,64 bilhões, cerca de +18,5% superior ao registrado no mesmo período do ano passado.

Na Região Nordeste, que representa 8,0% do quantitativo de bovinos abatidos no País, registrou considerável acréscimo de +16,1%, em comparação ao 1º trimestre de 2023. Nesse período, Sergipe (+30,0%), Bahia (+22,0%) e Paraíba (+20,6%) registraram os maiores crescimentos no quantitativo de bovinos abatidos. Enquanto, em termos de participação, Bahia (43,5%) marca como o maior abatedor de bovinos na Região; na sequência, Maranhão (24,1%) e Sergipe (8,7%). Desta forma, Bahia ampliou em +58,0 mil cabeças de bovinos, seguida por Maranhão (+24,4 mil bovinos) e Sergipe (+14,9 mil bovinos).

Gráfico 1 – Peso das carcaças de bovinos - Estados do Nordeste - 1º trimestre de 2023 e 2024



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2024). Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Agropecuária, Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, Pesquisa Trimestral do Leite, Pesquisa Trimestral da Produção de Ovos de Galinha.

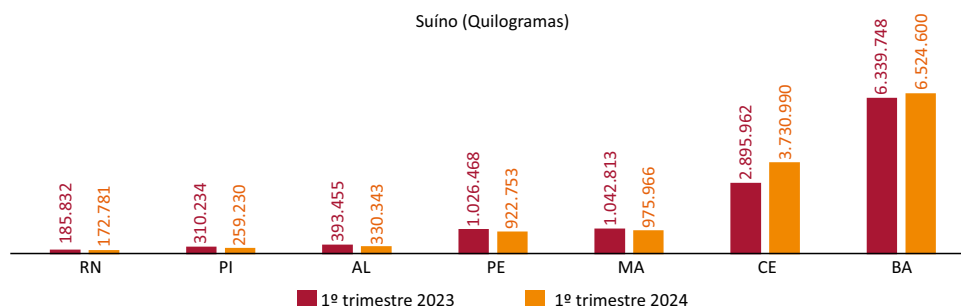
Suínos

No País (-1,6%), o quantitativo de suínos abatidos apresentou retração nos comparativos entre o primeiro trimestre de 2024 e 2023. Com menor demanda por carne suína no mercado interno e oferta levada, os preços da carne suína sofreram desvalorização até a primeira metade do mês de março de 2024. De acordo com dados da Secretaria de Comércio Exterior, registrou aumento do volume exportado de carne suína de +5,3%, frente ao 1º trimestre de 2023. No entanto, a receita totalizou R\$ 953,2, apresentando forte retração de -11,8% na comparação do mesmo período do ano anterior.

Para o Nordeste (+2,9%), houve acréscimo do quantitativo de suínos abatidos, aumento de +4,4 milhões de cabeças de suínos, frente ao mesmo período do ano anterior. Este fato deriva principalmente pela valorização no mercado interno; agregado a este fator, tem o aumento relativo dos preços da carne bovina, que é um substituído do consumo de carne suína, assim, contribuindo para aumento da demanda por carne suína.

Neste período, entre os produtores dos abates suínos na Região, Bahia desponta como maior rebanho de suíno (peso regional de 46,9%), em seguida, Ceará, segundo maior (peso regional de 27,7%) e em terceiro, Pernambuco com 9,1% do peso regional. Enquanto, Ceará registra o maior crescimento do rebanho, aumento +18,2%, frente ao período anterior.

Gráfico 2 – Peso das carcaças de suínos - Estados do Nordeste - 1º trimestre de 2023 e 2024



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2024). Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Agropecuária, Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, Pesquisa Trimestral do Leite, Pesquisa Trimestral da Produção de Ovos de Galinha.

Frangos

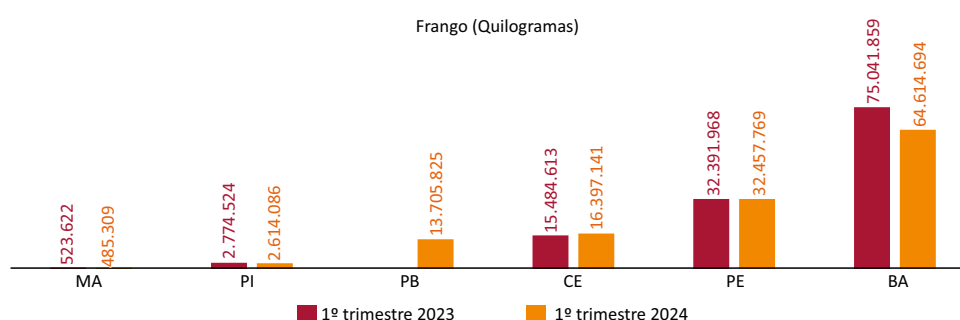
No 1º trimestre de 2024, o total de frangos abatidos no País correspondeu a 3,3 milhões de toneladas, retração em -2,6%, comparado ao mesmo período do ano anterior. Este fato se deve à demanda doméstica mais enfraquecida, como também, da retração das exportações de carne de frango no 1º trimestre de 2024, que reduziram no período em -7,2% frente ao mesmo período anterior, atingindo o total de carne de frango exportado em 1,22 milhão de toneladas (Secex/ME). Ainda assim, o Brasil responde por quase 35% das vendas mundiais da carne de frango (USDA).

Para o Nordeste, o cenário apresentou-se favorável no abate de frangos para o 1º trimestre de 2024, acréscimo no total do peso das carcaças de frango de +3,2%, aumento de 4,05 milhões de toneladas, frente ao mesmo período do ano anterior. O quantitativo do peso das carcaças de frango abatidos chegou em 130,2 mil toneladas de frango, resultado fortemente determinado pelo crescimento do abate de frangos em Ceará e Pernambuco.

No Ceará, o crescimento do abate de frango foi de +5,9%, ou seja, acréscimo de 912,5 mil toneladas de frango, frente ao 1º trimestre de 2023, chegando a produzir 16,4 milhões toneladas de frango no 1º trimestre de 2024.

Pernambuco, produziu 32,4 milhões de toneladas de frango, crescimento de +0,2%, o que representa aumento de +65,8 mil toneladas de frango, frente ao mesmo trimestre do ano anterior, além de permanecer como o segundo maior produtor de carne de frango da região, produzindo cerca de 24,9% do total do abate de frango na Região, atrás apenas de Bahia, que produziu cerca de 49,6% da Região, cerca de 64,6 milhões de toneladas de frango.

Gráfico 3 – Peso das carcaças de frangos - Estados do Nordeste - 1º trimestre de 2023 e 2024



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2024). Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Agropecuária, Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, Pesquisa Trimestral do Leite, Pesquisa Trimestral da Produção de Ovos de Galinha.

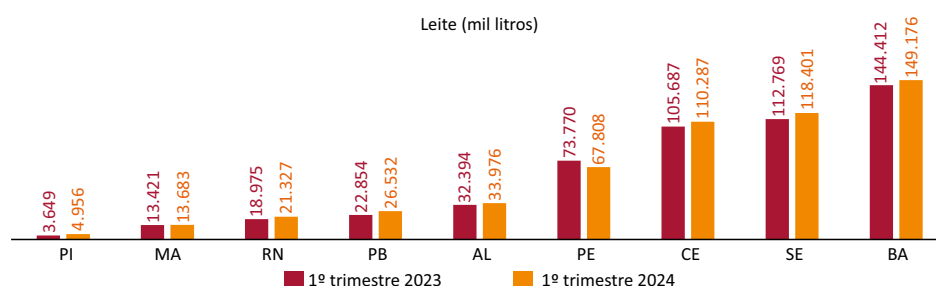
Produção de Leite

Quanto à produção de leite no País, verificou-se ampliação da aquisição tanto para o leite cru (+3,3%) quanto para o industrializado (+3,6%), frente ao 1º trimestre de 2023. A aquisição nacional de leite foi impactada positivamente, sobretudo devido à melhoria nos custos de produção.

No Nordeste, que representa 8,8% da produção nacional, foram captados cerca de 546,1 milhões de litros de leite no 1º trimestre de 2024. Comparativamente ao 1º trimestre de 2023, o acréscimo foi de 18,2 milhões de litros de leite na Região.

Entre os Estados da Região, se destacam no crescimento na produção de leite cru: Sergipe (+5,6 milhões de litros), Bahia (+4,7 milhões de litros) e Ceará (+4,6 milhões de litros). Consequentemente, Bahia permanece como maior produtor regional de leite, com participação de 27,3% do regional, seguido por Sergipe (21,7% do peso regional) e Ceará (20,2%).

Gráfico 4 – Produção de leite - Estados do Nordeste - 1º trimestre de 2023 e 2024



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2024). Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Agropecuária, Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, Pesquisa Trimestral do Leite, Pesquisa Trimestral da Produção de Ovos de Galinha.

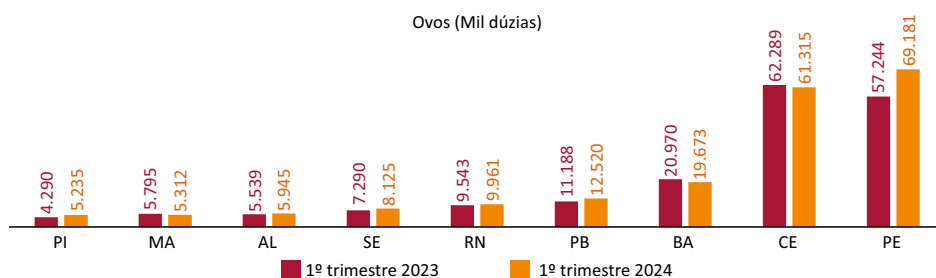
Produção de Ovos

A produção de ovos de galinha no País foi de 1,09 bilhão de dúzias, no 1º trimestre de 2024. No Nordeste, a produção chegou em 191,9 milhões de dúzias de ovos, crescimento de +7,6% ante ao 1º trimestre do ano anterior, valor superior à média nacional, que foi de +6,1%, no período em análise.

Na Região, embora o setor continue sendo impactado pela alta dos custos de produção, a demanda regional por ovos de galinha segue aquecida.

Entre os estados, Pernambuco (+11,9 milhões de dúzias de ovos) e Paraíba (+1,3 milhões de dúzias de ovos) apresentaram significativos acréscimos na produção de ovos de galinha, em relação ao 1º trimestre de 2023. Neste cenário, Pernambuco continua como maior produtor de ovos da Região, com produção de 69.181 milhões de dúzias, seguido por Ceará, com produção de 61,3 milhões de dúzias de ovos, apesar da queda de produção em -1,6%.

Gráfico 5 – Produção de ovos de galinha - Estados do Nordeste - 1º trimestre de 2023 e 2024



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2024). Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Agropecuária, Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, Pesquisa Trimestral do Leite, Pesquisa Trimestral da Produção de Ovos de Galinha.

3 Atividade Industrial

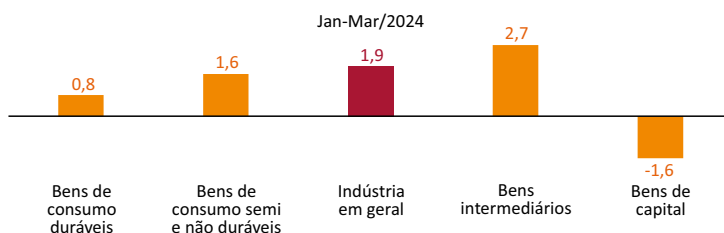
Atividade Industrial Brasil

A produção industrial avançou (0,9%) em março de 2024, frente ao mês anterior. É o segundo avanço consecutivo, intensificando a variação de 0,1% registrada em fevereiro. Conforme ressalta o IBGE, com esse resultado, a indústria se encontra 0,4% acima do nível pré-pandemia (fevereiro de 2020), mas ainda 16,3% abaixo do nível recorde da série histórica, de maio de 2011.

Em 2024, frente a iguais períodos do ano anterior, observou-se recuo em março (-2,8%), que ocorreu após sete meses seguidos de crescimento, nessa base de comparação, mas não impediu o desempenho positivo do trimestre (1,9%) e da taxa anualizada encerrada em março (0,7%). Conforme avalia o IBGE, a queda de março (-2,8%) deve ser relativizada em função do efeito calendário que impacta diretamente na produção industrial (março de 2024 teve três dias úteis a menos do que igual mês de 2023).

A taxa do 1º trimestre do ano (1,9%) refletiu o avanço em 3 das 4 grandes categorias econômicas (Gráfico 1): bens intermediários (2,7%), bens de consumo duráveis (0,8%) e bens de consumo semi e não duráveis (1,6%). A exceção foi bens de capital (-1,6%) que caiu muito menos do que vinha caindo (-13,7% no 3T/23 e -14,1% no 4T/23). Adicionalmente, conforme salienta o IEDI, guarda outro dado favorável: seu segmento de bens de capital para a própria indústria, que estava no vermelho desde o final de 2021, aproximou-se da estabilidade (-0,2%), o que é um indicativo de dias melhores para o segmento.

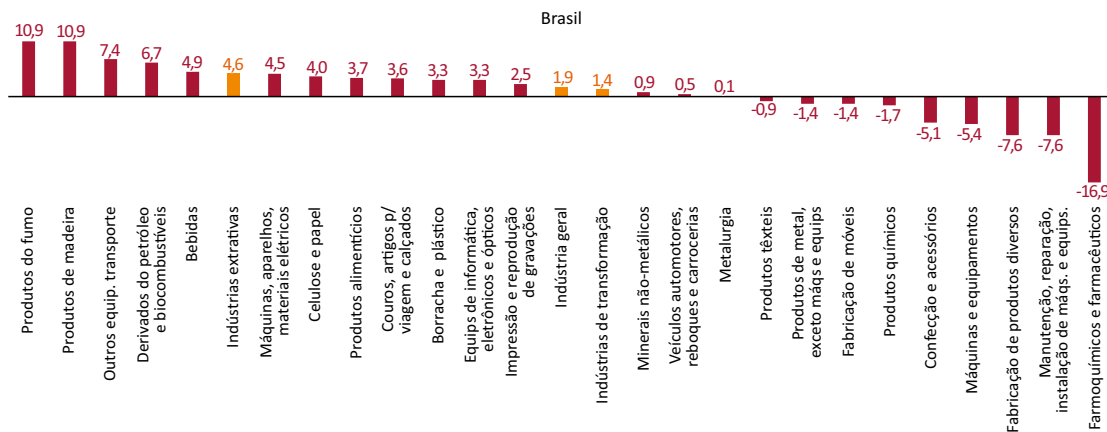
Gráfico 1 – Taxa de crescimento da produção industrial, por grandes categorias econômicas (%) – Brasil – Acumulado de Jan-Mar de 2024 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaborado pelo BNB/Etene, com dados do IBGE.

Para o acumulado do ano (1,9%), houve crescimento tanto na indústria extrativa (4,6%), quanto na transformação (1,4%), com avanço em 15 de suas 24 atividades (Gráfico 2). Destaque para derivados do petróleo (6,7%), alimentos (3,7%), bebidas (4,9%), celulose e papel (4,0%). Dentre os registros negativos: farmoquímicos e farmacêuticos (-16,9%), máquinas e equipamentos (-5,4%), produtos químicos (-1,7%).

Gráfico 2 – Taxa de crescimento da produção industrial, por seções e atividades (%) - Brasil – Acumulado de Jan-Mar de 2024 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaborado pelo BNB / Etene, com dados do IBGE.

Análise e perspectiva

A Sondagem Industrial da CNI apontou que, em março, frente a fevereiro, houve aumento no número de empregados no setor e estabilidade na utilização da capacidade instalada (UCI) em 68%, pelo terceiro mês seguido. Contudo, houve piora, na percepção dos empresários, a respeito das condições financeiras no primeiro trimestre: insatisfação com o lucro, dificuldade de acesso ao crédito e percepção mais intensa de aumento nos preços de matérias-primas. Dentre os problemas mais apontados, figuraram a elevada carga tributária e demanda interna insuficiente – ambos corriqueiramente no topo da lista. Destacou-se também a falta ou alto custo de matérias-primas que ganhou destaque e passou a integrar a terceira posição. Apesar da insatisfação com as condições financeiras, a maior parte dos indicadores de expectativas avançaram em abril – exceto o indicador do número de empregados, que apresentou estabilidade –, e revelaram otimismo mais intenso que o usual para demanda, exportação e compra de matérias-primas. Diante do otimismo, o índice de intenção de investimento avançou em abril, ficando acima da média histórica da série.

Nesta perspectiva, previsões de mercado têm se mostrado otimistas para o fechamento do ano de 2024. As “Projeções LCA”, por exemplo, indicam crescimento de 2,2% para a indústria em geral, com taxas positivas para as 4 grandes categorias econômicas, bem como para indústria extrativa (5,0%) e de transformação (2,0%).

Atividade Industrial Nordeste

No mês de março, a indústria do Nordeste registrou a primeira taxa mensal negativa do ano (Tabela 1), tanto em relação ao mês anterior (-1,8%), quanto a março de 2023 (-5,7%). Mais acentuada do que a nacional (-2,8%), a queda regional de março (-5,7%) deve ser relativizada, conforme salienta o IBGE, em função do efeito calendário que impacta diretamente na produção industrial (março de 2024 teve três dias úteis a menos do que igual mês de 2023).

Tabela 1 – Taxa de crescimento da produção industrial (%) – Brasil e Nordeste – Mês de referência: março de 2024

Locais	Março 2024/ Fevereiro 2024	Março 2024/ Março 2023	Acumulado Janeiro-Março	Acumulado nos Últimos 12 Meses
Brasil	0,9	-2,8	1,9	0,7
Nordeste	-1,8	-5,7	0,4	-2,4

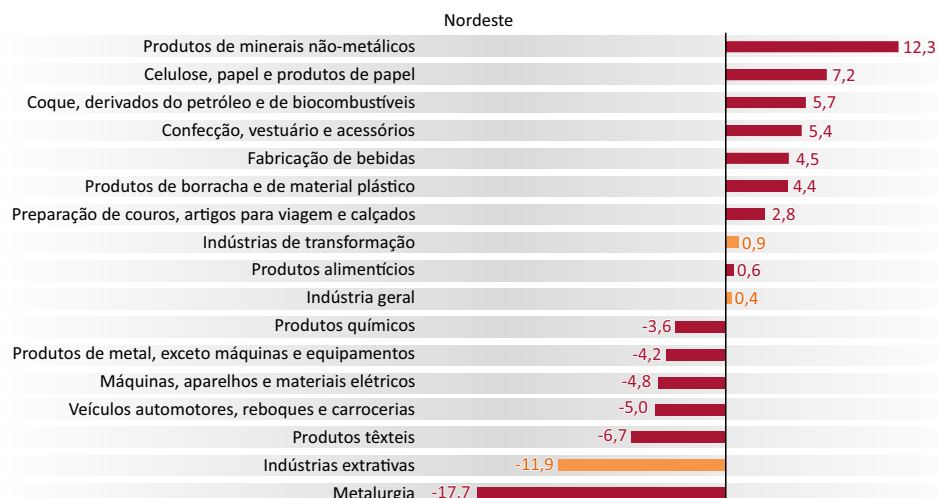
Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2024).

Comparando com a dinâmica exatamente anterior à pandemia (fevereiro de 2020), a defasagem da indústria da Região se agravou na passagem de fevereiro para março de 2024: a produção passou de 17,8% para 18,7% a menos do que o realizado antes da crise sanitária. Já em âmbito nacional, a produção reverteu a defasagem, no mesmo período, e passou a produzir 0,4% a mais do que em fevereiro de 2020.

Os dados para o acumulado do ano, contudo, foram positivos em 16 dos 18 locais pesquisados pelo IBGE. No Nordeste, avançou 0,4%, a menor taxa, dentre os resultados positivos e bem abaixo da média nacional (1,9%). Na taxa anualizada, encerrada em março, o desempenho da Região foi preocupante (-2,4%), tendo em vista o citado quadro de defasagem regional e por ter ficado aquém do avanço de 0,7% ocorrido em nível nacional.

Dentre as seções e atividades regionais (Gráfico 3), os recuos que mais impactaram o resultado regional, no 1º trimestre, além da indústria extrativa (-11,9%) foram metalurgia (-17,7%), veículos (-5,0%) e químicos (-3,6%). Das 14 atividades pesquisadas na indústria de transformação (0,9%), 8 avançaram, com destaque para derivados do petróleo (5,7%), minerais não-metálicos (12,3%) e celulose e papel (7,2%).

Gráfico 3 – Taxa de crescimento da produção industrial por seções e atividades (%) – Nordeste – Acumulado janeiro-março de 2024 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2024).

Análise do comportamento industrial regional

O recuo da indústria do Nordeste, em março (-5,7%) interrompeu uma sequência de 5 meses seguidos sem retração, na comparação interanual, e impactou o resultado trimestral que perdeu força, foi de 1,4% no 4T/23 para 0,4% no 1T/24.

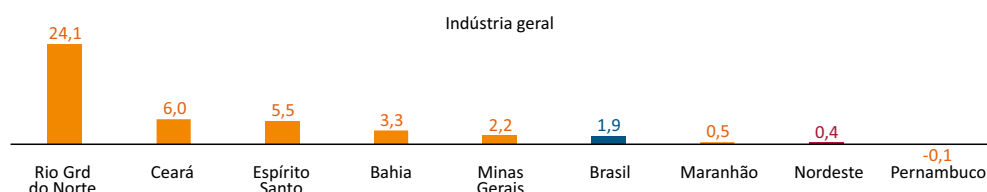
Os resultados da pesquisa da CNI complementam a percepção sobre a indústria local. Na passagem de fevereiro para março de 2024, houve redução no número de empregados de forma mais intensa e disseminada do que já vinha acontecendo ao longo do ano. A utilização da capacidade instalada (UCI) da indústria do Nordeste também diminuiu, de 70% para 68% no mesmo período. Adicionalmente, na avaliação dos empresários da Região, a situação financeira piorou no 1º trimestre do ano, frente ao trimestre anterior: a situação financeira passou de satisfatória para insatisfatória, enquanto a insatisfação com o lucro operacional ficou mais intensa, bem como a dificuldade de acesso ao crédito, ao mesmo tempo em que as matérias-primas foram consideradas mais caras.

Apesar dos resultados pouco animadores, as expectativas dos empresários do Nordeste continuaram otimistas em abril de 2024, mas com variações de intensidade. Ficaram menos otimistas as expectativas de demanda e de investimento para os próximos 6 meses. Ganharam otimismo as expectativas de exportação e de emprego e ficou estável a expectativa de compras de matérias-primas.

Atividade Industrial nos Estados da área de atuação do BNB

No primeiro trimestre de 2024, a indústria nacional registrou avanço em 16 dos 18 locais pesquisados pelo IBGE. Na área de atuação do BNB, com disponibilidade de dados regionais e para 7 estados o destaque ficou com o Rio Grande do Norte que cresceu 24,1% (Gráfico 4). Em seguida, aparecem Ceará (6,0%), Espírito Santo (5,5%), Bahia (3,3%), Minas Gerais (2,2%), Maranhão (0,5%) e Pernambuco (-0,1%), único abaixo da média da Região Nordeste (0,4%).

Gráfico 4 – Taxa de crescimento da produção industrial (%) – Brasil, Nordeste e estados da área de atuação do BNB – Acumulado janeiro-março de 2024 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaboração Etene/BNB, com dados do IBGE.

A indústria do Rio Grande do Norte (24,1%) que garantiu a liderança nacional no 1º trimestre do ano (Tabela 2), tem sido puxada pelo segmento de derivados do petróleo e biocombustíveis (77,1%), em especial óleo diesel e gasolina automotiva. Dentre as demais atividades da indústria de transformação (48,0%), destacou-se a de alimentos que andou na contramão (-21,7%). Também chamou atenção a retração na indústria extrativa (-64,8%), em especial, óleos brutos de petróleo, sal associado à extração e gás natural.

A indústria do Ceará, 4º melhor desempenho nacional do trimestre (6,0%), apresentou avanço em 7 das 11 atividades pesquisadas, sendo que em 6 delas, o crescimento foi de 2 dígitos, tais como: vestuário (27,5%) e couro e calçado (19,5%). Teria resultado ainda melhor não fosse o acentuado recuo no setor químico (-42,2%).

A indústria da Bahia cresceu 3,3% no acumulado do ano, favorecida pela base reduzida (-5,2% no 1ºTri/2023). Refletiu o aumento na indústria extrativa (36,3%) e de transformação (1,8%), puxada por refino e biocombustível (5,4%) e papel e celulose (9,1%).

Pernambuco (-0,1%) foi um dos dois únicos locais nacionais onde a indústria decresceu no período. As perdas foram disseminadas em 7 das 12 atividades pesquisadas, com destaque para produtos químicos (-4,3%), produtos de metal (-8,4%), bebidas (-5,0%) e metalurgia (-9,8%). Destaque positivo foi para outros equipamentos (75,0%) e máquinas e aparelhos elétricos (30,4%). A Federação das Indústrias do Estado de Pernambuco (Fiepe), contudo, se mostra otimista e aponta tendência de crescimento para a indústria pernambucana no ano de 2024, impulsionada pela queda gradual da taxa de juros e pela expectativa de boa safra de cana-de-açúcar, movimentando os mercados de açúcar e etanol.

O Maranhão (0,5%), com crescimento industrial aparentemente reduzido, ganha importância tendo em vista que se deu sobre uma base de comparação já elevada (8,7%, no 1º trimestre de 2023). O único resultado negativo foi na metalurgia (-5,4%), compensado pelo avanço em bebidas (12,1%), alimentos (3,9%), papel e celulose (3,0%) e indústria extrativa (2,8%).

Os resultados em Minas Gerais (2,2%) e Espírito Santo (5,5%) foram bastante influenciados pelo desempenho trimestral da indústria extrativa (7,2% e 7,6%, respectivamente). Mas também contaram com crescimento na indústria de transformação (0,3% e 1,5%, respectivamente).

Tabela 2 – Taxa de crescimento da produção industrial, por seções e atividades – Brasil, Nordeste e Estados da área de atuação do BNB – Acumulado de janeiro-março de 2024 (Base: igual período do ano anterior).

	Brasil	Nordeste	Maranhão	Ceará	Rio Grd do Norte	Pernam-buco	Bahia	Minas Gerais	Espírito Santo
Indústria geral	1,9	0,4	0,5	6,0	24,1	-0,1	3,3	2,2	5,5
Indústrias extrativas	4,6	-11,9	2,8	-	-64,8	-	36,3	7,2	7,6
Indústrias de transformação	1,4	0,9	0,2	6,0	48,0	-0,1	1,8	0,3	1,5
Produtos alimentícios	3,7	0,6	3,9	-0,7	-21,7	-0,2	2,9	3,2	0,1
Bebidas	4,9	4,5	12,1	14,9	-	-5,0	2,7	6,2	-
Produção de fumo	10,9	-	-	-	-	-	-	4,7	-
Produtos têxteis	-0,9	-6,7	-	-7,1	-	-	-	-	-
Confecção de vestuário e acessórios	-5,1	5,4	-	27,5	5,8	-	-	-	-
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	3,6	2,8	-	19,5	-	-	-3,4	-	-
Celulose, papel e produtos de papel	10,9	7,2	3,0	-	-	5,3	9,1	6,1	-1,4
Coque, derivados do petróleo e de biocombustíveis	4,0	5,7	-	13,8	77,1	-0,4	5,4	-2,9	-
Produtos químicos	2,5	-3,6	-	-42,2	-	-4,3	2,0	-6,4	-
Produtos de borracha e de material plástico	6,7	4,4	-	-	-	1,6	7,6	-6,2	-
Produtos de minerais não metálicos	-1,7	12,3	0,1	4,5	-	3,4	-12,2	2,8	0,9
Metalurgia	-16,9	-17,7	-5,4	14,2	-	-9,8	-23,4	-1,1	3,7
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	3,3	-4,2	-	13,5	-	-8,4	-	16,3	-
Máquinas, aparelhos, materiais elétricos	0,9	-4,8	-	-5,4	-	30,4	0,9	14,6	-

BNB Conjuntura Econômica Jan/Mar/2024

	Brasil	Nordeste	Maranhão	Ceará	Rio Grd do Norte	Pernambuco	Bahia	Minas Gerais	Espírito Santo
Máquinas e equipamentos	0,1	-	-	-	-	-	-	-11,9	-
Veículos automotores, reboques e carrocerias	-1,4	-5,0	-	-	-	-1,0	-	-5,3	-
Outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores	3,3	-	-	-	-	75,0	-	-	-

Fonte: Elaboração Etene/BNB, com dados do IBGE.

Projeções da Macrométrica, disponíveis para alguns dos estados da área de atuação do BNB, estão otimistas para os resultados industriais de 2024. A previsão para o Ceará é de 3,4%, Bahia (1,4%), Pernambuco (1,4%). Minas Gerais (1,1%) e Espírito Santo (6,0%).

4 Serviços

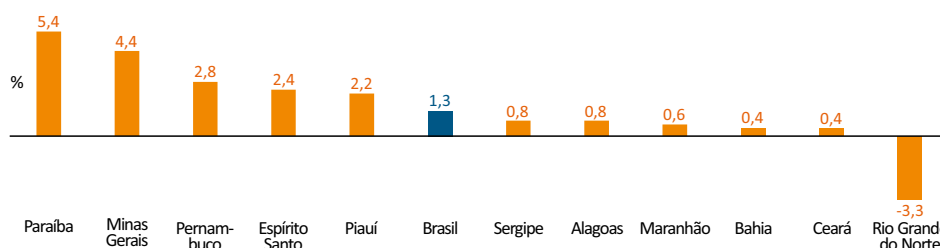
O volume de serviços no Brasil registrou crescimento de 1,3% na comparação do acumulado do primeiro trimestre de 2024 com o mesmo período do ano anterior. O resultado foi divulgado pelo IBGE por meio da Pesquisa Mensal de Serviços. O resultado foi influenciado pelo crescimento verificado em todos os grupos pesquisados, são eles: Serviços prestados às famílias (+5,8%), Serviços de informação e comunicação (+5,1%), Serviços profissionais, administrativos e complementares (+3,2%), Outros serviços (+1,4%) com exceção de Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio que teve resultado negativo (-3,4%) na mesma comparação.

Em relação às subatividades, a maioria das atividades registraram variação nacional positiva, com exceção de Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio (-7,1%), Transporte aéreo (-11,5%) e Transporte terrestre (-1%). O destaque positivo dentre as subatividades foi verificado nos Serviços Técnico-profissionais (+9,4%).

Volume de Serviços na área de atuação do Banco do Nordeste

Na análise estadual, registrou-se crescimento acima do resultado nacional (+1,3%) em cinco dos estados da área de atuação do Banco do Nordeste, a saber: Paraíba (+5,4%), Minas Gerais (+4,4%), Pernambuco (+2,8%), Espírito Santo (+2,4%), Piauí (+2,2%). Os demais estados tiveram resultados positivos, Sergipe (+0,8%), Alagoas (+0,8%), Maranhão (+0,6%), Bahia (+0,4%), Ceará (+0,4%) com exceção de Rio Grande do Norte (-3,3%).

Gráfico 1 – Variação (%) do volume de serviços – Brasil e Estados selecionados – 1º Tri 2024/2023



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços.

O IBGE analisa o desempenho das atividades apenas em cinco, dentre os onze estados pertencentes à área de atuação do BNB, onde os destaques positivos foram verificados nos Serviços prestados às famílias, em Pernambuco (+11,3%) e na Bahia (+11,4%), Serviços de informação e comunicação em Pernambuco (+13,7%) e em Minas Gerais (+16,3%). Os destaques negativos foram em Serviços prestados às famílias, no Espírito Santo (-9,9%) e em Outros serviços, em Pernambuco (-9%) e em Minas Gerais (-10,9%).

Tabela 1 – Variação (%) do volume de serviços, atividades e subatividades – Brasil e Estados selecionados (1)

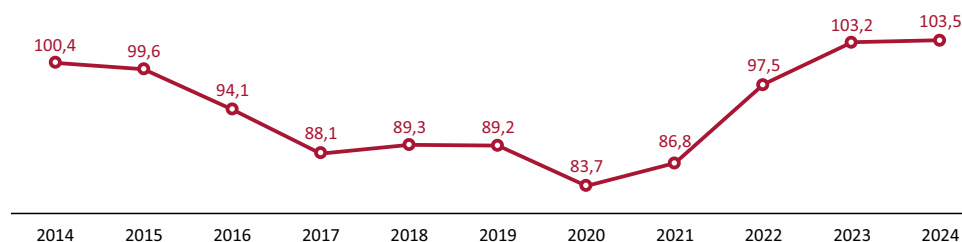
Atividades e Subatividades *	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia	Minas Gerais	Espírito Santo
Serviços prestados às famílias	5,8	4,6	11,3	11,4	8,4	-9,9
Serviços de alojamento e alimentação	5,9	-	-	-	-	-
Outros serviços prestados às famílias	4,8	-	-	-	-	-
Serviços de informação e comunicação	5,1	5,9	13,7	3,4	16,3	7,3
Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	5,1	-	-	-	-	-
Telecomunicações	4,9	-	-	-	-	-
Serviços de Tecnologia da Informação	5,3	-	-	-	-	-
Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	5,0	-	-	-	-	-

Atividades e Subatividades *	Brasil	Ceará	Pernam- buco	Bahia	Minas Gerais	Espírito Santo
Serviços profissionais, administrativos e complementares	3,2	1,4	7,9	-2,4	-4,7	7,3
Serviços técnico-profissionais	9,4	-	-	-	-	-
Serviços administrativos e complementares	-0,6	-	-	-	-	-
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	-3,4	-3,7	-5,4	-2,1	4,4	2,2
Transporte terrestre	-1,0	-	-	-	-	-
Transporte aquaviário	2,0	-	-	-	-	-
Transporte aéreo	-11,5	-	-	-	-	-
Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	-7,1	-	-	-	-	-
Outros serviços	1,4	-7,2	-9,0	-6,5	-10,9	-1,8
Total	1,3	0,4	2,8	0,4	4,4	2,4

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE. Notas (1): Variação % do acumulado 1º Tri de 2024 / 2023. O IBGE não divulga as variações do volume de serviços para as subatividades estaduais.

Na avaliação da série anual do resultado de Serviços desde 2014, percebe-se crescimento desde 2021 considerando a retomada da economia após a vacinação contra a Covid-19 e ainda no ano de 2022, com o fim das restrições sanitárias que impediam viagens e eventos, favorecendo as atividades ligadas ao turismo como alojamento e transporte de passageiros. No entanto, o patamar do número índice de 103,5 de 2024 demonstra apenas um pequeno avanço do volume comparado com 2023. Todavia esse resultado mantém a trajetória e nível superior ao verificado em 2024 quando verificava-se o maior nível na presente série de 10 anos o que não deixa de ser um avanço, considerando os baixos crescimentos entre 2015 e 2019, mesmo antes das restrições da pandemia.

Gráfico 2 – Número Índice do volume de serviços – Brasil – Março 2014 a 2024



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do SIDRA/IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços.

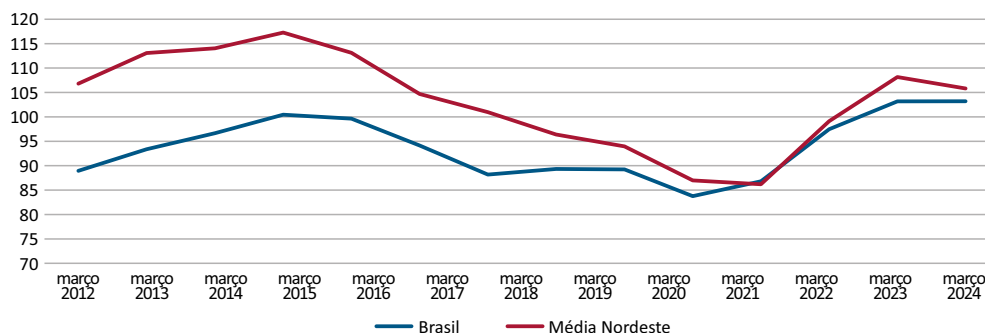
Segundo o IBGE, a expansão é explicada por exemplo por altas de serviços de tecnologia da informação, tais como: desenvolvimento e licenciamento de software; portais, provedor de conteúdo e ferramenta de busca da internet; e consultoria em TI. São tipos de serviços que têm um mercado muito dinâmico, que envolve muita inovação, principalmente depois da pandemia, quando acelerou a informatização de muitas empresas e serviços, complementa. Também o segmento de receita de empresas de TV aberta ajudou na alta dessa atividade.

Outra atividade com importante avanço foi a de profissionais, administrativos e complementares. Os destaques são os serviços de engenharia; os de administração de programas de fidelidade e de cartões de desconto; assim como a intermediação de negócios por meio de aplicativos, sendo os dois últimos ramos em franca expansão no pós-pandemia. O que se observa nos últimos meses, é que, em geral, os serviços voltados às empresas são mais dinâmicos. Assim, estão ditando o ritmo do setor de serviços, mais do que os serviços voltados às famílias.

Estima-se que, a partir do segundo semestre de 2024, o índice do volume serviços seja superior aos registrados em 2023. No gráfico a seguir, percebe-se crescimento constante do índice até 2023, com a retomada dos níveis pré-pandemia, mas ainda aquém dos registrados em 2014, pico da série. Até março de 2024 verifica-se uma acomodação desse crescimento, resultado das altas taxas de juros que desaceleram a atividade econômica. No entanto, nota-se um ambiente favorável ao crescimento nos próximos meses com a redução das taxas de juros e o anúncio de grandes investimentos com potencial de puxar todos

os setores, inclusive de serviços, a exemplo de projetos de transição energética, indústria automotiva, saneamento, estradas e ferrovias, somando cerca de R\$ 235 bilhões.

Gráfico 3 – Índice do Volume de Serviços – Brasil e Média dos Estados da área de atuação do Banco do Nordeste – Março 2011 a 2024 (2022=100).



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços - março 2024.

Outro ponto destacado foi a mudança na configuração das atividades. Os serviços de aplicativos de entrega, por exemplo, acabaram se apropriando de uma parte das receitas dos restaurantes, havendo, assim, uma transferência de receita entre dois setores do setor de serviços. Outra explicação do ritmo mais lento de retomada é o retorno ainda gradativo ao trabalho presencial, ou híbrido. Ainda há um grande contingente de pessoas trabalhando de maneira remota, o que ajuda a transferir receita dos serviços (restaurantes) para o comércio (supermercado), por exemplo. Por outro lado, a retomada em bom ritmo da atividade turística ajuda ao setor de alojamento e alimentação, fundamental para a atividade de serviços prestados às famílias.

Referências

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Mensal de Serviços - PMS.

5 Varejo

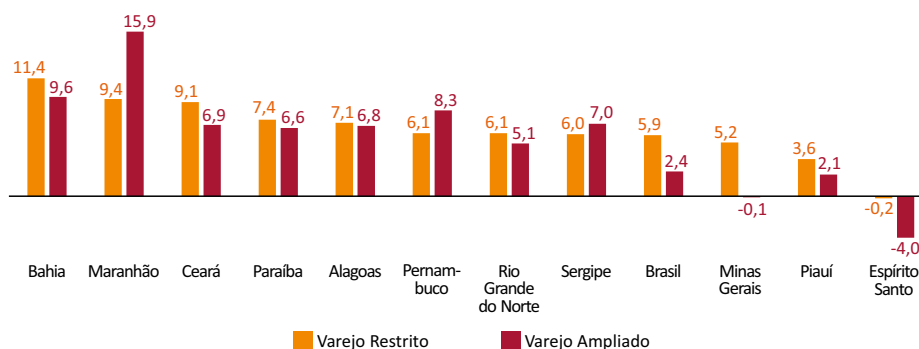
O volume de vendas do Comércio Varejista restrito no Brasil cresceu 5,9% no primeiro trimestre de 2024 na comparação com o mesmo período do ano anterior, segundo dados da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

No Comércio Varejista Ampliado que, além das atividades do varejo restrito, inclui as atividades de Veículos, motos, partes e peças, Material de construção e Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo, o volume de vendas apresentou crescimento de 2,4% na mesma comparação.

Dentre os grupos de atividades pesquisadas e analisadas para o Brasil, os maiores crescimentos foram verificados em Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria (+12,2%) e em Veículos e motos, partes e peças (+9,4%).

Em relação aos estados pertencentes à área de atuação do Banco do Nordeste, todos registraram volume de crescimento positivo para o comércio varejista restrito no primeiro trimestre de 2024 na comparação com o mesmo período do ano anterior, com exceção do Espírito Santo (-0,2%). Quanto ao comércio varejista ampliado, com exceção de Espírito Santo (-4,0%) e Minas Gerais (-0,1%), todos os estados da área de atuação também tiveram resultados positivos com destaque para o Maranhão (+15,9%).

Gráfico 1 – Variação (%) do volume de vendas do comércio - Brasil e estados selecionados – 1º Tri 2024/2023



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE.

A última atualização da Pesquisa Mensal do Comércio ocorreu em 2017 tendo como referência a pesquisa Anual do Comércio de 2014. Na ocasião, segundo o IBGE, foram selecionadas 6157 empresas. Nos anos seguintes foram identificadas necessidades por novas informações decorrentes de mudanças na economia e defasagem das bases amostrais.

No setor de comércio, foi identificada pelo Instituto a necessidade de ampliação do âmbito da pesquisa para englobar informações referentes ao segmento de Atacado de produtos alimentícios, bebidas e fumo, os atacarejos. Até então, não eram investigadas as receitas dos supermercados classificados como comércio atacadista e uma parte importante de vendas nesse segmento não era identificada. A mudança foi importante, pois esse tipo de comércio ganhou força durante a pandemia e a inclusão da atividade aprimora a informação da atividade de varejo e atacado de alimentos. Num ambiente de inflação e de queda da renda, as famílias mudaram o padrão de consumo.

Dentre os cinco estados pertencentes à área de atuação do Banco do Nordeste no qual são analisadas as atividades, as que apresentaram destaques positivos foram Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, em Minas Gerais (+15,2%) e Espírito Santo (15,5%), Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, em Minas Gerais (+87,3%), Outros artigos de uso pessoal e doméstico no Ceará (+17,8%), Minas Gerais (+18,4%) e Espírito Santo (+31,6%) e Veículos, motocicletas, partes e peças, em Pernambuco (+19,4%).

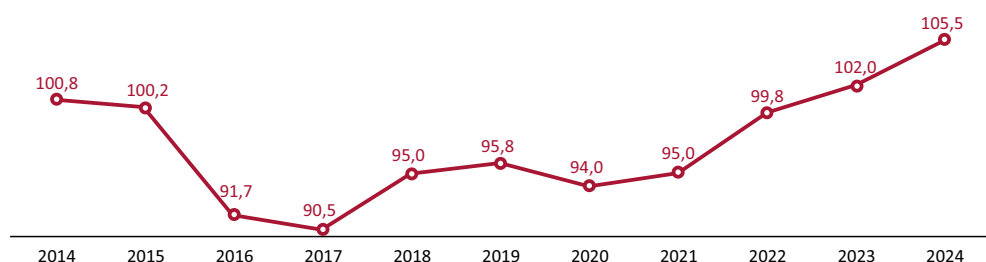
Tabela 1 – Variação (%) do volume de vendas do comércio e atividades - Brasil e Estados selecionados 1º tri 2024/2023.

Comércio e atividades	Brasil	Ceará	Pernam- buco	Bahia	Minas Gerais	Espírito Santo
Comércio varejista	5,9	9,1	6,1	11,4	5,2	-0,2
Combustíveis e lubrificantes	-1,6	9,5	3,9	5,7	-15,6	4,0
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	8,0	9,7	8,8	16,8	7,9	4,3
<i>Hipermercados e supermercados</i>	8,7	10,8	12,2	18,3	8,8	-0,1
Tecidos, vestuário e calçados	-0,3	-0,7	-10,3	-5,0	-0,7	-1,7
Móveis e eletrodomésticos	-0,3	2,4	4,2	3,9	-1,2	-6,0
<i>Móveis</i>	-0,6	5,6	-5,5	5,7	-6,1	3,7
<i>Eletrodomésticos</i>	0,2	3,1	7,3	2,8	1,3	-7,3
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	12,2	14,3	7,5	9,9	15,2	15,5
Livros, jornais, revistas e papelaria	-9,0	-21,1	-5,8	-28,7	-12,7	-5,0
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	-0,1	-15,3	-21,2	15,4	87,3	-13,2
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	6,6	17,8	7,9	13,9	18,4	31,6
Comércio varejista ampliado	4,6	6,9	8,3	9,6	-0,1	-4,0
Veículos, motocicletas, partes e peças	9,4	2,2	19,4	7,0	1,6	2,5
Material de construção	-1,8	6,5	-4,2	16,0	-2,0	-30,3
Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo	-2,0	3,9	7,4	3,0	-17,3	-3,4

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE.

O comércio varejista com o resultado do índice 105,5 em março de 2024, completou o quarto ano consecutivo com ganhos e com desempenho superiores a 2020. Na análise da série histórica do número índice de março (2014-2024), o ano de 2024 continua com trajetória ascendente e com nível superior ao pico da série que foi em 2014. Esse crescimento é retorno de um crescimento sustentado considerando que 2023 foi o ano com completa reabertura da economia e suspensão quase que total das barreiras sanitárias devido à pandemia do Covid-19. Sendo assim 2024 inicia-se com expectativa de crescimento sustentado consolidando o fim dos problemas econômicos trazidos pela pandemia.

Gráfico 1 – Variação (%) acumulada do volume de vendas do Comércio Varejista - Brasil – Número índice março 2014 a março 2024



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE.

Espera-se em 2024 o uso da inteligência artificial com impactos em áreas como análise de crédito, alocação de pessoal, marketing e logística. Os shoppings centers ainda possuem um papel importante, mas os varejistas irão rever o tamanho das lojas, e por consequência, o seu sortimento com o desafio de equilibrar estoques e a experiência dos clientes. Outro ponto é a consolidação de novos pontos de venda a exemplo de strip malls, aeroportos e terminais de ônibus como alternativa a shoppings e lojas de rua, fortalecendo o varejo de vizinhança. Movimento semelhante será a profissionalização do varejo de proximidade com lojas menores e oferta de conveniência concorrendo diretamente com a informalidade.

A volta do consumo de bens de maior valor está sendo impulsionada em 2024 pela queda de juros. Soma-se a isso o Programa Desenrola que ajudou a regularizar as finanças dos consumidores, trazendo uma massa importante de volta ao consumo. A sinalização tem sido destacada por fabricantes e redes de supermercados, atacarejos e farmácias nas últimas semanas, ainda que de forma cautelosa. Há indicadores positivos que podem, inclusive, melhorar resultados e margens dos grupos, caso se consolidem como tendência.

Observa-se uma mudança de foco de consumo nos últimos meses que passa de um cenário de orçamento mais restrito, concentrado em produtos básicos, para um momento com mais espaço para que haja consumo de outros tipos de produtos. Tal cenário tem relação com o aumento do crédito, em virtude da diminuição da taxa básica de juros, assim como crescimento da massa de rendimento real e da população ocupada.

Referências

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Mensal de Comércio - PMC – março/2024. Valor Econômico. **Volume volta a crescer no varejo e 2024 sinaliza nova recuperação**. 18 de Março de 2024.

_____. **Vendas do varejo crescem pelo segundo mês e atingem maior patamar na série histórica**. 11 de Abril de 2024.

_____. **7 Tendências do varejo brasileiro para 2024**. 20 de Dezembro de 2023

6 Turismo

A performance do turismo nacional, no primeiro trimestre de 2024 registrou um crescimento de 0,4% no acumulado de janeiro a março em relação ao mesmo período do ano anterior. Segundo a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Motivado, principalmente, pelos aumentos de receita obtidos por empresas dos ramos de restaurantes; serviços de bufê; espetáculos teatrais e musicais; hotéis; e agências de viagens. Na análise mês a mês, com ajuste sazonal, a atividade turística vem melhorando gradualmente, passando de -0,9% em janeiro para 0,2% em março. Já no acumulado dos últimos 12 meses, a atividade turística apresenta uma tendência de queda: 5,9% em janeiro, 4,9% em fevereiro e 4,4% em março.

Na área de atuação do Banco do Nordeste (BNB), o Estado da Bahia teve o maior crescimento na atividade turística (+7,3%) entre janeiro e março de 2024, seguido por Minas Gerais (+7,0%) e Pernambuco (+4,4%), conforme pesquisa já mencionada. Em contrapartida, os estados do Espírito Santo e Ceará tiveram uma piora na atividade turística, com quedas de -11,4% e -4,9%, respectivamente. Tabela 1.

Quanto ao desembarque de passageiros nos aeroportos brasileiros, o volume de desembarque doméstico cresceu 0,4% no período de janeiro a março de 2024 em relação ao ano anterior. Já os desembarques internacionais aumentaram em 25,2%, de 2,5 milhões de passageiros no primeiro trimestre de 2023 para 3,1 milhões no mesmo período em 2024.

Em relação aos desembarques por macrorregião, no primeiro trimestre de 2024, em comparação com o mesmo período de 2023, a Região Nordeste obteve o maior crescimento em desembarques de passageiros domésticos (+2,9%), seguida pelas regiões Sul (+1,8%), Sudeste (+0,7%) e Norte (+0,2%). A Região Centro-Oeste apresentou uma diminuição de 5,9% nos desembarques domésticos. Quanto aos desembarques internacionais, as regiões tiveram crescimentos substanciais no período, regiões Norte (+70,8%), Sul (+68,6%), Nordeste (+48,6%) e Centro-Oeste (+51,3%). Já a região Sudeste teve um crescimento abaixo da média nacional, com +20,1%, refletindo o desempenho de desembarques internacionais no primeiro trimestre de 2024. Turistas internacionais gastaram no Brasil cerca de US\$ 2,06 bilhões segundo dados do Banco Central (Bacen), valor 21,3% maior que o registrado no mesmo intervalo do ano anterior. Tabela 3.

Nos estados de atuação do Banco do Nordeste (BNB), em relação aos desembarques domésticos, Sergipe (+25,5%), Paraíba (+17,7%), Maranhão (+16,7%), Piauí (+15,8%) e Bahia (+7,9%) tiveram os melhores desempenhos no primeiro trimestre de 2024. Minas Gerais, Pernambuco e Alagoas também registraram crescimento de (+2,1%), (+1,2%) e (+0,4%), respectivamente. Os estados do Rio Grande do Norte, Ceará e Espírito Santo tiveram redução nos desembarques domésticos. Em termos de desembarques internacionais, Minas Gerais (+536,3%), Paraíba (+105,7%) e Alagoas (+80,6%) se destacaram na área de atuação do BNB. Os estados da Bahia (+52,5%), Ceará (+47,4%), Pernambuco (+43%) e Rio Grande do Norte (+42,2%) também apresentaram crescimentos significativos. Esses números demonstram o potencial atrativo da área de atuação do Banco para o público internacional, tanto para o turismo de lazer quanto para o turismo de negócios.

Tabela 1 – Indicadores de Volume das Atividades Turísticas, segundo Brasil e Unidades da Federação – Março de 2024 – Variação (%)

Brasil e Unidade da Federação	Mês/Mês anterior*			Interanual			Acumulado do ano			Últimos 12 meses		
	JAN	FEV	MAR	JAN	FEV	MAR	JAN	FEV	MAR	JAN	FEV	MAR
Brasil	-1,0	-0,9	0,2	0,4	0,2	0,5	0,4	0,3	0,4	6,0	5,0	4,5
Ceará	13,1	-5,8	-3,8	-5,3	-4,4	-8,7	-5,3	-4,9	-6,1	-5,5	-6,7	-7,7
Pernambuco	3,0	-1,9	0,7	5,3	2,3	5,4	5,3	4,0	4,4	2,4	1,7	2,3
Bahia	5,9	3,1	7,5	1,4	5,7	16,6	1,4	3,3	7,2	9,8	8,6	9,1
Minas Gerais	1,4	-1,8	0,6	11,6	5,9	3,7	11,6	8,8	7,0	15,2	13,8	12,2
Espírito Santo	4,5	1,1	-1,2	-9,2	-12,3	-13,0	-9,2	-10,7	-11,4	0,1	-1,9	-3,1

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE. * Com ajuste sazonal.

NOTA: O Índice de Atividades Turísticas – latur é construído através do agrupamento das seguintes atividades: Alojamento e alimentação; Serviços culturais, desportivos, de recreação e lazer; Locação de automóveis sem condutor; Agências de viagens e operadoras turísticas; Transportes turísticos (Transporte rodoviário de passageiros em linhas regulares intermunicipais, interestaduais e internacionais; Trens turísticos, teleféricos e similares; Transporte por navegação interior de passageiros em linhas regulares; Outros transportes aquaviários e Transporte aéreo de passageiros).

Tabela 2 – Embarques e desembarques nacionais por tipo - Acumulado de 2023 e 2024 entre os meses de janeiro e março

Processo	Acumulado de 2023	Acumulado de 2024	var. (%)
Desembarque doméstico	22.341.074	22.437.284	0,4
Desembarque Internacional	2.513.416	3.147.361	25,2
Embarque doméstico	22.341.074	22.437.284	0,4
Embarque internacional	2.594.532	3.181.713	22,6

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados da Agência Nacional de Aviação Civil – Anac.

Tabela 3 – Desembarques de passageiros, por natureza, em aeroportos – Brasil e Regiões – acumulado de 2023 e 2024 entre os meses de janeiro e março.

Brasil e Regiões	Internacional			Doméstico		
	Acumulado de 2023	Acumulado de 2024	Var. (%)	Acumulado de 2023	Acumulado de 2024	Var. (%)
Nordeste	110.298	163.922	48,6	4.468.643	4.598.957	2,9
Norte	25.185	43.028	70,8	1.207.412	1.210.080	0,2
Centro-oeste	55.539	84.032	51,3	2.799.419	2.632.861	-5,9
Sudeste	2.182.345	2.620.252	20,1	11.109.591	11.190.833	0,7
Sul	140.049	236.127	68,6	2.756.009	2.804.553	1,8
Brasil	2.513.416	3.147.361	25,2	22.341.074	22.437.284	0,4

Fonte: Elaboração BNB/EteneE, com dados da Agência Nacional de Aviação Civil – Anac.

Tabela 4 – Desembarques de passageiros em aeroportos por natureza do voo – Nordeste e Estados – acumulado de 2023 e 2024 entre os meses de janeiro e março.

Estados / Região	Internacional			Doméstica		
	Acumulado de 2023	Acumulado de 2024	Var. (%)	Acumulado de 2023	Acumulado de 2024	Var. (%)
Alagoas	3.276	5.917	80,6	300.819	330.554	0,4
Bahia	38.528	58.760	52,5	1.275.027	1.340.311	7,9
Ceará	30.399	44.801	47,4	782.029	698.773	-2,1
Maranhão	-	-	0,0	195.813	207.022	16,74
Paraíba	53	109	105,7	182.439	227.718	17,75
Pernambuco	29.282	41.876	43,0	1.166.491	1.229.196	1,2
Piauí	-	-	0,0	124.112	134.661	15,83
Rio Grande do Norte	8.760	12.459	42,2	304.764	280.373	-2,4
Sergipe	-	-	0,0	137.149	150.349	25,56
Nordeste	110.298	163.922	48,6	4.468.643	4.598.957	2,9
Minas Gerais	29.346	186.730	536,3	1.438.096	1.468.392	2,1
Espírito Santo	-	-	0,0	331.692	329.240	-0,7

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados da Agência Nacional de Aviação Civil – Anac.

7 Mercado de Trabalho

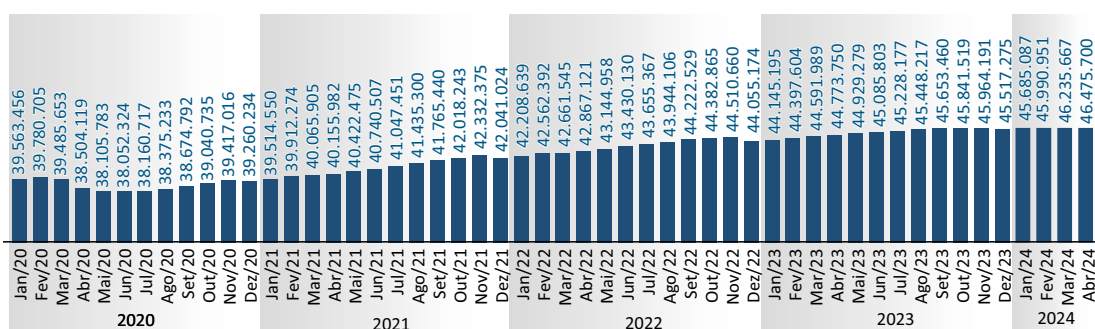
7.1 Mercado de trabalho formal no Brasil

Os principais indicadores do mercado de trabalho formal vêm paulatinamente mostrando recuperação e estabilidade no País e em todas as cinco regiões brasileiras, no ano de 2023, de acordo com os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), do Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE).

O Gráfico 1 traz um conjunto de dados referente ao estoque de emprego formal, revelando um padrão de crescimento do mercado de trabalho a partir de janeiro de 2021. No atual cenário, no ano de 2024, em particular, a expansão do mercado de trabalho foi marcada por estabilidade.

Assim, o nível de emprego celetista no Brasil contabilizou 43,4 milhões de trabalhadores com registro na CLT. Desta forma, o nível de emprego obteve expansão de +2,11% em relação ao estoque de emprego do ano de 2023.

Gráfico 1 - Brasil: Evolução do Estoque de emprego¹ - 2020 a 2024⁽²⁾



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do Caged (2024). Nota (1): A variável estoque de emprego pode sofrer ajustes conforme atualização de dados pelo Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE); (2) Dados disponíveis até abril de 2024.

Quanto à movimentação do emprego no País, as contratações superaram as demissões, gerando saldo de emprego em +958.425 novos postos de trabalho, no acumulado de janeiro a abril de 2024. Este resultado foi obtido da movimentação de 8.904.070 admissões e dos 7.945.645 desligamentos, de acordo com o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED).

No País, todos os cinco grupos dos setores econômicos apresentaram saldo de emprego positivo no acumulado de 2024. Neste período, Serviços (+556.607) obteve maior fechamento líquido de postos de trabalho, com destaque do saldo positivos de empregos nas atividades de Informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas (+202.820 empregos), Administração pública, defesa e seguridade social, educação, saúde humana e serviços sociais (+219.686), Transporte, armazenagem e correio (+65.876) e Alojamento e alimentação (+28.128). Na sequência, Indústria (+191.358), Construção (+141.428), Comércio (+42.936) e Agropecuária (+26.097) contribuíram para o saldo de empregos no País (Tabela 1).

Tabela 1 – Brasil e Regiões: Saldo de empregos, por setor econômico – Acumulado de 2024

Grupo de Atividades Econômicas e Seção CNAE 2.0	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	Brasil
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aqüicultura	-1.385	-15.141	15.990	8.391	14.680	26.097
Indústria geral	8.884	-24.226	105.719	81.816	19.157	191.358
Água, Esgoto, Atividades de Gestão de Resíduos e Descontaminação	-330	1.244	2.925	841	1.294	5.976
Eletricidade e Gás	134	-174	468	126	261	815
Indústrias de Transformação	8.663	-25.876	99.736	80.415	17.107	180.051

BNB Conjuntura Econômica Jan/Mar/2024

Grupamento de Atividades Econômicas e Seção CNAE 2.0	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	Brasil
Indústrias Extrativas	417	580	2.590	434	495	4.516
Construção	5.401	15.152	75.289	24.445	20.910	141.428
Comércio	6.027	2.605	6.822	16.318	11.160	42.936
Comércio e Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas	1.658	3.520	9.582	5.560	3.494	23.814
Comércio por Atacado, Exceto Veículos Automotores	2.347	6.113	15.499	12.190	3.955	40.104
Comércio Varejista	2.022	-7.028	-18.259	-1.432	3.711	-20.986
Serviços	28.262	83.705	278.090	106.330	58.977	556.607
Administração pública, defesa e seguridade social, educação, saúde humana e serviços sociais	10.501	36.097	121.015	34.109	17.699	219.686
Administração Pública, Defesa e Seguridade Social	3.532	4.044	21.344	5.484	1.556	35.961
Educação	4.952	18.504	57.391	17.331	9.329	107.507
Saúde Humana e Serviços Sociais	2.017	13.549	42.280	11.294	6.814	76.218
Alojamento e alimentação	2.207	2.696	16.992	1.127	5.103	28.128
Informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas	10.693	35.704	84.618	50.437	20.442	202.820
Outros serviços	2.040	7.522	17.719	6.942	5.832	40.069
Serviços domésticos	2	-12	4	20	5	28
Transporte, armazenagem e correio	2.819	1.698	37.742	13.695	9.896	65.876
Não identificado	6	0	-7	1	-1	-1
Total	47.195	62.095	481.903	237.301	124.883	958.425

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do Caged (2024).

Regionalmente, nota-se que a expansão do número de novos postos de trabalho formal vem ocorrendo de forma generalizada, abrangendo todas as regiões do País. No acumulado até abril de 2024, o Sudeste (+481.903), Sul (+237.301) e Centro-Oeste (+124.883) foram as regiões que ressaltaram com maior nitidez o processo de recuperação do mercado de trabalho. Neste período, Nordeste configura como a quarta região brasileira que mais gerou empregos no ano de 2024, deferentemente dos últimos 3 anos, quando Nordeste era a segunda região que mais gerava empregos, conforme dados da Tabela 2.

Tabela 2 – Brasil e Regiões: Evolução do saldo de empregos – 2020 a 2024 ⁽¹⁾

Brasil e Regiões	2020	2021	2022	2023	2024 ⁽¹⁾	Participação no saldo de empregos 2024
Norte	52.450	165.612	118.548	106.485	47.195	4,9%
Nordeste	-13.708	505.347	379.664	295.287	62.095	6,5%
Sudeste	-278.116	1.326.035	977.758	711.591	481.903	50,3%
Sul	24.781	490.453	308.981	196.379	237.301	24,8%
Centro-Oeste	17.759	281.666	230.653	153.173	124.883	13,0%
Não identificado	5.668	11.677	-1.454	-814	5.048	0,5%
Brasil	-191.166	2.780.790	2.014.150	1.462.101	958.425	100,0%

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do Caged (2024). Nota: (1) acumulado de janeiro a abril de 2024.

Quanto ao estoque de empregos, o Nordeste (+7.678.526) configura como a terceira região brasileira com maior estoque de empregos formais do País, com participação de 16,5% do estoque de empregos do

País, ficando atrás apenas do Sudeste (23.728.312), com 51,1% do estoque de empregos nacional e do Sul (8.561.279; 18,4% do estoque de empregos do País), (Tabela 2).

Sendo assim, para o primeiro trimestre de 2024, numa perspectiva de cenário otimista, tanto a nível nacional quanto regional, a estimativa do estoque de empregos seguirá tendência de crescimento, em razão, principalmente, da recuperação econômica dos setores como Serviços e Comércio, pois estes setores foram os mais atingidos pela pandemia da Covid-19, e pelo crescimento acelerado do setor da Construção, que vem com crescimento médio de 8,0% ao ano para os últimos 4 anos.

Tabela 3 – Brasil: Movimentação do emprego, por Grande Região e Estados - Acumulado de 2024

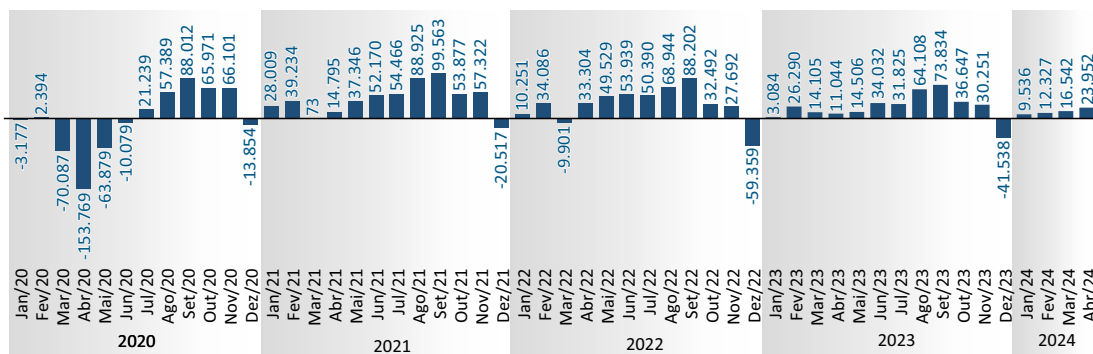
Brasil / Regiões / Unidades Federativas	Admitidos	Desligados	Saldos	Estoque	Varição Relativa (%)	Participação no Estoque do Brasil (%)
Norte	410.441	363.246	47.195	2.314.370	2,08	5,0%
Rondônia	58.575	53.799	4.776	290.079	1,67	0,6%
Acre	19.021	15.800	3.221	107.057	3,10	0,2%
Amazonas	90.845	79.992	10.853	527.954	2,10	1,1%
Roraima	16.711	14.097	2.614	78.809	3,43	0,2%
Pará	162.094	145.348	16.746	965.283	1,77	2,1%
Amapá	15.943	13.129	2.814	89.172	3,26	0,2%
Tocantins	47.252	41.081	6.171	256.016	2,47	0,6%
Nordeste	1.130.081	1.067.986	62.095	7.678.529	0,82	16,5%
Maranhão	84.893	82.777	2.116	644.850	0,33	1,4%
Piauí	51.920	45.826	6.094	354.631	1,75	0,8%
Ceará	197.825	181.045	16.780	1.370.114	1,24	2,9%
Rio Grande do Norte	77.095	71.438	5.657	507.578	1,13	1,1%
Paraíba	73.561	72.240	1.321	488.626	0,27	1,1%
Pernambuco	206.727	202.039	4.688	1.461.655	0,32	3,1%
Alagoas	58.828	72.010	-13.182	433.020	-2,95	0,9%
Sergipe	45.298	42.944	2.354	329.493	0,72	0,7%
Bahia	333.934	297.667	36.267	2.088.562	1,77	4,5%
Sudeste	4.539.502	4.057.599	481.903	23.728.312	2,07	51,1%
Minas Gerais	984.129	870.158	113.971	4.884.886	2,39	10,5%
Espírito Santo	191.716	169.509	22.207	896.535	2,54	1,9%
Rio de Janeiro	567.995	510.238	57.757	3.796.789	1,54	8,2%
São Paulo	2.795.662	2.507.694	287.968	14.150.102	2,08	30,4%
Sul	1.914.239	1.676.938	237.301	8.561.279	2,85	18,4%
Paraná	716.086	628.248	87.838	3.179.239	2,84	6,8%
Santa Catarina	618.032	538.163	79.869	2.541.895	3,24	5,5%
Rio Grande do Sul	580.121	510.527	69.594	2.840.145	2,51	6,1%
Centro-Oeste	904.516	779.633	124.883	4.187.880	3,07	9,0%
Mato Grosso do Sul	153.729	136.282	17.447	675.412	2,65	1,5%
Mato Grosso	238.824	210.170	28.654	947.232	3,12	2,0%
Goiás	357.891	300.698	57.193	1.575.865	3,77	3,4%
Distrito Federal	154.072	132.483	21.589	989.371	2,23	2,1%
Não identificado	5.291	243	5.048	5.330	-	0,0%
Brasil	8.904.070	7.945.645	958.425	46.475.700	2,11	100,0%

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do Caged (2024). Nota 1: variação em relação ao estoque de emprego do ano de 2023.

7.2. Mercado de trabalho formal no Nordeste

No acumulado de janeiro a abril de 2024, o resultado líquido de empregos formais no Nordeste foi de +62.095 novos postos de trabalho. De acordo com o Gráfico 2, o fechamento líquido do acumulado dos anos 2021, 2022, 2023 e 1º quadrimestre de 2024 deriva da recuperação econômica pós-Covid-19, com efeito significativo na geração de renda e empregos direto e indireto na Região.

Gráfico 2 – Nordeste: Evolução do saldo de empregos - 2020 a 2024 ⁽¹⁾

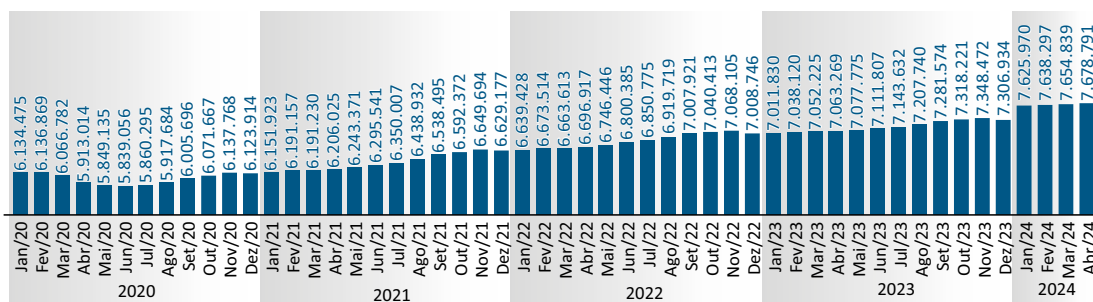


Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do Caged (2024). Nota (1): Dados disponíveis até abril de 2024.

No Gráfico 3, tem-se a trajetória do estoque de empregos mensal dos anos de 2020 a 2024, com dados até abril. Neste período, verificou-se crescimento no nível do estoque do emprego com carteira assinada na Região Nordeste a partir do ano de 2021; desde então, vem consolidando tendência de recuperação com registros de saldos de empregos positivos até o atual cenário.

Desta forma, o estoque de empregos no Nordeste alcançou 7.678.526 vínculos ativos, o que representa 16,5% do estoque nacional de empregos. O estoque apresentou variação de +0,86% em relação ao estoque de empregos do ano de 2023, seguindo tendência de crescimento para este início do ano 2024. As informações são do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), do Ministério da Economia (2024).

Gráfico 3 – Nordeste: Evolução do Estoque de Emprego - 2020 a 2024 ⁽¹⁾



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do Caged (2024). Nota (1): Dados disponíveis até abril de 2024.

De acordo com dados da Tabela 3, verifica-se que o resultado do emprego na Região Nordeste foi impactado positivamente, de forma significativa, pela combinação do retorno de investimentos dos setores de Serviços e Construção, que lideraram na geração de empregos no Nordeste, no acumulado de 2024.

Nesse período, Serviços foi o setor que mais gerou postos de emprego no Nordeste, formação de +83.705 vagas de trabalho. Entre os segmentos, Atividades administrativas (+23.394), Educação (+18.504), Saúde humana e Serviços Sociais (+13.549) se sobressaíram na ampliação do quadro de funcionários no Nordeste. Vale enfatizar que Serviços lidera na geração de empregos em todas as Regiões do País, com destaque no Sudeste (+278.090), Sul (+106.330) e Nordeste (+83.705), no acumulado de janeiro a abril de 2024, vide Gráfico 4

Construção registrou o segundo maior saldo positivo de empregos no Nordeste, computando +15.152 novas vagas, no acumulado de 2024. Na Região, Construção de Edifícios (+11.382 postos) obteve significativo resultado na geração de novos empregos formais, seguido por Obras de Infraestrutura (+3.350) e Serviços Especializados em Construção (+420). O setor da Construção apresentou saldo de empregos positivo em todas as Regiões do País, com ênfase no Sudeste (+75.289), Sul (+24.445) e Centro-Oeste (+20.910).

Comércio ampliou seu quadro de pessoal em +2.605 postos na Região Nordeste, no acumulado de janeiro a abril de 2024. Entre as três subatividades pesquisadas, somente Comércio Varejista reduziu seu nível de estoque de empregos em -7.028 postos de trabalho. Enquanto, Comércio por Atacado e Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas obtiveram resultado do saldo líquido na geração de novos empregos em +6.113 e +3.520, nesta ordem, no âmbito regional.

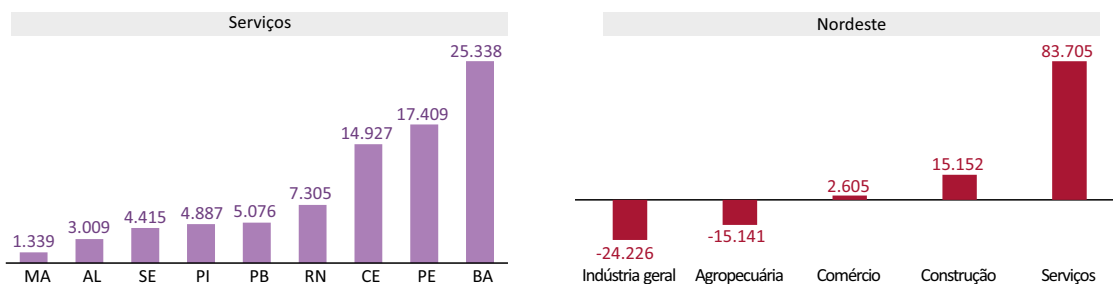
Na Agropecuária, o saldo de emprego foi de perda de postos de trabalho, a retração foi -15.141 empregos no Nordeste para o acumulado de 2024. A redução do quadro de empregos na agropecuária foi mais intensa nos cultivos de cana-de-açúcar (-9.642) e de melão (-3.398). No entanto, os cultivos de soja (+732), café (+391), manga (+369) e criação de aves (+399) se destacaram na ampliação de empregos na Região.

A Indústria na Região Nordeste contraiu o nível de emprego em -24.226 postos de trabalho, no acumulado de 2024. Entre as quatro subatividades, Indústrias de Transformação (-25.876) e Eletricidade e gás (-174) registraram saldo de empregos negativo na Região no acumulado de 2024. Enquanto, as atividades de Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e Indústrias extrativas pontuaram com saldo de empregos em +1.244 e +580 postos de trabalho, respectivamente.

O setor industrial foi fortemente impactado pela redução de postos de empregos nas Indústrias de Transformação, em que a Fabricação e refino de açúcar registrou perda de -30.173 empregos formais, seguido pela redução do quadro de funcionários na Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo (-5.189) e Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-1.379). Mesmo neste cenário, nas Indústrias de Transformação merecem destaques na geração de empregos as atividades de Confeção de artigos para o vestuário (+2.014), Fabricação de produtos de borracha e de material de plástico (+1.368) e Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos (+961).

Gráfico 4 – Nordeste: Saldo de empregos, por setor econômico - Acumulado de 2024 ⁽¹⁾





Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do Caged (2024). Nota (1): Dados disponíveis até abril de 2024.

7.3 Mercado de trabalho formal nas Unidades Federativas do Nordeste

O mercado de trabalho formal no Nordeste assegurou tendência de crescimento no decorrer de todo o ano de 2024, com exceção no mês de dezembro, que coincide com o período de encerramento de algumas atividades produtivas devido às festividades de fim de ano. Esse crescimento do mercado de trabalho se refletiu na maioria de seus estados, com efeito significativo sobre a recuperação econômica da Região.

De acordo com o Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE), todos os estados do Nordeste apresentaram saldo de empregos positivo no acumulado do ano, conforme dados da Tabela 4. Entre estes, Bahia (+36.267) despontou com maior saldo de empregos, seguido por Ceará (+16.780), Piauí (+6.094) e Rio Grande do Norte (+2.423).

Tabela 4 – Nordeste e Estados: Saldo e Estoque do Emprego Formal - Acumulado de 2024 ⁽¹⁾

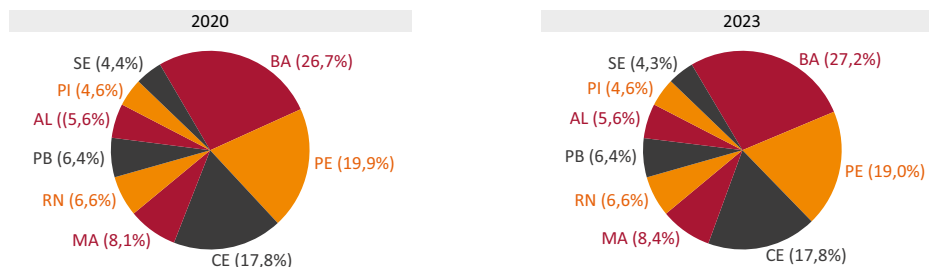
Estados	Acumulado de janeiro a abril de 2023			Estoque do emprego formal ⁽¹⁾ - Acumulado de janeiro a abril de 2024		
	Admitidos	Desligados	Saldo de Emprego Formal	Estoque	Participação (%)	Varição (%) ⁽²⁾
Maranhão	84.893	82.777	2.116	644.850	8,4%	0,33%
Piauí	51.920	45.826	6.094	354.631	4,6%	1,75%
Ceará	197.825	181.045	16.780	1.370.114	17,8%	1,24%
Rio Grande do Norte	77.095	71.438	5.657	507.578	6,6%	1,13%
Paraíba	73.561	72.240	1.321	488.626	6,4%	0,27%
Pernambuco	206.727	202.039	4.688	1.461.655	19,0%	0,32%
Alagoas	58.828	72.010	-13.182	433.020	5,6%	-2,95%
Sergipe	45.298	42.944	2.354	329.493	4,3%	0,72%
Bahia	333.934	297.667	36.267	2.088.562	27,2%	1,77%
Nordeste	1.130.081	1.067.986	62.095	7.678.529	100,0%	0,82%

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do Caged (2024). Nota: (1) Estoque de emprego com posição até abril de 2024; (2) Variação percentual do estoque de emprego em relação ao ano de 2023.

De modo semelhante ao saldo de emprego positivo, a melhora das condições do mercado de trabalho impactou no estoque de empregos, que, contabilizava 6.123.914 empregos formais em 2020, passou a registrar 7.306.934 empregos em abril de 2024, crescimento em 25,4% no período.

Quanto à representatividade regional do estoque de emprego, que é a quantidade total de vínculos celetistas ativos, Bahia atingiu 2.088.562 empregos formais de provimento, aproximadamente 27,2% do total regional; por sequência, Pernambuco (1.461.655, com 19,0%), Ceará (1.370.114, participa com 17,8%) e Maranhão (644.850, com 8,4%). Os três estados detinham cerca de 72,5% do emprego formal da Região Nordeste (Gráfico 5).

Gráfico 5 – Estados do Nordeste: Estoque de Emprego Formal - Acumulado de 2020 e 2024 ⁽¹⁾



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do Caged (2024). Nota: (1) Estoque de emprego atualizado até abril de 2024.

Na Bahia, todos os cinco agrupamentos de atividade econômica apresentaram saldo de empregos positivo, contribuindo para o crescimento do estoque de empregos no Estado da Bahia, (+1,77%), que foi registrado acima da média regional (+0,82%). A geração de emprego foi fomentada principalmente por Serviços (+25.338) e Indústria (+5.106). Em Serviços, os destaques na geração de empregos foram em Atividades Administrativas (+8.118), Educação (+5.615) e Saúde Humana (+5.385). Na Indústria, a geração de empregos formais se sobressaiu na Fabricação de Biocombustíveis (+1.603), Produtos Alimentícios (+812) e Produtos de Borracha e Metal (+583).

No Ceará, Serviços foi o setor que mais formou novos postos de trabalho, apresentando saldo de empregos em +14.927 novos postos de trabalho, no acumulado de janeiro a abril de 2024. Entre as subatividades econômicas, Educação (+3.976), Atividades administrativas (+3.186) e Outros Serviços (+2.488) impulsionaram o setor de Serviços no estado cearense. O setor da Construção também foi importante indutor de geração de empregos, com formação de 1.909 empregos formais. Especificamente, Obras de infraestrutura foi a atividade que mais impulsionou o setor da Construção no Estado, com formação de 1.194 novos postos de trabalho.

No Piauí, o setor de Serviços (+4.887) contribuiu de forma significativa para o resultado de saldo de empregos positivo no acumulado de 2024. Os setores do Comércio (+1.068), Indústria (+959) e Agropecuário (+448) também pontuaram positivamente na geração de empregos. Serviços lidera na formação de postos de trabalho, impulsionado por Outros Serviços (+1.373), Saúde Humana (+943) e Transporte, armazenagem e correio (+357).

No Rio Grande do Norte, Serviços (+7.305) e Construção (+1.968) foram os setores que mais geraram novos empregos, no acumulado de 2024. Em Serviços, o desempenho na geração de empregos em Atividades Administrativas (+4.803), Educação (+1.122) e Saúde Humana (+476) estimularam consideravelmente a geração de empregos no Estado. Na Construção, especificamente a Construção de edifícios (+1.778), despontou na geração de novos empregos, seguido por Serviços especializados para construção (+120) e Obras de Infraestrutura (+70), no acumulado do período de janeiro a abril de 2024.

Por atividade econômica, vale enfatizar que Serviços (+83.705) e Construção (+15.152) foram os setores que mais ampliaram o número de postos de trabalho na Região, no acumulado de janeiro a abril de 2024. Em Serviços, destacam-se os estados da Bahia (+25.338), Pernambuco (+17.409), Ceará (+14.927) e Rio Grande do Norte (+7.305). Nesse período, Construção se sobressai na geração de empregos nos estados de Pernambuco (+4.397), Paraíba (+2.894), Rio Grande do Norte (+1.968) e Ceará (+1.909), conforme dados da Tabela 4.

Tabela 5 – Nordeste e Estados: Saldo de empregos, por setor econômico - Acumulado de 2024 ⁽¹⁾

Grupamento de Atividades Econômicas e Seção CNAE 2.0	Maranhão	Piauí	Ceará	Rio Grande do Norte	Paraíba	Pernambuco	Alagoas	Sergipe	Bahia
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	-202	448	-348	-4.470	-3.649	-4.819	-3.061	-2.095	3.055
Indústria geral	40	959	1.694	-357	-3.437	-11.268	-14.957	-2.006	5.106
Água, Esgoto, Gestão de Resíduos...	-147	249	827	178	78	-71	228	-251	153
Eletricidade e Gás	-22	-22	102	-24	-27	29	-79	5	-136
Indústrias de Transformação	242	613	655	-336	-3.485	-11.291	-15.168	-1.905	4.799
Indústrias Extrativas	-33	119	110	-175	-3	65	62	145	290
Construção	153	-1.268	1.909	1.968	2.894	4.397	1.702	1.687	1.710
Construção de Edifícios	71	-114	398	1.778	2.400	2.753	1.396	914	1.786
Obras de Infr-Estrutura	310	-1.012	1.194	70	209	664	95	238	1.582
Serviços especializados p/ Construção	-228	-142	317	120	285	980	211	535	-1.658
Comércio	786	1.068	-1.402	1.214	436	-1.030	121	353	1.059
Comércio e Reparação de Veículos Automotores...	354	254	238	243	294	581	310	300	946
Comércio por Atacado, Exceto Veículos Automotores	809	531	541	509	361	572	500	115	2.175
Comércio Varejista	-377	283	-2.181	462	-219	-2.183	-689	-62	-2.062
Serviços	1.339	4.887	14.927	7.305	5.076	17.409	3.009	4.415	25.338
Adm. pública, defesa e seguridade social, educação, saúde...	1.419	1.952	5.297	1.621	2.058	8.300	1.440	2.106	11.904
Administração Pública, Defesa e Seguridade Social	141	282	372	23	20	1.519	-12	795	904
Educação	1.228	727	3.976	1.122	1.252	2.645	1.013	926	5.615
Saúde Humana e Serviços Sociais	50	943	949	476	786	4.136	439	385	5.385
Alojamento e alimentação	680	170	-173	260	328	417	533	428	53
Inform., comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, ...	-840	1.035	7.303	5.298	2.545	7.658	842	1.562	10.301
Outros serviços	490	1.373	2.488	287	113	971	327	231	1.242
Serviços domésticos	2	0	-5	-6	-1	1	0	-1	-2
Transporte, armazenagem e correio	-412	357	17	-155	33	62	-133	89	1.840
Não identificado	0	0	0	-3	1	-1	4		-1
Total	2.116	6.094	16.780	5.657	1.321	4.688	-13.182	2.354	36.267

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do Caged (2024). Nota (1): Dados disponíveis até abril de 2024.

7.4 Mercado de trabalho formal nos Municípios do Nordeste

As estatísticas apuradas pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) retratam o bom desempenho na geração de empregos formais na maioria dos municípios do Nordeste. No acumulado entre janeiro e abril de 2024, cerca de 1.048 municípios do Nordeste apresentaram saldo de emprego positivo, isto, considerando apenas as localidades com mais de 30 mil habitantes.

No acumulado do ano de 2024, esse conjunto de 1.048 municípios gerou 62.095 novos empregos formais. Desse conjunto, 60.926 empregos foram gerados nas capitais dos estados do Nordeste, o que equivale a 98,1% dos empregos gerados na Região; enquanto, 1.169 empregos formais foram criados nos municípios que fazem parte do interior dos estados da Região, que corresponde a 1,9% dos empregos formais produzidos no Nordeste no acumulado de 2024.

Em relação aos empregos gerados nas capitais, observou-se formação de novos empregos em todas as capitais da Região, no acumulado de 2024, com exceção para São Luís (MA), que reduziu em 908 postos de trabalho. Neste grupo, destacam-se os resultados obtidos em Salvador - BA (+21.514), Fortaleza - CE (+12.339) e Recife - PE (+8.949), conforme dados da Tabela 6.

Em Salvador - BA (+21.514), Serviços (+19.796) e Construção (+2.163) impulsionaram a geração de empregos no acumulado de 2024. Os destaques do saldo de empregos no setor de Serviços foram em Atividades Administrativas (+13.095), Educação (+2.915), e Saúde Humana (+2.649), dos quais foram determinantes no saldo de empregos do setor.

Em Fortaleza - CE (+12.339), Serviços (+11.263), Indústria (+1.708) e Construção (+1.684) se destacaram na formação de postos de trabalho em 2023. Em Serviços, as Atividades Administrativas (+3.600), Outros Serviços (+2.439), Educação (+3.187) e Informação e Comunicação (+1.615) foram as atividades que impulsionaram a formação de empregos no setor.

Em Recife-PE (+8.949), todos os setores computaram saldo de empregos positivo, com exceção Comércio (-836). No acumulado de 2024, o setor de Serviços (+8.275) se destacou na formação de novos empregos em Atividades administrativas (+4.149), Saúde Humana (+1.572), Educação (+1.186) e Atividades profissionais, científicas e técnicas (+995).

Tabela 6 – Capitais e Municípios do Interior dos Estados do Nordeste: Saldo de emprego, por setor econômico - Acumulado de 2024 ⁽¹⁾

CAPITAIS							
UF	Município	Saldo Total	Agropecuária	Indústria	Construção	Comércio	Serviços
MA	São Luís	-908	-1	183	134	18	-1.242
PI	Teresina	4.728	-70	544	260	-4	3.998
CE	Fortaleza	12.339	3	1.708	1.684	-2.319	11.263
RN	Natal	3.459	-53	725	449	-38	2.376
	João Pessoa	4.013	-78	171	1.050	198	2.671
PE	Recife	8.949	14	113	1.383	-836	8.275
AL	Maceió	2.801	39	-274	1.199	-436	2.273
SE	Aracaju	4.031	-6	10	1.509	-105	2.623
BA	Salvador	21.514	-23	-21	2.163	-401	19.796
Total das Capitais		60.926	-175	3.159	9.831	-3.923	52.033
MUNICÍPIOS DO INTERIOR DO ESTADO							
UF	Município	Saldos	Agropecuária	Indústria	Construção	Comércio	Serviços
MA	Interior	3.024	-201	-143	19	768	2.581
PI	Interior	1.366	518	415	-1.528	1.072	889
CE	Interior	4.441	-351	-14	225	917	3.664
RN	Interior	2.201	-4.417	-1.082	1.519	1.252	4.929
PB	Interior	-2.693	-3.571	-3.608	1.844	238	2.405
PE	Interior	-4.260	-4.833	-11.381	3.014	-194	9.134
AL	Interior	-15.987	-3.100	-14.683	503	557	736
SE	Interior	-1.677	-2.089	-2.016	178	458	1.792
BA	Interior	14.754	3.078	5.127	-453	1.460	5.542
Total dos municípios do Interior		1.169	-14.966	-27.385	5.321	6.528	31.672

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do Caged (2024). Nota (1): Dados disponíveis até abril de 2024.

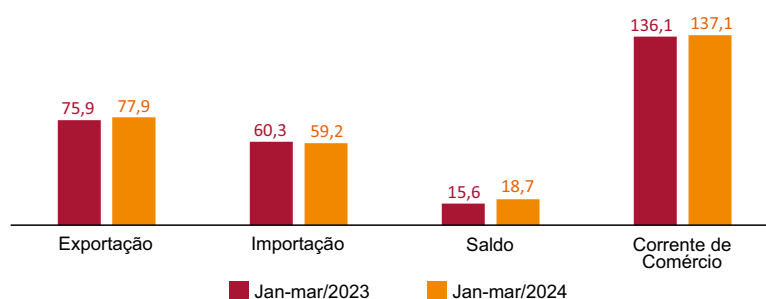
8 Comércio Exterior

8.1 Balança comercial do Brasil

A balança comercial brasileira encerrou o primeiro trimestre de 2024 com superávit de US\$ 18,66 bilhões, 19,6% superior ao registrado em mesmo período do ano passado (US\$ 15,61 bilhões), segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex) do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Gráfico 1). As exportações do País somaram US\$ 77,89 bilhões, registrando crescimento de 2,7%, enquanto as importações totalizaram US\$ 59,22 bilhões, queda de 1,7%, nesse período comparativo.

A corrente de comércio do Brasil, indicador expresso pela soma dos valores exportados e importados pelo País, alcançou US\$ 137,11 bilhões, no acumulado até março de 2024, contra US\$ 136,11 bilhões, no acumulado até março de 2023, acréscimo de 0,7%.

Gráfico 1 – Brasil - Exportações, importações, saldo da balança comercial e corrente de comércio –Jan-mar/2024/2023 - US\$ Bilhões



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados da Secex/ME (coleta de dados realizada em 01/07/2024). Obs.: Dados referentes a meses anteriores retificados.

A decomposição das exportações brasileiras por setores de atividades econômicas (Tabela 1) mostra que, no primeiro trimestre de 2024, os produtos da Indústria de Transformação foram responsáveis por 52,4% (US\$ 40,83 bilhões) das vendas externas, apresentando ligeira retração de 0,9% (-US\$ 0,38 bilhão), frente ao primeiro trimestre de 2023. O principal produto exportado pelo setor, Açúcares e melaços, registrou incremento nas vendas de 110,2% (+US\$ 2.486,6 milhões), no período em foco, motivado pela elevação no preço médio de exportação e da quantidade embarcada. Por outro lado, decresceram as vendas externas de Carnes de aves e suas miudezas comestíveis, frescas, refrigeradas ou congeladas (-16,9%, US\$ 396,2 milhões), Veículos automóveis de passageiros (-29,8%, -US\$ 338,7 milhões), Ferro-gusa, spiegel, ferro-esponja, grânulos e pó de ferro ou aço e ferro-ligas (-21,3%, -US\$ 328,5 milhões), Produtos semi-acabados, lingotes e outras formas primárias de ferro ou aço (-17,0%, -US\$ 252,0 milhões), dentre outros.

Tabela 1 – Brasil - Exportação por setor de atividades econômicas - Jan-mar/2024/2023 - US\$ bilhões FOB

Atividade Econômica	Jan-mar/2024		Jan-mar/2023		Variação %
	Valor	Part. (%)	Valor	Part. (%)	
Agropecuária	16,16	20,8	16,92	22,3	-4,5
Indústria Extrativa	20,50	26,3	17,28	22,8	18,7
Indústria de Transformação	40,83	52,4	41,21	54,3	-0,9
Outros Produtos	0,40	0,5	0,46	0,6	-13,1
TOTAL	77,89	100,0	75,86	100,0	2,7

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados da Secex/ME (coleta de dados realizada em 01/07/2024). Obs.: Dados referentes a meses anteriores retificados.

O setor Agropecuário, responsável por 20,8% (US\$ 16,16 bilhões) das vendas externas, registrou queda de 4,5% (-US\$ 0,76 bilhão), no período em análise. Os principais produtos do setor foram: Soja (60,2% de participação), Café não torrado (13,8%), Milho (10,1%) e Algodão em bruto (9,0%). Juntos respondem por 93,1% das vendas do setor. As vendas de Café não torrado e Algodão em bruto registraram crescimento

de 33,8% (+US\$ 563,4 milhões) e 217,9% (+US\$ 997,8 milhões). Por outro lado, as exportações de Soja decresceram 8,8% (-US\$ 940,9 milhões) e as de Milho, 42,8% (-US\$ 1.217,3 milhões), devido à queda nos preços internacionais comercializados.

A Indústria Extrativa, com 26,3% (US\$ 20,50 bilhões) de participação nas exportações totais do País, no acumulado até março de 2023, registrou crescimento nas vendas de 18,7% (+ US\$ 3,22 bilhões), ante mesmo período do ano anterior. Esse resultado decorreu, principalmente, do acréscimo de 14,1% (+US\$ 1.383,8 milhões) nas exportações de Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus e de 30,0% (+US\$ 1.849,2 milhões) em Minérios de cobre e seus concentrados, ocasionado, sobretudo, pelo aumento da quantidade embarcada.

Os três principais mercados de destino dos produtos brasileiros absorveram 45,6% do total das vendas externas, no primeiro trimestre de 2024: China (29,5%), Estados Unidos (12,5%) e Argentina (3,6%). Relativamente ao primeiro trimestre de 2023, China (+9,5%, +US\$ 1.989,3 milhões) e Estados Unidos (+18,7%, +US\$ 1.540,7 milhões) registraram crescimento nas aquisições de produtos brasileiros enquanto a Argentina apresentou decréscimo (-28,1%, -US\$ 1.095,3 milhões).

Quanto às importações brasileiras segundo Grandes Categorias Econômicas (Tabela 2), a queda verificada foi devido à redução nas aquisições de Bens intermediários e Combustíveis e lubrificantes.

As aquisições de Bens de intermediários (58,9% do total) decresceram 6,3% (-US\$ 2,35 bilhões) no período em foco. As reduções mais significativas foram em Adubos ou fertilizantes químicos (exceto fertilizantes brutos) (-35,1%, -US\$ 1.172,8 milhões), Medicamentos e produtos farmacêuticos, exceto veterinários (-51,0%, -US\$ 754,2 milhões) e Compostos organo-inorgânicos, compostos heterocíclicos, ácidos nucléicos e seus sais, e sulfonamidas (-28,3%, -US\$ 506,8 milhões).

Com relação às importações de Combustíveis e lubrificantes (12,3% do total), a queda de 12,7% (-US\$ 1,06 bilhão) no período de análise, foi motivada pela redução nas aquisições de Óleos combustíveis de petróleo (-17,7%, -US\$ 648,5 milhões), Óleos brutos de petróleo (-15,6%, -US\$ 382,5 milhões) e Carvão, mesmo em pó, mas não aglomerado (-15,8%, -US\$ 169,4 milhões).

As importações de Bens de Capital participaram com 13,2% da pauta. no primeiro trimestre de 2024, registrando acréscimo de 11,3% (+US\$ 0,79 bilhão), relativamente a mesmo período do ano anterior. As principais aquisições foram em Veículos automóveis para transporte de mercadorias e usos especiais (11,0% da categoria), Instrumentos e aparelhos de medição, verificação, análise e controle (8,1%) e Outras máquinas e equipamentos especializados para determinadas indústrias e suas partes (6,4%), registrando crescimento de 12,3% (+US\$ 94,1 milhões), 9,8% (+US\$ 56,1 milhões) e 9,7% (+US\$ 44,4 milhões), respectivamente.

Já as aquisições de Bens de consumo (15,6% do total) cresceram 21,1% (+US\$ 1,62 bilhão), nos três primeiros meses deste ano, destinadas, dentre outras, às compras de Veículos automóveis de passageiros (15,8% da categoria), Outros medicamentos, incluindo veterinários (15,5%) e Medicamentos e produtos farmacêuticos, exceto veterinários (13,5%). Comparativamente ao primeiro trimestre de 2023, apresentaram crescimento de 46,4% (+US\$ 463,2 milhões), 19,2% (+US\$ 231,5 milhões) e 43,0% (+US\$ 376,2 milhões), respectivamente.

Tabela 2 – Brasil - Importação por grandes categorias econômicas - Jan-mar/2024/2023 - US\$ bilhões

Grandes categorias econômicas	Jan-mar/2024		Jan-mar/2023		Variação %
	Valor	Part. (%)	Valor	Part. (%)	
Bens de capital	7,79	13,2	7,00	11,6	11,3
Bens intermediários	34,87	58,9	37,23	61,8	-6,3
Bens de consumo	9,26	15,6	7,64	12,7	21,1
Combustíveis e lubrificantes	7,30	12,3	8,36	13,9	-12,7
Bens não especificados anteriormente	0,01	0,0	0,03	0,0	-77,7
TOTAL	59,22	100,0	60,25	100,0	-1,7

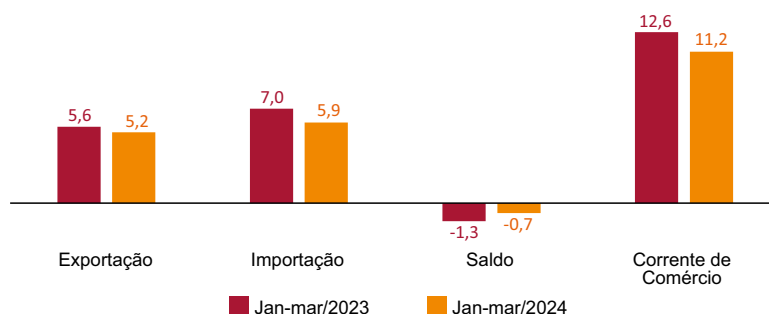
Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados da Secex/ME (coleta de dados realizada em 01/07/2024). Obs.: Dados referentes a meses anteriores retificados.

Os principais países de origem das importações brasileiras, nos três primeiros meses de 2024, foram: China (23,8%), Estados Unidos (15,2%) e Alemanha (5,5%). Comparativamente a mesmo período de 2023, cresceram as aquisições oriundas da China (+12,7%, +US\$ 1.587,5 milhões), enquanto as importações provenientes dos Estados Unidos (-7,8%, -US\$ 758,9 milhões) e Alemanha (-4,5%, -US\$ 154,4 milhões) recuaram.

8.2 Balança comercial do Nordeste

As exportações nordestinas totalizaram US\$ 5.216,7 milhões, no primeiro trimestre de 2024, queda de 7,4% (-US\$ 417,2 milhões), relativamente a mesmo período do ano passado. As importações registraram também retração de 14,6% (-US\$ 1.019,5 milhões), somando US\$ 5.941,6 milhões, nesse intervalo. A balança comercial nordestina, portanto, registrou déficit de US\$ 724,9 milhões, menor do que em mesmo período do ano passado (-US\$ 1.327,2 milhões). A corrente de comércio (soma de exportações e importações) alcançou US\$ 11.158,3 milhões (queda de 11,4%).

Gráfico 2 – Nordeste: Exportações, importações, saldo da balança comercial e corrente de comércio – Jan-mar/2024/2023 - US\$ milhões%<



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados da Secex/ME (coleta de dados realizada em 01/07/2024). Obs.: Dados referentes a meses anteriores retificados.

A análise das exportações nordestinas por setores de atividades econômicas mostra que a Agropecuária registrou queda de 8,2% (-US\$ 113,8 milhões), acumulando receita de US\$ 1.279,7 milhões, no período em foco (24,5% do total). As vendas externas de Soja responderam por 52,5% do setor agropecuário. No período de jan-mar/2024 ante jan-mar/2023, as vendas da oleaginosa decresceram 2,2% (-US\$ 15,0 milhões). Com produção menor e demanda interna maior, as exportações de Milho não moído, exceto milho doce decresceram 77,5% (-US\$ 294,3 milhões). Por outro lado, vale destacar o incremento nas vendas de Algodão em bruto (+214,2%, + US\$ 163,0 milhões).

As exportações dos produtos da Indústria de Transformação somaram US\$ 3.553,6 milhões, no acumulado do ano, representando 68,1% da pauta da Região. Relativamente ao acumulado dos três primeiros meses do ano passado, registraram queda de 9,6% (-US\$ 377,4 milhões) devido, principalmente, à redução de 31,0% (-US\$ 304,8 milhões) nas vendas de Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos e de 66,4% (-US\$ 162,7 milhões) de Produtos semi-acabados, lingotes e outras formas primárias de ferro ou aço.

Tabela 3 – Nordeste - Exportação por setor de atividades econômicas - Jan-mar/2024/2023- US\$ milhões FOB

Atividade Econômica	Jan-mar/2024		Jan-mar/2023		Variação %
	Valor	Part. (%)	Valor	Part. (%)	
Agropecuária	1.279,7	24,5	1.393,5	24,7	-8,2
Indústria Extrativa	368,8	7,1	297,8	5,3	23,8
Indústria de Transformação	3.553,6	68,1	3.931,1	69,8	-9,6
Outros Produtos	14,6	0,3	11,6	0,2	26,5
TOTAL	5.216,7	100,0	5.633,9	100,0	-7,4

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados da Secex/ME (coleta de dados realizada em 01/07/2024). Obs.: Dados referentes a meses anteriores retificados.

BNB Conjuntura Econômica Jan/Mar/2024

Já na Indústria Extrativa, as exportações dos produtos do setor cresceram 23,8% (+US\$ 71,0 milhões), atingindo US\$ 368,8 milhões (7,1% das vendas externas totais), no período em análise. As exportações dos principais produtos do setor, Minério de cobre e Minérios de ferro cresceram 85,5% (+US\$ 56,7 milhões) e 28,1% (+US\$ 22,2 milhões), respectivamente.

Os três principais parceiros comerciais do Nordeste absorveram 40,0% das vendas externas da Região, no período em análise: China (20,0%), Estados Unidos (11,5%) e Canadá (8,5%). Comparativamente ao período de janeiro/março/2023, cresceram as vendas para a China (+20,0%, +US\$ 173,9 milhões), enquanto decresceram para os Estados Unidos (-15,2%, -US\$ 107,5 milhões) e Canadá (-1,7%, -US\$ 7,5 milhões).

Do lado das importações nordestinas, segundo a categoria econômica, o resultado adverso apresentado, foi motivado, principalmente, pela queda de 18,0% (-US\$ 680,2 milhões) nas compras de Bens Intermediários e de 16,8% (-US\$ 413,7 milhões) na de Combustíveis e lubrificantes, no período de jan-mar/2024 ante jan-mar/2023. Juntos representaram 86,5% das importações totais.

Na categoria Combustíveis e lubrificantes, a maior retração foi nas aquisições de Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos) (-29,8%, -US\$ 476,6 milhões).

Já nas aquisições de Bens Intermediários, as maiores quedas foram em Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos) (-27,9%, -US\$ 198,6 milhões), Adubos ou fertilizantes químicos (exceto fertilizantes brutos) (-39,9%, -US\$ 195,2 milhões) e Válvulas e tubos termiônicas, de cátodo frio ou foto-cátodo, diodos, transistores (-36,1%, -US\$ 93,0 milhões).

Vale registrar que as importações de Bens de Capital, com 6,8% de participação no total das aquisições, cresceram 2,2% (+US\$ 8,7 milhões), no período em foco. Os incrementos mais significativos, em termos de valor, no acumulado até março, foram nas aquisições de Veículos automóveis para transporte de mercadorias e usos especiais (+18,7%, +US\$ 10,6 milhões), Geradores elétricos giratórios e suas partes (+116,1%, +US\$ 13,5 milhões) e Máquinas e aparelhos elétricos (+242,2%, +US\$ 22,9 milhões).

As aquisições de Bens de consumo (6,7% do total) cresceram 19,7% (+US\$ 65,3 milhões), no período comparativo em foco. Entretanto, os principais produtos importados da categoria, Veículos automóveis de passageiros (10,1%) e Medicamentos e produtos farmacêuticos, exceto veterinários (11,7%), registraram queda de 9,5% e 0,6%, respectivamente.

Tabela 4 – Nordeste - Importação por grandes categorias econômicas - Jan-mar /2024/2023- US\$ milhões

Grandes categorias econômicas	Jan-mar/2024		Jan-mar/2023		Variação %
	Valor	Part. (%)	Valor	Part. (%)	
Bens de capital	403,1	6,8	394,4	5,7	2,2
Bens intermediários	3.089,0	52,0	3.769,2	54,1	-18,0
Bens de consumo	397,1	6,7	331,8	4,8	19,7
Combustíveis e lubrificantes	2.051,8	34,5	2.465,6	35,4	-16,8
Bens não especificados anteriormente	0,6	0,0	0,1	0,0	363,1
TOTAL	5.941,6	100,0	6.961,1	100,0	-14,6

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados da Secex/ME (coleta de dados realizada em 01/07/2024). Obs.: Dados referentes a meses anteriores retificados.

Os principais países de origem das importações nordestinas, no acumulado de janeiro a março/24, foram: Estados Unidos (19,0%), China (17,5%) e Espanha (5,9%) que responderam por 42,4% do total. Frente a mesmo período de 2023, decresceram as compras oriundas dos Estados Unidos (-13,7%, -US\$ 178,6 milhões) e China (-1,2%, -US\$ 12,8 milhões), enquanto cresceram as da Rússia (+34,5%, +US\$ 90,7 milhões).

8.3 Balança comercial dos estados nordestinos

Bahia e Maranhão, Ceará e Pernambuco responderam por 84,8% das exportações e 90,2% das importações do Nordeste, no primeiro trimestre de 2024 (Tabela 5). Dos Estados da Região, Maranhão

(+US\$ 278,7 milhões), Piauí (+US\$ 94,7 milhões), Rio Grande do Norte (+US\$ 111,7 milhões), Alagoas (+US\$ 97,8 milhões), Sergipe (+US\$ 3,7 milhões) e Bahia (+US\$ 383,8 milhões) registraram saldo positivo na balança comercial no primeiro trimestre de 2024. Os demais apresentaram déficits: Pernambuco (-US\$ 1.181,1 milhões), Ceará (-US\$ 417,0 milhões) e Paraíba (-US\$ 97,2 milhões).

Tabela 5 – Nordeste e Estados - Exportação, Importação e Saldo da Balança Comercial - Jan-mar/2023/2024 - US\$ milhões FOB

Estados	Exportação			Importação			Saldo
	Valor	Part. (%)	Var. % Jan-mar/2024/ Jan-mar/2023	Valor	Part. (%)	Var. % Jan-mar/2024/ Jan-mar/2023	
Maranhão	1.043,2	20,0	-8,2	764,5	12,9	-42,4	278,7
Piauí	145,7	2,8	-44,3	51,0	0,9	-5,3	94,7
Ceará	308,8	5,9	-38,2	725,8	12,2	-1,7	-417,0
R G do Norte	226,5	4,3	58,2	114,8	1,9	71,7	111,7
Paraíba	44,7	0,9	-34,5	141,9	2,4	-31,5	-97,2
Pernambuco	504,0	9,7	-15,8	1.685,2	28,4	-7,9	-1.181,1
Alagoas	303,6	5,8	2,2	205,8	3,5	31,1	97,8
Sergipe	71,5	1,4	5,3	67,8	1,1	19,3	3,7
Bahia	2.568,7	49,2	0,3	2.184,9	36,8	-13,4	383,8
Nordeste	5.216,7	100,0	-7,4	5.941,6	100,0	-14,6	-724,9

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados da Secex/ME (coleta de dados realizada em 01/07/2024). Obs.: Dados referentes a meses anteriores retificados.

No Maranhão, as exportações totalizaram US\$ 1.043,2 milhões, nos três primeiros meses de 2024, queda de 8,2% (-US\$ 93,5 milhões), ante mesmo período de 2023. As vendas dos produtos do setor agropecuário registraram queda de 43,6% (-US\$ 209,2 milhões), devido, principalmente, à redução nas vendas de Soja (-33,3%) e de Milho não moido, exceto milho doce (-64,1%). Já os da Indústria de Transformação e da Indústria Extrativa cresceram 18,5% (+US\$ 106,6 milhões) e 8,4% (+US\$ 6,8 milhões), respectivamente, com destaque para Celulose (+36,3%), Ferro-gusa, spiegel, ferro-esponja, grânulos e pó de ferro ou aço e ferro-ligas (+116,6%), Alumínio (+96,2%) e Minério de ferro e seus concentrados (+10,2%). As importações (US\$ 764,5 milhões) decresceram bem mais, 42,4% (-US\$ 563,9 milhões), devido, sobretudo, à diminuição nas aquisições de Combustíveis e Lubrificantes (-41,6%, -US\$ 380,4 milhões) e de Bens Intermediários (-48,0%, -US\$ 187,5 milhões); juntos representaram 96,5% da categoria.

O Estado do Piauí registrou exportações no valor de US\$ 145,7 milhões, queda 44,3% (-US\$ 115,7 milhões) nesse período comparativo. As vendas dos produtos da Agropecuária recuaram 59,1% (-US\$ 146,2 milhões), devido à queda nas vendas de Soja (-53,0%) e de Milho (-96,7%). Já as importações alcançaram US\$ 51,0 milhões, retração de 5,3% (-US\$ 2,9 milhões), causado pelo recuo nas aquisições de Bens de Capital (-23,4%, -US\$ 1,5 milhão), Bens Intermediários (-1,2%, -US\$ 0,6 milhão) e de Bens de Consumo (-51,6%, -US\$ 0,8 milhão).

O Estado do Ceará registrou, no acumulado até março de 2024, exportações no valor de US\$ 308,8 milhões, queda de 38,2% (-US\$ 190,8 milhões), ante mesmo período de 2023. Com destaque para o decréscimo de 39,8% (-US\$ 174,4 milhões) nas vendas dos produtos da Indústria de Transformação (85,2% do total). As exportações de Produtos semiacabados, lingotes e outras formas primárias de ferro ou aço, recuaram 66,5%. As importações somaram US\$ 725,8 milhões, queda de 1,7% (-US\$ 12,7 milhões), no período, com redução nas aquisições de Bens Intermediários (-3,6%, -US\$ 16,0 milhões) e de Combustíveis e Lubrificantes (-7,5%, -US\$ 14,6 milhões). Por outro lado, cresceram as importações de Bens de Capital (+22,6%, +US\$ 13,0 milhões) e Bens de Consumo (+35,7%, +US\$ 5,9 milhões).

No Rio Grande do Norte, as exportações somaram US\$ 226,5 milhões, crescimento de 58,2% (+US\$ 83,4 milhões), devido ao incremento das vendas da Indústria de Transformação (+162,9%, +US\$ 93,6 milhões), com destaque para o aumento nas vendas de Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos) (+342,2%) e de Açúcares e melaços (+3638,2%). Já as importações

(US\$ 114,8 milhões) cresceram 71,7% (+US\$ 47,9 milhões), devido ao incremento nas aquisições de Combustíveis e Lubrificantes (+27711%, +US\$ 41,6 milhões).

As exportações da Paraíba somaram US\$ 44,7 milhões, retração de 34,5% (-US\$ 23,5 milhões), no período, ocasionada, principalmente, pela redução nas vendas da Indústria de Transformação (-27,6%, -US\$ 15,6 milhões) que responderam por 91,7% total do Estado, no período de jan-mai/2024. As vendas externas de Calçados (-36,4%) decresceram, entretanto, vale destacar o incremento nas vendas de Açúcares e melaços (+21,5%). Já as importações (US\$ 141,9 milhões) decresceram 31,5% (-US\$ 65,4 milhões), devido à redução nas aquisições de Bens Intermediários (-31,2%, -US\$ 54,6 milhões), de Combustíveis e Lubrificantes (-99,9%, -US\$ 7,5 milhões) e de Bens de Capital (-29,2%, -US\$ 4,4 milhões). Por outro lado, as importações de Bens de Consumo cresceram 10,4% (+US\$ 1,0 milhão).

Em Pernambuco, as exportações totalizaram US\$ 504,0 milhões, no período de jan-mai/24, valor 15,8% (-US\$ 94,8 milhões) inferior ao registrado entre jan-mai/23. A Indústria de Transformação, 89,2% da pauta exportadora do Estado recuou 20,8% (-US\$ 118,0 milhões), devido à queda nas vendas de Óleos combustíveis de petróleo (-87,6%) e Produtos residuais de petróleo e materiais relacionados (-80,0%), embora tenha registrado incremento em, dentre outros, Açúcares e melaços (+91,5%) e Veículos automóveis para transporte de mercadorias e usos especiais (+198,6%). Por outro lado, as vendas dos produtos da Agropecuária registraram crescimento de 82,7% (+US\$ 23,5 milhões), com destaque para as exportações de Frutas e nozes não oleaginosas, frescas ou secas (+23,0%). As importações totais, US\$ 1.685,2 milhões, decresceram 7,9% (-US\$ 144,1 milhões), devido à redução nas compras externas de Bens Intermediários (-8,3%, -US\$ 71,2 milhões) e de Combustíveis e Lubrificantes (-14,9%, -US\$ 93,9 milhões). Já as aquisições de Bens de Consumo (+10,8%, +US\$ 20,8 milhões) cresceram.

Em Alagoas, as exportações alcançaram US\$ 303,6 milhões, no primeiro trimestre de 2024, registrando aumento de 2,2% (+US\$ 6,6 milhões), frente a mesmo período de 2023. Enquanto Agropecuária (-47,5%, -US\$ 1,4 milhão) e a Indústria Extrativa (-7,8%, -US\$ 5,1 milhões) registraram queda nas vendas, a Indústria de Transformação cresceu 5,6% (+US\$ 12,8 milhões). O destaque foram as vendas externas de Açúcares e melaços que atingiram US\$ 238,1 milhões, crescimento de +5,4%, no período. Já as importações (US\$ 205,8 milhões) cresceram de 31,1% (+US\$ 48,8 milhões), principalmente, com a aumento nas aquisições de Bens Intermediários (+16,8%, +US\$ 15,1 milhões) e de Bens Consumo (+66,3%, +US\$ 32,5 milhões).

Sergipe exportou US\$ 71,5 milhões em bens, registrando crescimento de 5,3% (+US\$ 3,6 milhões). Esse resultado decorreu das vendas de Óleos brutos de petróleo da Indústria Extrativa (+23,4%, +US\$ 7,9 milhões) e de Sucos de frutas (laranja) na Indústria de Transformação (+34,1%, +US\$ 7,3 milhões). Já os produtos da Agropecuária apresentaram queda nas vendas de 92,0% (-US\$ 11,6 milhões), por não ter realizado exportações de Milho este ano. As importações (US\$ 67,8 milhões) aumentaram 19,3% (+US\$ 10,9 milhões). Cresceram as aquisições de Bens Intermediários (+15,0%, +US\$ 7,5 milhões), Bens de Consumo (+85,0%, +US\$ 1,5 milhão) e Bens de Capital (36,2%, +US\$ 1,8 milhão).

Na Bahia, as exportações alcançaram US\$ 2.568,7 milhões, ligeira queda de 0,3% (-US\$ 7,5 milhões). Os produtos da Agropecuária (+50,3%, +US\$ 251,9 milhões) e da Indústria Extrativa (+68,5%, +US\$ 58,7 milhões) registraram crescimento nas vendas, com destaque para Soja, Algodão em bruto e Minérios de cobre e seus concentrados. Já os da Indústria de Transformação recuaram (-15,5%, -US\$ 306,1 milhões). As vendas de Óleos combustíveis de petróleo retrocederam 32,3%. As importações (US\$ 2.184,9 milhões) caíram 13,4% (-US\$ 338,3 milhões), devido, principalmente, à redução nas compras de Bens Intermediários (-23,0%, -US\$ 276,2 milhões).

Os principais produtos exportados e importados, bem como os principais países de destino e de origem das exportações e importações por estado da Região, no primeiro trimestre de 2024, estão discriminados nas tabelas a seguir.

Tabela 6 – Nordeste e Estados - Principais produtos exportados e importados- - Em %– Jan-mar/2024

Estados/ Nordeste/ Brasil	Principais Produtos Exportados	Principais Produtos Importados
Maranhão	Alumina (óxido de alumínio), exceto corindo artificial (23,1%), Celulose (21,1%), Soja (19,0%)	Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos (68,1%), Adubos ou fertilizantes químicos, exceto fertilizantes brutos (15,3%), Elementos químicos inorgânicos, óxidos e sais de halogêneos (4,4%)
Piauí	Soja (46,2%), Milho não moído, exceto milho doce (15,3%), Farelos de soja (12,4%)	Produtos laminados planos de ferro ou aço não ligado, não folheados ou chapeados, ou revestidos (39,5%), Produtos laminados planos de ferro ou aço não ligado, folheados ou chapeados, ou revestidos (20,0%), Trigo e centeio, não moídos (7,7%)
Ceará	Produtos semi-acabados, lingotes e outras formas primárias de ferro ou aço (26,6%), Calçados (19,8%), Frutas e nozes não oleaginosas, frescas ou secas (10,6%)	Carvão, mesmo em pó, mas não aglomerado (15,2%), Válvulas e tubos termiônicas, de cátodo frio ou foto-cátodo, diodos, transistores (11,5%), Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos) (8,7%)
Rio Grande do Norte	Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos (50,0%), Frutas e nozes não oleaginosas, frescas ou secas (26,5%), Açúcares e melaços (7,4%)	Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos) (36,3%), Geradores elétricos giratórios e suas partes (15,7%), Válvulas e tubos termiônicas, de cátodo frio ou foto-cátodo, diodos, transistores (6,3%)
Paraíba	Açúcares e melaços (42,8%), Calçados (36,4%), Sucos de frutas ou de vegetais (7,8%)	Produtos residuais de petróleo e materiais relacionados (13,0%), Preparações e cereais, de farinhas, ou amido de frutas ou vegetais (12,6%), Válvulas e tubos termiônicas, de cátodo frio ou foto-cátodo, diodos, transistores (11,8%)
Pernambuco	Açúcares e melaços (36,8%), Veículos automóveis de passageiros (18,8%), Veículos automóveis para transporte de mercadorias e usos especiais (10,4%)	Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos (24,0%), Propano e butano liquefeito (7,9%), Partes e acessórios dos veículos automotivos (7,9%)
Alagoas	Açúcares e melaços (78,4%), Minérios de cobre e seus concentrados (19,8%), Materiais de construção de argila e materiais de construção refratários (0,5%)	Malas, pastas, estojos e sacos de viagem; bolsas e artefatos semelhantes (5,3%), Equipamentos de telecomunicações, incluindo peças e acessórios (5,1%), Outros artigos manufaturados diversos (5,0%)
Sergipe	Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus (58,2%), Sucos de frutas ou de vegetais (27,3%), Óleos essenciais, matérias de perfume e sabor (5,2%)	Adubos ou fertilizantes químicos, exceto fertilizantes brutos (36,5%), Produtos residuais de petróleo e materiais relacionados (21,0%), Trigo e centeio, não moídos (9,9%)
Bahia	Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos (19,7%), Soja (15,8%), Celulose (13,1%)	Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos (27,9%), Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus (25,0%), Adubos ou fertilizantes químicos (exceto fertilizantes brutos) (5,4%)
Nordeste	Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos (13,0%), Soja (12,9%), Celulose (10,7%)	Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos (33,2%), Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus (8,3%), Adubos ou fertilizantes químicos, exceto fertilizantes brutos (7,0%)
Brasil	Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus (14,4%), Soja (12,5%), Minério de ferro e seus concentrados (10,3%)	Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (6,7%), Válvulas e tubos termiônicas, de cátodo frio ou foto-cátodo, diodos, transistores (4,1%), Adubos ou fertilizantes químicos (3,7%)

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados da Secex/ME (coleta de dados realizada em 01/07/2024).

Tabela 7 – Nordeste e Estados - Principais países de destino das exportações e de origem das importações – Em %– Jan-mar/2024

Estados/ Nordeste/ Brasil	Principais Países de Destinos das Exportações	Principais Países de Origens das Importações
Maranhão	Canadá (22,5%), Estados Unidos (19,5%), China (16,0%)	Estados Unidos (18,6%), Coveite (Kuweit) (18,6%), Rússia (15,1%)
Piauí	China (51,6%), Estados Unidos (9,4%), Irã (8,3%)	China (49,1%), Japão (23,9%), Argentina (6,0%)
Ceará	Estados Unidos (27,0%), Coreia do Sul (10,6%), México (6,2%)	China (44,3%), Estados Unidos (16,7%), Países Baixos (Holanda) (5,2%)
Rio Grande do Norte	Emirados Árabes Unidos (20,8%), Países Baixos (Holanda) (11,78%), Panamá (9,2%)	China (30,9%), Estados Unidos (23,6%), Países Baixos (Holanda) (18,3%)
Paraíba	Espanha (21,2%), Congo, República Democrática (17,5%), Uzbequistão (9,1%)	China (32,5%), Estados Unidos (18,0%), Uruguai (14,0%)
Pernambuco	Argentina (23,9%), Estados Unidos (8,1%), México (6,2%)	Estados Unidos (17,8%), China (14,9%), Argentina (10,3%)
Alagoas	China (19,8%), Argélia (11,8%), Egito (7,3%)	China (58,3%), Chile (6,4%), Estados Unidos (5,4%)
Sergipe	Países Baixos (Holanda) (74,8%), Bélgica (8,4%), Estados Unidos (4,1%)	Estados Unidos (26,6%), Rússia (24,5%), China (15,9%)
Bahia	China (27,9%), Singapura (13,0%), Estados Unidos (8,3%)	Estados Unidos (22,1%), Gabão (10,1%), China (10,1%)
Nordeste	China (20,0%), Estados Unidos (11,5%), Canadá (8,5%)	Estados Unidos (19,0%), China (17,5%), Rússia (5,9%)
Brasil	China (29,5%), Estados Unidos (12,5%), Argentina (3,6%)	China (23,8), Estados Unidos (15,2%), Alemanha (5,5%)

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados da Secex/ME (coleta de dados realizada em 01/07/2024).

9 Finanças Públicas

O texto de Finanças Públicas trata das Transferências Constitucionais, Fundo de Participação dos Estados (FPE) e Fundo de Participação dos Municípios (FPM), da Arrecadação do Imposto de Circulação de Bens e Serviços (ICMS). Indiretamente, trata da Arrecadação Federal, mais especificamente do Imposto de Renda e do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), que são a base das Transferências Constitucionais, ou seja, quando se analisa a variação ocorrida nestas, se está avaliando, também, o que ocorreu na base do cálculo. No início, faz-se uma síntese do que ocorreu com a distribuição dos Fundos Constitucionais e do ICMS. Após a análise da evolução das transferências constitucionais, discute-se os ganhos e perdas que ocorreram com o ICMS em 2023, onde o centro da análise é a Região Nordeste. Em seguida, o capítulo trata das aplicações das agências oficiais de fomento (Banco do Brasil - BB, Caixa Econômica Federal - CEF, Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES, Banco do Nordeste do Brasil - BNB, Banco da Amazônia - BASA, Financiadora de Estudos e Projetos - FINEP e Agência Especial de Financiamento Industrial - FINAME. Estes dois últimos serão chamados de Outros (FINEP e FINAME). O foco são as aplicações do BNB na Região, olhando o setor (rural, indústria, comércio e serviços, entre outros) e o porte (micro, pequeno, médio e grande), nos estados nordestinos. Por último, discute-se o Grau de Endividamento dos Estados e Capitais da Federação, e da Região Nordeste.

Síntese da Evolução dos Fundos e do ICMS:

As Transferências Constitucionais (Fundo de Participação dos Estados – FPE e Fundo de Participação dos Municípios – FPM) são muito importantes para os estados mais pobres da Federação. Em 2022, estas transferências na Região Nordeste, superaram um pouco a arrecadação do ICMS, R\$ 115,7 bilhões, para R\$ 115,5 bilhões. Em 2023, as transferências dos fundos (R\$ 120,1 bilhões), continuam a superar a arrecadação do ICMS na Região (R\$ 119,4 bilhões). No primeiro trimestre de 2024, as transferências chegaram a R\$ 36,4 bilhões, e o ICMS a R\$ 52,3 bilhões.

Em 2024, o Ceará passa a ter maior dependência dos fundos constitucionais, comparado a arrecadação do ICMS, o que não acontecia até 2023. Naquele ano, a relação era 97,8%, no primeiro trimestre de 2024, passou a ser 103,1%. Assim, em apenas dois estados da Região, Bahia e Pernambuco, as Transferências são menores que a arrecadação do ICMS, 83,9% e 79,0%, respectivamente.

À exceção dos dois estados citados acima, os outros estados nordestinos são muito dependentes das Transferências da União. A maior dependência é de Alagoas (Transferências/ICMS = 182,5%), seguida por Sergipe (172,2%) e Piauí (161,0%).

Tabela 1 – Transferências Constitucionais (FPE + FPM) e ICMS – 1º Trimestre de 2024 – R\$ Milhões

Estado/Região	Até março/2024				
	FPE + FPM	ICMS	(FPE + FPM) + ICMS	FPE+FPM/ICMS	(FPE+FPM)/ (FPE+FPM+ICMS)
Alagoas	2.729	1.495	4.224	182,5	64,6
Bahia	7.719	9.204	16.923	83,9	45,6
Ceará	5.053	4.902	9.954	103,1	50,8
Maranhão	4.697	2.996	7.692	156,8	61,1
Paraíba	3.338	2.272	5.610	146,9	59,5
Pernambuco	4.929	6.241	11.170	79,0	44,1
Piauí	2.893	1.796	4.689	161,0	61,7
Rio Grande do Norte	2.707	2.024	4.731	133,8	57,2
Sergipe	2.304	1.338	3.643	172,2	63,3
Nordeste	36.369	32.268	68.637	112,7	53,0
Espírito Santo	1.406	5.399	6.805	26,1	20,7
Minas Gerais	7.513	18.417	25.930	40,8	29,0
Brasil	83.910	183.851	267.760	45,6	31,3

Fonte: BNB/Etene, com dados da Secretaria do Tesouro Nacional e do Conselho Nacional de Política Fazendária (Confaz), 2023. Nota: os dados do ICMS para alguns estados, até 27/5, divulgaram seus dados até janeiro (CE, ES, DF, MT), ou até fevereiro (PE, PI, MG, AC, PA), ou nenhuma informação (AL e PR). Foram estimados.

Cabe observar que o Nordeste é a Região mais dependente dos recursos constitucionais. A relação entre as Transferências e o ICMS é 45,6% no Brasil, e apenas 26,1% Espírito Santo, e 40,8% em Minas Gerais.

A arrecadação do ICMS, em 2024, subiu em termos reais +10,6% no Brasil, e +14,3% no Nordeste. Na Região, o principal setor em arrecadação, terciário (46,6%), cresceu 14,4%, e todos os outros principais setores, secundário, petróleo e energia, que participam da arrecadação total com 49,4%, subiram em suas arrecadações, principalmente o segmento de petróleo, combustível e lubrificantes (+27,8% e impacto de +5,0 p.p.).

Houve ganhos, também, nas Transferências Constitucionais (FPE e FPM), subiram em termos reais, excluindo o efeito da inflação em 2024, com relação ao mesmo período de 2023, +9,6% e +9,2% no Brasil. Em termos monetários, corrigindo as Transferências de 2023 pela variação entre os IPCA's médios de 2023 e 2024, o ganho na Região em 2024 foi +R\$ 3,2 bilhões, enquanto o ganho no ICMS foi +R\$ 4,0 bilhões. No Brasil, o ganho real nas Transferências, foi +R\$ 7,1 bilhões, e ganho de +R\$ 17,3 bilhões no ICMS.

Tabela 2 – Variação Real em 2024, com Relação a 2023 – Fundos Constitucionais e ICMS – R\$ milhões e %, excluindo-se o efeito da inflação

Estado/Região	R\$ Milhões (a preços médios de 2024)		%	
	FPE + FPM	ICMS	FPE + FPM	ICMS
Alagoas	235	-64,4	9,4	-4,1
Bahia	658	959,9	9,3	11,6
Ceará	436	743,5	9,4	17,9
Maranhão	381	661,0	8,8	28,3
Paraíba	332	270,7	11,1	13,5
Pernambuco	450	911,4	10,0	17,1
Piauí	242	364,8	9,1	25,5
Rio Grande do Norte	259	70,1	10,6	3,6
Sergipe	195	129,0	9,2	10,7
Nordeste	3.188	4.045,9	9,6	14,3
Espírito Santo	52	1.173,4	3,9	27,8
Minas Gerais	639	1.423,3	9,3	8,4
Brasil	7.063	17.558,6	9,2	10,6

Fonte: BNB/Etene, com dados da Secretaria do Tesouro Nacional e do Conselho Nacional de Política Fazendária (Confaz), 2023. Nota: os dados do ICMS para alguns estados, até 27/5, divulgaram seus dados até janeiro (CE, ES, DF, MT), ou até fevereiro (PE, PI, MG, AC, PA), ou nenhuma informação (AL e PR). Foram estimados.

Transferências Constitucionais:

As Transferências Constitucionais (FPE + FPM) para os estados do Nordeste, no primeiro trimestre de 2024, somaram R\$ 36,4 bilhões, um crescimento real de +9,6% (FPE, +9,5% e FPM, +9,8%), comparado com o mesmo período de 2023. O crescimento no Brasil foi de +9,2%.

O valor do FPE para o Nordeste foi de R\$ 21,2 bilhões. Todos os estados nordestinos tiveram variações reais. O Espírito Santo teve uma perda de -0,3%, e Minas Gerais em crescimento real de +12,4%. Os maiores crescimentos, na Região, se encontram no Rio Grande do Norte (+11,6%), Alagoas (+10,4%) e Bahia, Ceará e Pernambuco (+9,7%, cada). A menor variação é do Piauí (+8,0%), seguido por Sergipe (+8,2%).

O valor do FPM para a Região Nordeste foi de R\$ 15,2 bilhões. Todos os estados também tiveram ganhos reais. As maiores variações foram da Paraíba (+13,8%), Sergipe (+11,9%) e Piauí (+10,8%, cada). Os crescimentos no Espírito Santo e em Minas Gerais foram +7,8% e +8,3%, respectivamente. As menores variações são de Alagoas (+7,6%) e Maranhão (+8,9%).

As capitais da Região receberam R\$ 2,1 bilhões no primeiro trimestre de 2024, que representam 48,0% do total transferido para as capitais do País. O FPM distribuído para as capitais nordestinas, que também impactam no FPM da Região teve um crescimento real de +13,8%. Isto, em razão do aumento dos coeficientes de João Pessoa, Teresina e Aracaju. O crescimento de Recife, acima da média, não encontra correspondência com seu coeficiente. Em contrapartida, Maceió foi a que mais perdeu participação

(queda de -0,5% no coeficiente), em função do aumento da renda per capita, que fez o fator renda cair. A variação real para Maceió foi apenas +1,5%, enquanto João Pessoa variou +37,0%, Aracaju, +21,7% e Recife, +20,3%.

Tabela 3 – FPE + FPM - Brasil, Nordeste e Estados Selecionados – 1º trimestre – 2023 e 2024 - R\$ Milhões ⁽¹⁾

Estado/Região	FPE		FPM		FPM CAPITAIS	
	2023	2024	2023	2024	2023	2024
Alagoas	1.538	1.771	853	958	159	169
Bahia	3.307	3.783	3.462	3.935	295	338
Ceará	2.550	2.918	1.877	2.135	328	375
Maranhão	2.553	2.896	1.585	1.800	205	234
Paraíba	1.694	1.929	1.187	1.409	131	188
Pernambuco	2.466	2.821	1.829	2.108	188	236
Piauí	1.556	1.753	986	1.140	190	234
Rio Grande do Norte	1.412	1.644	935	1.064	118	135
Sergipe	1.457	1.645	565	660	118	150
Nordeste	18.532	21.160	13.278	15.209	1.735	2.059
Espírito Santo	625	650	673	757	66	68
Minas Gerais	1.643	1.927	4.947	5.586	197	188
Brasil	35.999	41.001	37.673	42.908	3.767	4.291

Fonte: BNB/Etene, com dados da STN. Nota: (1) Valores transferidos de janeiro a março de cada ano.

A Tabela 4 traz as previsões para o que vai ser transferido de FPE e FPM em 2024 (Decreto nº 11.927, de 22/02/2024, que utilizou os seguintes parâmetros macroeconômicos, comparados com o realizado em 2023: IPCA 2024: 3,6%; PIB (var. real): 2,2%; câmbio (médio, R\$/US\$): 4,9 e Selic (média – a.a.): 5,8%.

Tabela 4 – Previsão para o FPE e FPM em 2024 e o realizado em 2023 – R4 milhões

Estado/Região	FPE		FPM		FPM CAPITAIS	
	2023 (real)	2024	2023 (real)	2024	2023 (real)	2024
Alagoas	5.372	6.621	3.462	4.033	664	711
Bahia	11.398	14.013	13.962	16.574	1.195	1.422
Ceará	8.679	10.783	7.571	8.993	1.328	1.580
Maranhão	8.844	10.721	6.388	7.581	830	987
Paraíba	5.910	7.143	4.810	5.935	531	790
Pernambuco	8.534	10.476	7.417	8.878	793	995
Piauí	5.426	6.501	3.995	4.800	786	987
Rio Grande do Norte	5.003	6.064	3.772	4.480	478	569
Sergipe	4.965	6.074	2.280	2.778	478	632
Nordeste	64.130	78.397	53.657	64.052	7.083	8.673
Espírito Santo	2.271	2.436	2.713	3.186	266	284
Minas Gerais	5.913	7.221	19.955	23.527	797	790
Brasil	129.258	152.325	152.044	180.730	15.204	18.073

Fonte: BNB/Etene, com dados da STN. Nota: (1) Valores de 2023 (real) - Secretaria do Tesouro Nacional; 2024 – Decreto nº 11.927, de 22/02/2024.

Arrecadação de ICMS:

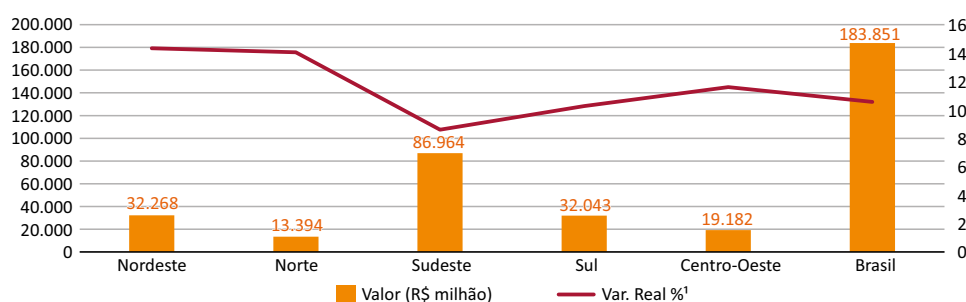
A Região Nordeste, com uma arrecadação de R\$ 32,3 bilhões, teve um ganho real de +14,3%, comparado com o primeiro trimestre de 2023. Todas as Regiões tiveram ganhos reais: Norte (+14,0%), Centro-Oeste (+11,6%), Sul (+10,3%) e Sudeste (+8,6%). A recuperação da arrecadação em 2024 tem, entre outros fatores, a menor base de 2023. No primeiro trimestre daquele ano, as perdas reais foram de -9,9% (Nordeste) e -13,1% (Brasil). O impacto da tragédia climática no Rio Grande do Sul ocorrerá nos próximos meses. Um dado interessante que pode ajudar na avaliação das perdas, são as relações comerciais do

Nordeste com o Rio Grande do Sul em anos anteriores, via notas fiscais. A preços de abril de 2024, a média (2021 e 2022) das compras da Região e vendas para o Rio Grande do Sul foram, respectivamente, R\$ 52,0 bilhões e R\$ 23,8 bilhões, gerando um déficit para o Nordeste da ordem de -R\$ 28,2 bilhões. O maior impacto deverá ser nas compras da Região ao Rio Grande do Sul. Ainda não se sabe o grau de devastação na oferta de bens e serviços do Estado, mas os dados acima podem ser mais um parâmetro para as avaliações.

O setor com maior participação na arrecadação do ICMS, é o terciário (comércio e serviços, sem energia e a cadeia do petróleo), 42,0% no Brasil e 46,6% no Nordeste (média da arrecadação de 2023 e 2024). A arrecadação do Sudeste (+6,0%), foi a que teve o menor crescimento. Os crescimentos nas outras Regiões foram: Norte (+20,5%), Sul (+8,2%) e Centro-Oeste (+8,3).

A arrecadação do ICMS, espelha fielmente a desigualdade regional. A Região Sudeste participa com 47,3% do total da arrecadação, com 14,8% dos estados da Federação. A arrecadação média, por Estado da Região Sudeste, em 2024, representa 3,2 vezes a média nacional. Um estado do Nordeste, arrecada 52,7% da média nacional, e um estado da Região Norte, 28,1%.

Gráfico 1 – Valor (R\$ milhões) e variação real (%) na arrecadação do ICMS – Brasil e Regiões – 1º Trimestre de 2024 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do Conselho Nacional de Política Fazendária (Confaz). Nota: Alguns estados, até 27/5, divulgaram seus dados até janeiro (CE, ES, DF, MT), ou até fevereiro (PE, PI, MG, AC, PA), ou nenhuma informação (AL e PR). Foram estimados.

O setor Terciário, na Região Nordeste, teve uma variação positiva de +14,4%, sendo responsável por 46,6% da arrecadação. Olhando as arrecadações disponíveis dos estados, e fazendo as devidas estimativas (não levando em consideração o Estado de Alagoas, que não tem dados divulgados em 2024), o Rio Grande do Norte foi o estado com menor ganho real, +5,4%, seguido por Minas Gerais (+8,7%) e Espírito Santo (+12,2%). Os maiores ganhos foram do Piauí (+32,1%), Maranhão e Sergipe (+19,4, cada%) e Ceará (+16,3%). Os outros estados ficaram entre +13,4% (Pernambuco) e +16,0% (Bahia).

O segundo setor mais relevante, em termos de arrecadação, é o Secundário (21,6%). Ele cresceu em termos reais +8,4%. Os maiores ganhos são do Espírito Santo (+27,1%), Maranhão (+21,2%), e Piauí (+16,7%). Minas Gerais teve uma perda de -1,6%. As menores variações positivas são de Sergipe (+0,8%), Pernambuco (+3,4%), Rio Grande do Norte (+6,0%) e Ceará (+6,2%).

O setor de Petróleo, combustível e lubrificantes, que responde por 18,1% da arrecadação da Região, cresceu +27,8%, gerando um impacto de 5,0 p.p. da variação total. O menor ganho real foi do Rio Grande do Norte (+11,1%). Os ganhos mais relevantes são do Espírito Santo (+72,7%), seguido por Pernambuco (+68,0%), Maranhão (+60,8%) e Ceará (+42,8%).

O setor de Energia, que representa 9,6% da arrecadação, cresceu em termos reais +5,2%. Três estados tiveram perdas reais: Ceará (-4,9%), Bahia (-6,0%) e Rio Grande do Norte (-17,3%). A arrecadação do Espírito Santo cresceu +91,9%, seguido pelo Piauí (+58,3%), Maranhão (+46,5%) e Minas Gerais (+41,6%).

O segmento Dívida ativa e outras receitas, representa 2,8% do total da arrecadação, mas cresceu +19,2% em termos reais, gerando um impacto de +0,5 p.p.. Pernambuco cresceu +85,9%, seguido pelo Ceará (+48,2%) e Espírito Santo (+20,3%). Sergipe sofreu uma perda real de -43,5%.

Tabela 5 – Arrecadação de ICMS (R\$ milhões) e Variação Real (%) e R\$ milhões – Nordeste e Estados selecionados, Brasil – 1º trimestre de 2024 (Base: igual período do ano anterior)

Estado/Região/País	2023		2024		Var. Nominal %	Var. Real %
	Valor (R\$ milhão)	Part. %	Valor (R\$ milhão)	Part. %		
Alagoas	1.495	0,9	1.495	0,8	-	-4,1
Bahia	7.904	5,0	9.204	5,0	16,5	11,6
Ceará	3.987	2,5	4.902	2,7	23,0	17,9
Maranhão	2.239	1,4	2.996	1,6	33,8	28,3
Paraíba	1.919	1,2	2.272	1,2	18,4	13,5
Pernambuco	5.109	3,2	6.241	3,4	22,1	17,1
Piauí	1.372	0,9	1.796	1,0	30,9	25,5
Rio Grande do Norte	1.873	1,2	2.024	1,1	8,1	3,6
Sergipe	1.159	0,7	1.338	0,7	15,4	10,66
Nordeste	27.057	17,0	32.268	17,6	19,3	14,3
Norte	11.259	7,1	13.394	7,3	19,0	14,0
Sudeste	76.770	48,2	86.964	47,3	13,3	8,6
Espírito Santo	4.051	2,5	5.399	2,9	33,3	27,8
Minas Gerais	16.292	10,2	18.417	10,0	13,0	8,4
Sul	27.859	17,5	32.043	17,4	15,0	10,3
Centro-Oeste	16.478	10,3	19.182	10,4	16,4	11,6
Brasil	159.424	100,0	183.851	100,0	15,3	10,6

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do Conselho Nacional de Política Fazendária (Confaz). Nota: Alguns Estados, até 27/5, divulgaram seus dados até janeiro (CE, ES, DF, MT), ou até fevereiro (PE, PI, MG, AC, PA), ou nenhuma informação (AL e PR). Foram estimados.

10 Intermediação Financeira

O saldo de crédito do Sistema Financeiro Nacional (SFN), em março de 2024, alcançou a marca de R\$ 5,87 trilhões de reais, o que representou crescimento de 8,3%, quando comparado com o mesmo mês do ano anterior. A elevação do montante de crédito, apresenta sinais de aceleração do saldo de crédito, uma vez que no final de 2023 o crédito avançou 8,1%.

A expansão do crédito no Brasil, em grande medida, ainda está sendo sustentada pela pessoa física, que avançou 10,1% nos últimos doze meses, terminados em março de 2024. No recorte empresarial, o grupo das “Micro, Pequenas e Médias” empresas no Brasil, que mais sentiu os efeitos econômicos dos juros e inflação elevada, apresentou aceleração no saldo de crédito em 6,3% no mesmo período, um pouco superior às grandes empresas, que avançaram 4,5% no saldo de crédito nos últimos doze meses.

Entre as fontes de operações de empréstimos e financiamentos, os recursos livres apresentaram velocidade de crescimento inferior aos recursos direcionados. Os recursos livres, embora contemplem aquisição de bens, são voltados, principalmente, para a gestão do fluxo de caixa das empresas e famílias, como capital de giro e cartão de crédito, que apresentaram crescimento de 6,0% nos últimos doze meses, terminados em março de 2024. No primeiro trimestre de 2024 já é possível observar uma aceleração do ritmo de crescimento do crédito livre, que é mais sensível à política monetária, em função da redução da Taxa Selic, e sua repercussão nos juros de mercado em trajetória descendente.

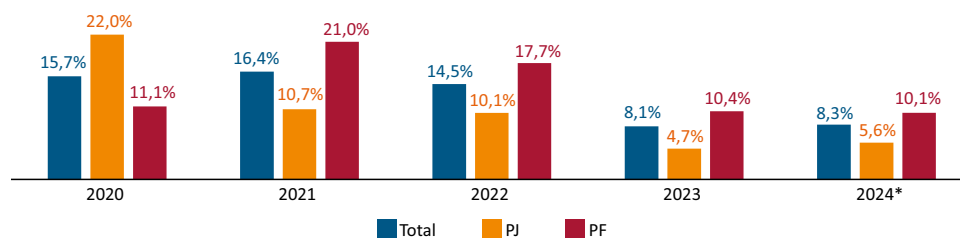
Segundo o Banco Central, em março de 2024, o volume do crédito livre às empresas atingiu R\$ 1,5 trilhão, com altas de 3,0% tanto no mês quanto em doze meses. Contribuíram para esse desempenho o incremento sazonal na carteira de desconto de duplicatas e outros recebíveis, 14,2%, bem como as elevações das carteiras de cartão de crédito total, 14,0%, e de adiantamentos de contratos de câmbio – ACC, 5,6%.

Ainda de acordo com o Bacen, o volume do crédito livre às famílias avançou 0,4% no mês de março, bem como 8,2% nos últimos doze meses, com destaque para os incrementos nas carteiras de financiamento para a aquisição de veículos, 1,5%, crédito pessoal não consignado, 1,4%, e consignado para beneficiários do INSS, 1,2%.

Os recursos direcionados, que registraram a marca de R\$ 2,45 trilhões, são geralmente regulamentados pelo Conselho Monetário Nacional – CMN ou vinculados a recursos orçamentários. Destacam-se o crédito rural, imobiliário, investimento de longo prazo e microcrédito. Em março de 2024, os recursos direcionados cresceram 11,8%, quando comparados ao mesmo período de 2023.

Na ótica prospectiva, o Banco Central, no seu Relatório Trimestral de Inflação do 1º trimestre de 2024, traz projeções do mercado de crédito, e entre as que se destacam, consta a expectativa de avanço da carteira de crédito total do Brasil de 9,4% em 2024, superior à previsão anterior, que era de 8,8%. Adicionalmente, a autoridade monetária ressalta que as novas projeções de crescimento do estoque de crédito para 2024, ligeiramente maiores que as indicadas no Relatório anterior, continuam indicando um processo de recuperação do ritmo de crescimento, nominal e real, do crédito compatível com a fase de redução do grau de aperto monetário em curso desde meados de 2023.

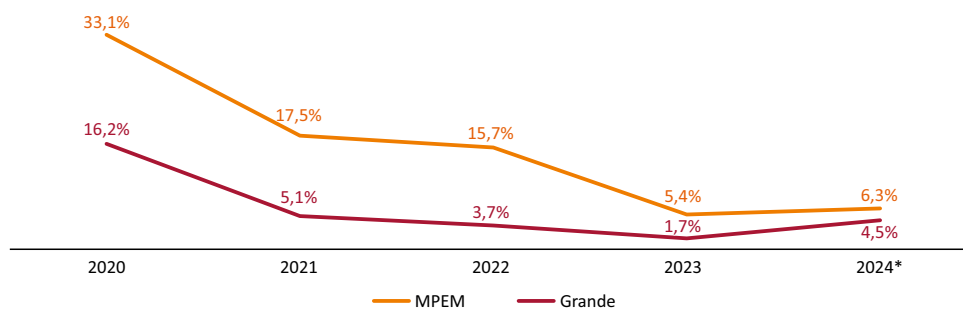
Gráfico 01 – Saldo das Operações de Crédito no Brasil - Total, Pessoa Jurídica e Pessoa Física - % de crescimento nos últimos 12 meses - 2020 a 2024*



Fonte: Elaboração do BNB/Etene, com base no Bacen (2024).

Nota: 2024* refere-se ao acumulado dos últimos doze meses, terminados em março de 2024.

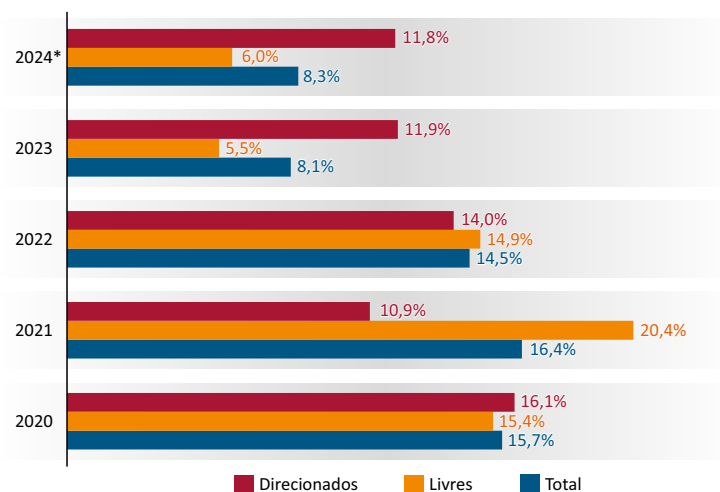
Gráfico 02 – Saldo das Operações de Crédito no Brasil - Por Porte - % de Crescimento nos últimos 12 meses - 2020 a 2024*



Fonte: Elaboração do BNB/Etene, com base no Bacen (2024).

Nota: 2024* refere-se ao acumulado dos últimos doze meses, terminados em março de 2024.

Gráfico 03 – Saldo das Operações de Crédito no Brasil - Total, Recursos Direcionados e Recursos Livres - % de Crescimento em Relação ao Ano Anterior - 2020 a 2024*



Fonte: Elaboração do BNB/Etene, com base no Bacen (2024).

Nota: 2024* refere-se ao acumulado dos últimos doze meses, terminados em março de 2024.

Tabela 1 – Saldo das Operações de Crédito no Brasil - % de Crescimento em Relação ao Ano Anterior - 2022 a 2024*

	Efetivo		Projeção 2024	
	2022	2023	4T23	1T24
Total	14,5	8,1	8,8	9,4
Livres	14,9	5,5	8,1	8,9
PF	17,5	8,2	9,0	10,0
PJ	11,9	2,2	7,0	7,5
Direcionados	14,0	11,9	9,7	10,0
PF	18,0	13,1	10,0	10,5
PJ	6,9	9,6	9,0	9,0
Total PF	17,7	10,4	9,4	10,2
Total PJ	10,1	4,7	7,7	8,0

Fonte: Elaboração do BNB/Etene, com base no Bacen (2024).

Nota: 2024* são projeções.

As operações de crédito do Sistema Financeiro Nacional, sob o lastro de recursos livres e direcionados, encerraram o mês de março de 2024 com taxa média de juros de 28,2% a.a., interrompendo a sequência

de nove meses consecutivos de queda, na métrica mensal, conforme informações publicadas pelo Banco Central. Nos últimos 12 meses, a taxa de juros média já recua 3,3 pontos percentuais. Desde o ponto de inflexão da taxa Selic, que é a taxa de referência da economia, a taxa média de juros das operações de crédito apresenta trajetória de queda e deve ainda apresentar trajetória descendente nos próximos meses.

O spread bancário, que representa a diferença de juros entre a captação e aplicação de recursos, sendo, em grande medida, a margem de rentabilidade dos bancos, registrou 19,4% no último mês de março de 2024, e da mesma forma que os juros totais, o resultado deste mês interrompe a série de nove meses consecutivos de queda do spread. Entre os segmentos, o spread da pessoa jurídica (8,7%) continua mais baixo que o spread da pessoa física (+24,6%), fundamentalmente pela menor inadimplência, maior respaldo das operações bancárias com garantias reais, entre outros fatores econômico-financeiros.

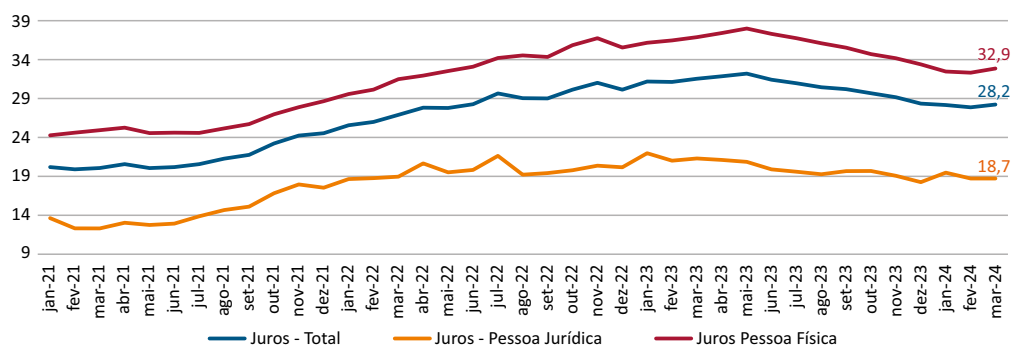
A taxa de inadimplência das operações de crédito, correspondente aos atrasos superiores a noventa dias, situou-se no Brasil em 3,21% no mês de março de 2024 (-0,05 p.p. nos últimos 12 meses), alcançando 3,62% no crédito às famílias (-0,41 p.p. nos últimos 12 meses) e 2,55% no crédito às empresas (+0,47 p.p. nos últimos 12 meses).

A taxa de inadimplência do Nordeste registrou +4,12% no último mês de março de 2024, o que representa queda de 0,19 p.p. nos últimos 12 meses. O comportamento da inadimplência no Nordeste, nos últimos 12 meses, vem apresentando melhora, sobretudo em razão da pessoa física, que registrou recuo de 0,48% pontos percentuais no período.

No Nordeste, as inadimplências mais baixas, no mês de março, foram observadas no Piauí (3,52%) e em Sergipe (3,88%). Minas Gerais (2,85%) e Espírito Santo (+2,82%), que fazem parte da área de atuação do BNB, apresentaram inadimplência inferior à média brasileira.

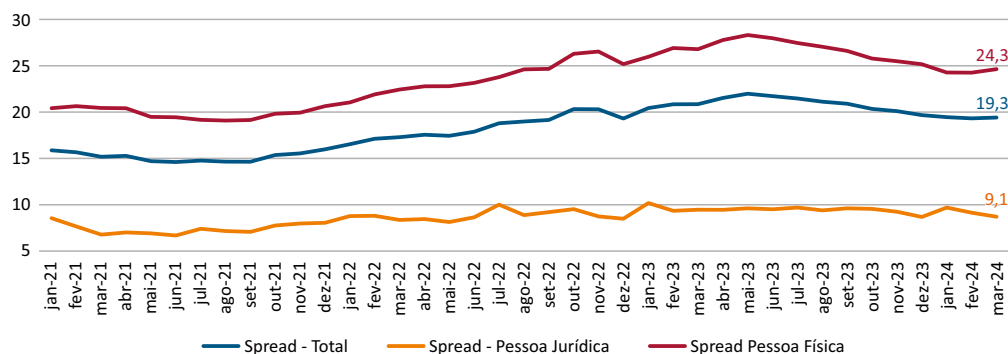
Em termos prospectivos, de acordo com a Febraban, a taxa de inadimplência da carteira de crédito de recursos livres, mais sensível ao ciclo econômico e aos juros, tem projeção de 4,5% para o final de 2024, o que corresponde à taxa atual do indicador (4,5% em mar/24, segundo o BCB), e menor que as observadas nos meses anteriores, reforçando a tese de que a trajetória de alta da inadimplência chegou ao fim. Neste cenário, o Nordeste, deve seguir o curso do mercado de crédito no País, que combinado com a melhora do mercado de trabalho e da renda, além do processo de desinflação, a Região continuar a dinâmica da redução do nível de inadimplência.

Gráfico 4 – Taxas de Juros – Total, Pessoa Física e Pessoa Jurídica – % Anual – Janeiro de 2021 a Março de 2024



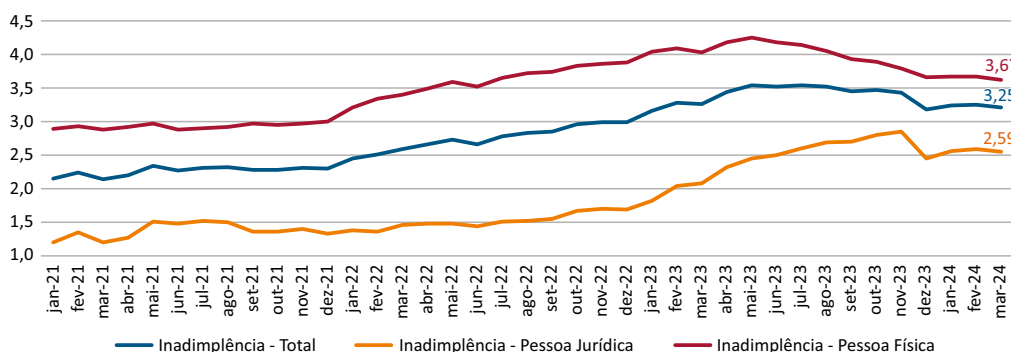
Fonte: Banco Central (2024). Elaboração: BNB/Etene (2024).

Gráfico 5 – Spread – Total, Pessoa Física e Pessoa Jurídica – % Anual – Janeiro de 2021 a março de 2024



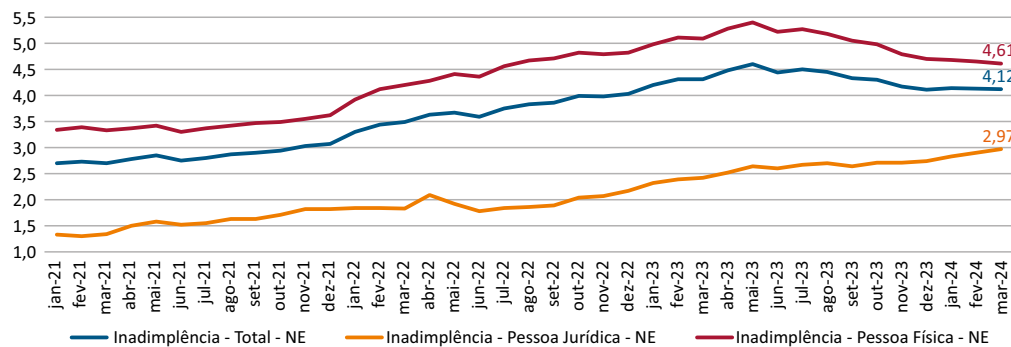
Fonte: Banco Central (2024). Elaboração: BNB/Etene (2024).

Gráfico 6 – Inadimplência – Brasil - Total, Pessoa Física e Pessoa Jurídica – % Anual – Janeiro de 2021 a Março de 2024



Fonte: Banco Central (2024). Elaboração: BNB/Etene (2024).

Gráfico 7 – Inadimplência – Nordeste - Total, Pessoa Física e Pessoa Jurídica – % Anual – Janeiro de 2021 a Março de 2024



Fonte: Banco Central (2024). Elaboração: BNB/Etene (2024).

O saldo das operações de crédito do Sistema Financeiro Nordestino atingiu o montante de R\$ 806,0 bilhões de reais em março de 2024, e superando a dinâmica nacional, apresentou crescimento de 9,8%, quando comparado com o mesmo mês em 2023, enquanto no Brasil, na mesma métrica de comparação, o crédito avançou 8,3%.

Na Região Nordeste, no 1º trimestre de 2024, o avanço do crédito ocorre devido à expansão tanto das carteiras de crédito das pessoas jurídicas, que registrou aumento de 11,3%, quanto das pessoas físicas, que apontou elevação em 9,1%. O saldo das operações de empréstimos e financiamentos no final do 1º trimestre de 2024, destinado às famílias, representava 70,3% do total, cabendo a parcela restante de 29,7% às empresas.

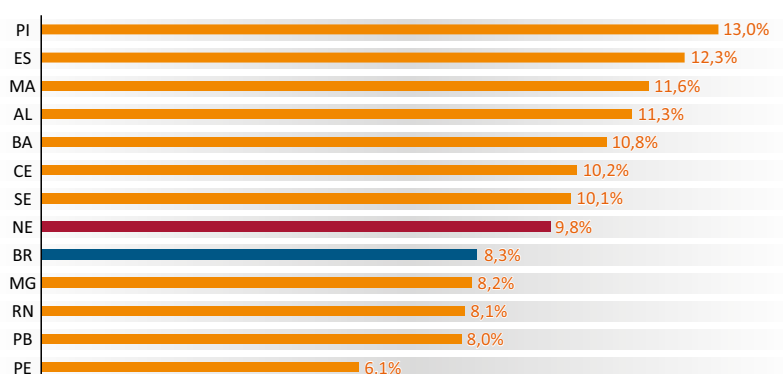
Entre os estados da área de atuação do Banco, as maiores elevações no saldo das operações de crédito ocorreram no Piauí (+13,0%), no Espírito Santo (+12,3%) e Maranhão (11,6%), no mês de março de 2024,

quando comparado com o mesmo mês no ano de 2023. A liderança no avanço do crédito no Piauí, decorre em razão do apetite de crédito das pessoas jurídicas, que cresceu em ritmo de 17,2% no período. Apesar do significativo crescimento, as pessoas jurídicas piauienses possuem 37,0% do crédito total no Estado. O saldo de crédito no Piauí é de R\$ 48,2 bilhões de reais. No montante total de crédito, os principais estados do Nordeste são: Bahia (R\$ 220,2 bilhões), Pernambuco (R\$ 130,6 bilhões) e Ceará (R\$ 126,8 bilhões).

Regionalmente, consideradas as operações acima de R\$ 1 mil, a maior expansão no saldo de crédito em 2024, no acumulado dos últimos doze meses, terminados em março, foi na Região Norte, que registrou crescimento no saldo de crédito de 15,1%. A Região Centro-Oeste, com avanço de 12,7% no saldo de crédito, ficou na segunda posição, enquanto o Nordeste, com crescimento de 9,8%, na mesma base de comparação, ficou em terceiro lugar no crescimento da carteira de crédito, e também superior à média do Brasil (+8,3%).

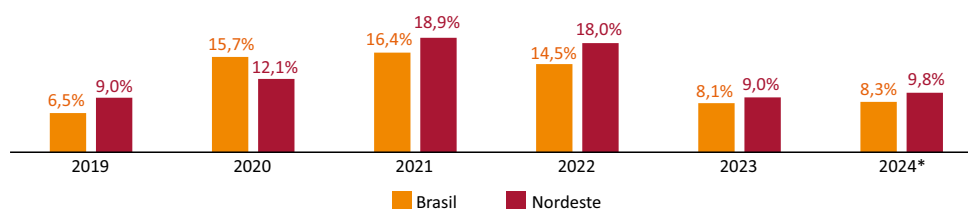
No cenário prospectivo, em função da melhora de indicadores econômicos, como o menor desemprego e a renda em elevação, além do processo de desinflação em curso, devem funcionar como força-motriz para o crédito do Nordeste, que de acordo com as projeções, o saldo na Região Nordeste deve crescer 10,2% em 2024.

Gráfico 8 – Saldo de crédito do Sistema Financeiro Nacional e Estadual - Área de Atuação do BNB – Crescimento Acumulado em 12 Meses % - Março de 2024



Fonte: Banco Central (2024). Elaboração: BNB/Etene (2024).

Gráfico 9 – Saldo de crédito do Sistema Financeiro Nacional e Nordestino – Em 12 Meses % - 2019 a 2024*



Fonte: Banco Central (2024). Elaboração: BNB/Etene (2024).

Tabela 2 – Saldo de crédito do Sistema Financeiro Nacional e Regiões – Crescimento Acumulado em 12 Meses % - 2019 a 2024*

	2019	2020	2021	2022	2023
Brasil	6,5%	15,7%	16,4%	14,5%	7,9%
Nordeste	9,0%	12,1%	18,9%	18,0%	9,0%
Sudeste	4,1%	15,6%	14,9%	10,9%	5,6%
Norte	13,2%	17,9%	27,4%	22,4%	14,1%
Sul	8,7%	19,1%	15,4%	16,2%	7,6%
Centro Oeste	10,0%	17,3%	17,4%	17,8%	12,3%

Fonte: Banco Central (2024). Elaboração: BNB/Etene (2024).

11 Índices de Preços

É sempre bom dar o devido destaque para o fenômeno da inflação, no sentido de que provoca perdas irreversíveis nas rendas das classes trabalhadores, as mais vulneráveis a esse poder de corrosão. Os dados do Relatório Anual de Informações Sociais – Rais, 2022, com os dados de dezembro de 2021, deixam isso claro. Dos trabalhadores cadastrados, na Região Nordeste, 63,4% ganham até dois salários mínimos. Este percentual cai para 51,2% no País como um todo. A ampliação do limite para três salários mínimos, apresenta que 75,4% dos trabalhadores na Região, estão dentro desse limite, índice que cai para 68,5% no Brasil. Fica claro, que os trabalhadores na base da pirâmide social são os que mais sofrem quando os índices inflacionários crescem, ver Tabela 1. Vale a pena acompanhar a evolução dos itens: alimentação no domicílio, gás butano, energia residencial e ônibus municipal, que afetam diretamente as classes menos abastadas.

Tabela 1 – Percentual de Vínculos Empregatícios - Por Faixa de Remuneração – Rais 2021

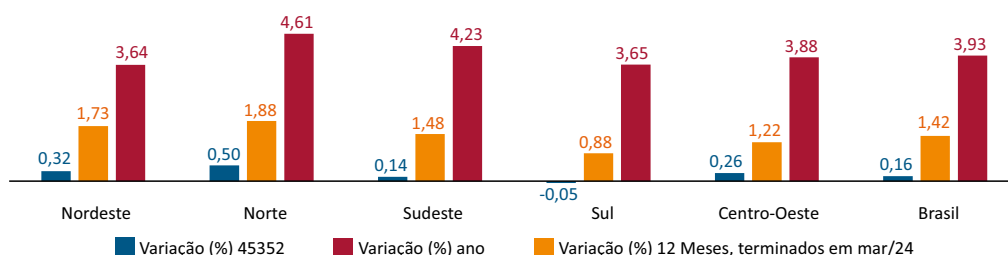
Regiões/Brasil	Até 1 SM	1 SM < x < 2 SM	2 SM < x < 3 SM	Até 3 SM
Norte	9,0	46,3	14,9	70,1
Nordeste	12,7	50,7	12,0	75,4
Sudeste	5,6	42,3	18,2	66,1
Sul	5,3	41,6	22,1	68,9
Centro-Oeste	7,0	42,5	16,1	65,6
Brasil	7,2	44,0	17,4	68,5

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados da Rais 2022, Ministério da Economia. Nota: SM – salário mínimo.

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo:

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo - IPCA de março teve alta de 0,16%, 0,67 ponto percentual (p.p.) abaixo da taxa de 0,83% registrada em fevereiro. No ano, o IPCA acumula alta de 1,42% e, nos últimos 12 meses, de 3,93%, abaixo dos 4,50% observados nos 12 meses imediatamente anteriores. Em março de 2023, a variação havia sido de 0,71%. O IPCA da Região Nordeste (+0,32%) foi duas vezes o índice nacional. Dos nove grupos de produtos e serviços pesquisados, seis tiveram alta em março. A maior variação (0,78%) e o maior impacto (0,18 p.p.) vieram de Alimentação e bebidas. Na sequência, veio o grupo Saúde e cuidados pessoais (0,54% e 0,08 p.p.). No campo negativo, destaca-se a queda em Artigos de residência (-0,22% e -0,01 p.p. e Transportes (-0,07% e -0,01 p.p.). Os demais grupos ficaram entre o -0,06% de Comunicação e o 0,31% de Vestuário. Em março de 2023, o índice regional foi +0,44%.

Gráfico 1 – IPCA (%) – Brasil e Regiões – março, ano, e terminados em doze meses em março de 2024



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2024).

O IPCA no mês: São Luís (+0,81%) tem o maior IPCA entre as capitais pesquisadas. Aracaju (+0,5%) é a terceira, Recife (+0,33%) e Fortaleza (+0,28%), a quarta e quinta. Elas puxaram o IPCA regional, que é o segundo maior no mês, entre as Regiões. O Norte (+0,50%) superou com sobras. A menor variação foi no Sul (-0,05%), seguido pelo Sudeste (+0,14%).

No mês, os dois grupos com maiores impactos, no índice nacional, são os mesmos do índice regional. No Brasil, Alimentação e bebidas e Saúde e cuidados pessoais, respondem por 105,6% do índice nacional, e por 83,6% do IPCA nordestino.

O grupo Alimentação e bebidas tem suas maiores variações no tomate (+31,5%), hortaliças (+8,5%), banana prata (+8,5%), pescados (+3,8%), aves e ovos (+1,9%) e lanches (+1,1%). Produtos farmacêuticos (+0,9%) e planos de saúde (+0,8%), são as principais variações em Saúde e cuidados pessoais. No sentido inverso, Artigos de residência (-0,2%) e Transportes (-0,1%) tiveram deflação. No segundo, a maior queda foi em passagens aéreas (-10,1%), mas a gasolina continuou a subir (+1,2%). A única redução neste combustível foi em Fortaleza (-1,7%), mas não compensou as variações em Recife (+4,1%) e Aracaju (+2,1%).

Tabela 2 – IPCA (%) – Nordeste e Capitais pesquisadas na Região – Março de 2024

IPCA - Grupo Pesquisado	Fortaleza	Recife	Salvador	Aracaju	São Luís	Nordeste	Brasil
Índice Geral	0,28	0,33	0,16	0,50	0,81	0,32	0,16
Alimentação e Bebidas - p.p.	0,18	0,26	0,07	0,13	0,52	0,18	0,11
Habituação - p.p.	0,11	-0,04	0,02	0,08	0,14	0,04	0,03
Artigos de Residência - p.p.	-0,01	-0,02	-0,01	0,01	0,01	-0,01	-0,00
Vestuário - p.p.	0,02	-0,02	0,03	0,03	0,03	0,02	0,00
Transportes - p.p.	-0,04	0,10	-0,11	0,13	0,05	-0,01	-0,07
Saúde e Cuidados Pessoais - p.p.	0,01	0,05	0,15	0,07	0,05	0,08	0,06
Despesas Pessoais - p.p.	0,02	-0,00	0,02	0,04	0,02	0,02	0,03
Educação - p.p.	-0,00	0,01	0,00	0,00	-0,00	0,00	0,01
Comunicação - p.p.	0,00	-0,01	-0,00	0,01	-0,01	-0,00	-0,01

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2024). Nota: p.p. – pontos percentuais (impactos).

A Inflação no ano: No ano, o IPCA regional já acumula +1,73%. São Luís (+2,96%) e Aracaju (+2,34%) ocupam as primeiras posições nas capitais pesquisadas. Fortaleza (+1,81%) e Recife (+1,7%) tem a quinta e a sétima posições, respectivamente. Salvador (+1,26%) tem o menor IPCA no ano, na Região.

Os principais grupos que geraram impactos, tanto no índice nacional (+1,42%) quanto no regional (+1,73%) foram Alimentação e bebidas, Saúde e cuidados pessoais e Educação. São responsáveis por 84,4% do IPCA brasileiro e por 83,4% do nordestino.

Os maiores impactos no grupo Alimentação e bebidas, vieram do arroz (+10,4%), feijão mulatinho (+6,7%), tomate (+29,3%), açúcares e derivados (+3,7%), hortaliças (+19,9%), banana prata (+25,8%), aves e ovos (+4,2%), refeição (+1,5%) e lanche (+1,5%). Produtos farmacêuticos (+2,9%), planos de saúde (+2,3%) e higiene pessoal (+1,9%), são os destaques do grupo Saúde e cuidados pessoais. Em Educação, o grupo pré-escola, ensino fundamental e ensino médio, aumentou, em média, 8,4% no ano.

Tabela 3 – IPCA (%) – Nordeste e Capitais pesquisadas na Região – Até março de 2024

IPCA - Grupo Pesquisado	Fortaleza	Recife	Salvador	Aracaju	São Luís	Nordeste	Brasil
Índice Geral	1,81	1,70	1,26	2,34	2,96	1,73	1,42
Alimentação e Bebidas - p.p.	0,82	0,72	0,64	0,73	1,23	0,76	0,61
Habituação - p.p.	0,30	0,09	-0,25	0,20	0,73	0,07	0,11
Artigos de Residência - p.p.	0,04	-0,04	-0,02	0,03	0,02	-0,00	0,00
Vestuário - p.p.	-0,05	-0,07	-0,04	0,02	0,08	-0,03	-0,01
Transportes - p.p.	-0,12	0,28	-0,03	0,54	0,33	0,10	-0,06
Saúde e Cuidados Pessoais - p.p.	0,29	0,31	0,42	0,26	0,15	0,33	0,25
Despesas Pessoais - p.p.	0,08	0,05	0,12	0,12	0,17	0,10	0,12
Educação - p.p.	0,39	0,31	0,40	0,43	0,21	0,36	0,33
Comunicação - p.p.	0,07	0,05	0,03	0,02	0,04	0,05	0,06

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2024). Nota: p.p. – pontos percentuais (impactos).

A inflação em doze meses terminados em março de 2024: Em doze meses, terminados em março de 2024, o IPCA regional (+3,64%) é menor que a média nacional (+3,93%). O índice regional é o menor entre as Regiões. Os quatro grupos que mais impactaram o índice nacional (Alimentação e bebidas, Habituação, Saúde e cuidados pessoais e Educação, em ordem decrescente de impacto) são responsáveis por 84,4% do IPCA brasileiro e por 83,4% do nordestino.

Transportes e Saúde e cuidados pessoais), são os mesmos do índice regional. Representam 72,7% e 71,8%, respectivamente, do total da inflação.

No grupo Alimentação e bebidas (+2,2% e +0,6 p.p.), as principais variações são da banana prata (+28,2%), arroz (+27,0%), tubérculos, raízes e legumes (+15,8%), frutas (+12,6%), refeição (+4,0% e lanche (+4,3%). Cabe destacar a redução na carne (-9,7%) e no óleo de soja (-19,5%). Em Habitação (+4,2% e 0,6 p.p.), os destaques são de aluguel e taxas (+7,3%) e energia elétrica residencial (+5,2%). No grupo Transportes (+3,2% e 0,6 p.p.), as maiores variações são do transporte público (+5,6%), passagem aérea (+13,7%) e veículo próprio (+3,2%) e gasolina (+2,5%). Os destaques no grupo Saúde e cuidados pessoais são dos produtos farmacêuticos (+9,5%), serviços médicos e dentários (+5,6%), planos de saúde (+10,2%) e higiene pessoal (+1,9%).

Tabela 4 – IPCA (%) – Nordeste e Capitais pesquisadas na Região – Em doze meses, terminados em março de 2024

IPCA - Grupo Pesquisado	Fortaleza	Recife	Salvador	Aracaju	São Luis	Nordeste	Brasil
Índice Geral (%)	4,72	3,23	3,36	4,06	3,29	3,64	3,93
Alimentação e Bebidas - p.p.	0,88	0,57	0,35	0,27	0,52	0,52	0,66
Habitação - p.p.	0,99	0,55	0,32	0,51	1,06	0,59	0,61
Artigos de Residência - p.p.	-0,06	-0,09	-0,07	0,04	-0,15	-0,07	-0,01
Vestuário - p.p.	0,22	0,01	0,16	0,12	0,19	0,14	0,13
Transportes - p.p.	0,78	0,52	0,54	0,75	0,41	0,59	0,76
Saúde e Cuidados Pessoais - p.p.	0,88	0,91	0,99	1,13	0,56	0,91	0,83
Despesas Pessoais - p.p.	0,38	0,38	0,55	0,64	0,50	0,47	0,51
Educação - p.p.	0,60	0,34	0,48	0,58	0,26	0,45	0,42
Comunicação - p.p.	0,04	0,04	0,03	0,03	-0,06	0,03	0,03

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2024). Nota: p.p. – pontos percentuais (impactos).

12 Cesta Básica

A Cesta Básica é calculada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – Dieese em 17 capitais, conforme o Decreto-Lei 399/38, ainda em vigor. Diante da estratificação de renda da população brasileira, a cesta é um instrumento importante para acompanhar a evolução dos preços dos alimentos básicos. Os dados da RAIS (2021) mostram que 63,4% dos trabalhadores nordestinos, com carteira assinada, ganham até dois salários mínimos, e 75,4% até 3 salários mínimos. Grande parte do orçamento desse extrato da população, é destinado a alimentação e despesas de subsistência. Vê-se, então a importância do acompanhamento dos gastos com alimentos básicos.

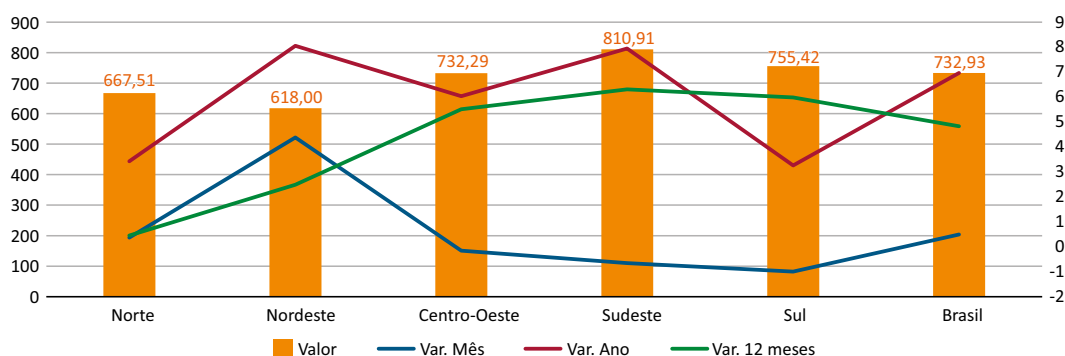
A Região Norte é representada apenas por Belém. Isso causa alguma distorção na análise entre as Regiões, já que as outras são melhor representadas. A Região Nordeste, tem seis capitais na pesquisa do Dieese (67,0%), Centro-Oeste (75,0%), Sul e Sudeste têm todas as capitais na pesquisa.

Cabe destacar a diferença entre a variação da cesta básica com o IPCA da Região. Existem alguns detalhes que diferenciam as duas pesquisas. Na cesta básica, o leite é o integral (UHT), e no IPCA, o leite longa vida, e o em pó, optou-se, no IPCA, pelo leite longa vida. As capitais pesquisadas diferem um pouco, Fortaleza, Recife, Salvador e Aracaju, fazem parte das duas pesquisas. São Luís, no IPCA, e Natal e João Pessoa, na Cesta Básica.

A Cesta Básica do Nordeste é a de menor valor. Ela e a da Região Norte, não tem o item batata. Valem em março de 2024, R\$ 618,00 e R\$ 667,51, respectivamente. Mesmo incluindo a batata, que valia R\$ 33,13, continuariam ainda com os menores preços, R\$ 651,13 e R\$ 700,64, nessa ordem.

Em março, sete capitais tiveram reduções em suas cestas, variando entre -0,34% (Vitória) e -2,47% (Rio de Janeiro). Na Região Nordeste, todas as capitais pesquisadas se encontram com as maiores variações, tendo Recife, a maior variação (+5,81%) e Salvador (+2,62%), a menor. As outras variações são: Fortaleza (+5,66%), Natal (+4,49%), Aracaju (+3,90%) e João Pessoa (+3,32%). Entre as Regiões, o Sul tem a menor variação (-1,00%), seguida pelo Sudeste (-0,66%) e o Centro-Oeste (-0,16%). O Nordeste tem a maior variação (+4,37%), seguido pelo Norte (+0,36%).

Gráfico 1 – Valor (R\$) da cesta básica e variações (%) – Março de 2024 - Brasil e Regiões



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do DIEESE (2024).

A cesta de Fortaleza é a de maior valor (R\$ 663,21), maior que a média em 7,3%, e 19,5%, que a menor (Sergipe).

Tabela 1 – Valor da Cesta Básica na Região Nordeste e Estados Pesquisados

Capitais/Região	Valor	% - Mês	% - Ano	12 meses
FORTALEZA	663,21	5,7	5,2	2,4
ARACAJU	555,21	3,9	7,3	1,7
JOÃO PESSOA	583,22	3,3	7,5	0,6
NATAL	605,32	4,5	8,9	-1,6

Capitais/Região	Valor	% - Mês	% - Ano	12 meses
RECIFE	592,18	5,8	10,1	2,3
SALVADOR	620,12	2,6	10,6	4,9
NORDESTE	618,00	4,4	8,0	2,5

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do DIEESE (2024).

Em março, sete capitais tiveram reduções em suas cestas, variando entre -0,34% (Vitória) e -2,47% (Rio de Janeiro). Na Região Nordeste, todas as capitais pesquisadas se encontram com as maiores variações, tendo Recife, a maior variação (+5,81%) e Salvador (+2,62%), a menor. As outras variações são: Fortaleza (+5,66%), Natal (+4,49%), Aracaju (+3,90%) e João Pessoa (+3,32%). Entre as Regiões, o Sul tem a menor variação (-1,00%), seguida pelo Sudeste (-0,66%) e o Centro-Oeste (-0,16%). O Nordeste tem a maior variação (+4,37%), seguido pelo Norte (+0,36%).

Tabela 2 – Variação na Cesta Básica – Março 2024

Capital pesquisada	Variação %	Posição	Capital pesquisada	Variação %	Posição
Recife	5,81	1,00	Belém	0,36	10,00
Fortaleza	5,66	2,00	Vitória	(0,34)	11,00
Natal	4,49	3,00	Curitiba	(0,47)	12,00
Aracaju	3,90	4,00	Goiânia	(0,60)	13,00
João Pessoa	3,32	5,00	Belo Horizonte	(2,06)	14,00
Salvador	2,62	6,00	Campo Grande	(2,43)	15,00
Florianópolis	1,00	7,00	Porto Alegre	(2,43)	16,00
Brasília	0,78	8,00	Rio de Janeiro	(2,47)	17,00
São Paulo	0,60	9,00			

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do Dieese (2024).

O aumento de +4,37% na cesta nordestina, é explicada, principalmente, pelo crescimento do preço do tomate (+33,1% e impacto de +4,9 p.p.). Ele variou entre, +14,0 (Salvador) e +51,5% (Fortaleza). No sentido inverso, tem-se a variação na carne (-1,3% e impacto de -0,4 p.p.). Ela variou entre -5,9% (João Pessoa) e +2,3% (Aracaju).

No ano, todas as Regiões estão com aumentos em suas cestas. Os aumentos são maiores que a variação do IPCA. Exemplo, enquanto as cestas do Nordeste e Brasil cresceram +8,04% e +6,96%, respectivamente, o IPCA aumentou +1,73% e +1,42%, respectivamente. Alimentação no domicílio, do IPCA nordestino, cresceu +3,7%.

Tabela 3 – Variação na Cesta Básica – Até março de 2024

Capital pesquisada	Variação %	Posição	Capital pesquisada	Variação %	Posição
Salvador	10,58	1,00	Vitória	5,88	10,00
Recife	10,06	2,00	Fortaleza	5,21	11,00
Rio de Janeiro	9,97	3,00	Goiânia	5,11	12,00
Natal	8,86	4,00	Campo Grande	4,63	13,00
Belo Horizonte	8,57	5,00	Curitiba	4,42	14,00
João Pessoa	7,55	6,00	Florianópolis	4,31	15,00
Aracaju	7,34	7,00	Belém	3,42	16,00
Brasília	7,00	8,00	Porto Alegre	1,42	17,00
São Paulo	6,87	9,00			

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do Dieese (2024).

O crescimento de +8,0% na Região Nordeste foi impactada, principalmente, pelos aumentos no feijão (+16,9%), tomate (+34,0%) e banana (25,6%), que representam 98,3% da variação total.

Em doze meses, terminados em março de 2024, a Região Nordeste é a segunda com menor variação (+2,5%). A maior variação é do Sudeste (+6,3%), seguida pelo Sul (+6,0%). A cesta nordestina comparada com o IPCA da Região é menor (+3,6%), mas é maior que o subgrupo alimentação no domicílio +1,6%.

Tabela 4 – Variação na Cesta Básica – Em doze meses, terminados em março de 2024

Capital pesquisada	Variação %	Posição	Capital pesquisada	Variação %	Posição
Rio de Janeiro	10,42	1,00	Goiânia	3,33	10,00
Belo Horizonte	8,85	2,00	Fortaleza	2,36	11,00
Brasília	7,84	3,00	Recife	2,33	12,00
Curitiba	7,11	4,00	Aracaju	1,66	13,00
Florianópolis	6,60	5,00	Campo Grande	1,51	14,00
Salvador	4,86	6,00	João Pessoa	0,63	15,00
Vitória	4,32	7,00	Belém	0,45	16,00
Porto Alegre	4,20	8,00	Natal	(1,58)	17,00
São Paulo	3,97	9,00			

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do Dieese (2024).

Os principais aumentos são do tomate (+16,4%) e da banana (+28,4%). No sentido inverso, cabe destacar a redução no preço da carne (-8,4%). Ela variou entre -6,7% (Recife) e -10,4% (Natal).